UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

Denilson Soares Cordeiro

A formação do discernimento:
Jean Maugüé e a gênese de uma experiência filosófica
no Brasil

São Paulo
2008

Denilson Soares Cordeiro

A formação do discernimento:
Jean Maugüé e a gênese de uma experiência filosófica
no Brasil

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Filosofia do Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em Filosofia sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Eduardo Arantes.

São Paulo
2008

“Não se trata da continuidade pela continuidade,
mas da constituição de um campo de problemas
reais, particulares, com inserção e duração
histórica próprias, que recolha as forças em
presença e solicite o passo adiante.”

[Roberto Schwarz, “Nacional por subtração”, in:
Que horas são?, p. 31]

Agradecimentos

Agradeço primeiramente ao meu orientador Prof. Dr. Paulo Eduardo Arantes pela compreensão e pela orientação sempre precisa e atenciosa.

Agradeço especialmente ao professor Antonio Candido de Mello e Souza pelas ocasiões em que muito gentilmente me recebeu em sua casa para me falar sobre seu antigo mestre.

Agradeço aos parentes de Jean Maugüé: M. Richard, Mme. Annie e Mme. Christine pela doação dos manuscritos do tio, pela cordialidade com que receberam e pelas informações sobre a família, os amigos e os hábitos de Jean Maugüé.

Agradeço à Maria Helena e à Mariê, do Departamento de Filosofia, pela assistência sempre prestativa, pelo trabalho eficiente e pela dedicação.

Agradeço ao meu pai, Antônio Cordeiro Sobrinho [*in memoriam*], que nunca soube e nem me perguntou o que eu estudava, isso me deu uma liberdade inestimável. E à minha mãe, Zilda Soares Cordeiro, pelos cuidados, pelas preocupações, pela compreensão muda dos meus acessos e das minhas idiossincrasias.

Agradeço aos meus irmãos, Mauro, Marli, Márcio e Lilian pela assistência, pelo apoio e pela amizade com que sempre me brindaram nesses anos todos.

Agradeço a colaboração e o apoio de Helena Aparecida Fontes.

Agradeço os meus amigos: Sílvio, Simone, Sophia, Anderson, Flamarion, Alcir, Evandro, Ricardo, Ana e Francisco, Agnaldo, Elisa, Viviana, Pedro e Mariana, Gustavo e Márgara. Múltiplas virtudes sempre me ensinando alguma coisa.

Agradeço ao prof. João Manuel Cardoso de Mello e à profa. Liana Aureliano pela licença parcial de quase oito meses para continuar minha pesquisa, redigir grande parte da tese e tratar da doação e constituição de um acervo com os arquivos de Jean Maugüé no Brasil.

Agradeço ao meu filho, Antônio Fontes Cordeiro, menino alegre e inteligente, por ser sempre compreensivo com o pai e corajoso nos momentos difíceis.

Agradeço a Izilda Johanson pelo companheirismo desde a graduação, por todos os nossos projetos, de vida, de estudo e de trabalho, pela paciência, pelo apoio e, o melhor de tudo, por ter reinventado o amor em mim.

RESUMO

CORDEIRO, Denilson Soares. A formação do discernimento: Jean Maugüé e a gênese de uma experiência filosófica no Brasil. 2008. 000 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

Esta tese pretende estudar a experiência docente e intelectual de Jean Maugüé, membro da missão francesa e responsável pelo curso de Filosofia, a partir de 1935, na recém-fundada Universidade de São Paulo, onde ficou até 1943, quando partiu como soldado para compor as tropas francesas no norte da África, sob o comando, de Londres, do general Charles De Gaulle. O propósito central é identificar tal experiência com a instauração de uma decisiva experiência intelectual e conseqüente constituição de um determinante processo formativo dos estudos filosóficos no Brasil, fundamentalmente em São Paulo. A pesquisa, para tanto, detém-se nas providências tomadas pelo jovem *normalien*, na sua percepção das peculiaridades locais, nas diretrizes estabelecidas para o ensino da filosofia no Brasil, na criação de uma rotina de estudos filosóficos na faculdade e nas primeiras gerações brasileiras de formados pela profilática orientação. Tal processo, como sabemos, seria posteriormente redimensionado pelas novas gerações de professores que ocupariam a cátedra francesa no Departamento de Filosofia da USP, preponderantemente Martial Guérault, em São Paulo entre 1948-50 e, indiretamente, Victor Goldschmidt, professor na Universidade de Rennes.

Palavras-chave: formação, discernimento, ensino, providências.

ABSTRACT

CORDEIRO, Denilson Soares. *Formation of the discernment*. 2008. 000 f. Thesis (Doctoral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

This thesis intends to study Jean Maugüé's intellectual and teaching experience. He was a member of the French Mission and responsible for the course of Philosophy, since 1935, in the just-established University of São Paulo, to where he belonged until 1943, when he left as a soldier to compose the French troops in North Africa, under the command, from London, of general Charles de Gaulle. The innermost intention is to identify such experience with the instauration of a decisive intellectual experience and consequent constitution of a determinative formative process of the philosophical studies in Brazil, basically in São Paulo. The research, to be accomplished, is based in the steps taken by the young normalien, in his perception of the local peculiarities, in the guidelines established for the education of the philosophy in Brazil, in the creation of a routine for philosophical studies in the college and in the first Brazilian generations graduated upon the prophylactic orientation. Such process, as we know, would be later reformatted by the new generations of professors who would occupy the French chair in the Department of Philosophy of the USP, preponderantly Martial Guérault, in São Paulo between 1948-50 and, indirectly, Victor Goldschmidt, professor in the University of Rennes.

Key Words: Formation, discernment, teaching, providences.

Résumé

CORDEIRO, Denilson Soares. Formation du discernement: Jean Maugüé et la genèse d'une expérience philosophique au Brésil. 2008. 000 f. Thèse de doctorat d'Etat – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

Cette thèse prétend traiter de l'expérience de Jean Maugüé comme professeur et intellectuel au Brésil. Membre de la Mission Française et responsable du cours de Philosophie, à partir de 1935, dans l'Université de São Paulo – à l'époque, récemment fondée –, où il est resté jusqu'à 1943, quand il part comme soldat, vers le nord de l'Afrique, pour rejoindre l'armée française, sous le commandement, de Londres, du général Charles De Gaulle. Le propos central est identifier telle expérience avec l'instauration d'une décisive expérience intellectuelle et, en conséquence, avec la constitution d'un déterminant processus formatif des études philosophiques au Brésil, surtout à São Paulo. La recherche a réuni les analyses des providences prises par le jeune normalien, les études de sa perception des particularités locales, des directives établies pour l'enseignement de la philosophie au Brésil, de la création d'une routine d'études philosophiques dans la faculté et dans les premières générations brésiliennes formées par la prophylactique orientation. Tel processus, comme nous le savons, serait ultérieurement redimensionné par les nouvelles générations de professeurs qui occuperaient la chaise française dans le Département de Philosophie de l'USP, surtout, Martial Guérout, à São Paulo entre 1948-50 et, indirectement, Victor Goldschmidt, professeur à l'Université de Rennes.

Mots-clé: formation, discernement, enseignement, providences.

SUMÁRIO

Agradecimentos	4
Resumo	5
Introdução	10
Capítulo I: DIGRESSÃO SENTIMENTAL: fora do texto, dentro da história	28
<ul style="list-style-type: none">• Um Brasil de tipo paulista.• Nossas elites despaisadas.• A expansão cultural francesa.• Uma centelha na República paulista.	
Capítulo II: REVISÃO DO PARAISO: modernidade lá e cá	72
<ul style="list-style-type: none">• Expectativas civilizatórias.• Ilusões perdidas.• Atenuações plausíveis à francesa.• O “Ensino da Filosofia e suas diretrizes”.	
Capítulo III: JEAN MAUGÜE: outro intelectual na linha de frente	97
<ul style="list-style-type: none">• Álbum de família.• O que é a Filosofia?• Discernimento e formação: projeto e providências.	
Capítulo IV: A FILOSOFIA PROFISSIONAL: uma cultura sem fronteiras	153
<ul style="list-style-type: none">• A estrutura do tempo.• As condições da história.• O concerto filosófico das nações.• Plataforma da nova geração.	
À guisa de conclusão	167
Bibliografia	173
Anexos	185

"O homem sem qualidades é aquele que, desembaraçando-se de todas as convenções, as posturas sociais, os conteúdos intelectuais e morais, as máscaras de identidade, os sentimentos e emoções calcados nos difundidos pelo entorno, a sexualidade canalizada nos diques do socialmente aceito, voltando ao grau zero da disponibilidade, construirá sua vida se opondo a todo automatismo e a todo lugar-comum da inteligência, da vida afetiva e do comportamento. No império Austro-húngaro decadente, acossado pelas pomposas pretensões da corte e pelas constantes reivindicações do arquipélago de pequenas e grandes nações e culturas que o compunham, ser um homem sem qualidades, reivindicar apenas a própria disponibilidade sem prévias adesões compulsórias a supostas causas, sagradas ou não, a determinadas normas de conduta, ditadas como eternas e pensadas para reger a sucessão de gerações fugitivas, supostamente idênticas umas às outras, representava não uma forma de egoísmo ou um modo de virar as costas para a realidade, mas uma saudável desconfiança quanto ao consabido, ao irrefletido, ao imposto pela esmagadora inércia do mundo."

[Juan José Saer. "Genealogia do homem sem qualidades".]

"É no olhar para o desviante, no ódio à banalidade, na busca do que ainda não está gasto, do que ainda não foi capturado pelo esquema conceitual geral, que reside a derradeira chance do pensamento. Em uma hierarquia intelectual que incessantemente exige de todos prestação de contas, só a irresponsabilidade é capaz de chamar imediatamente tal hierarquia pelo nome."

[Theodor Adorno. *Minima moralia*, p. 58]

"[...] o fato é que a concepção de filosofia literalmente encarnada por Maugüé pedia as tábuas de um palco sobre as quais pudesse evoluir uma paixão intelectual que se transmitia assim por uma sorte de contágio, como se comunicam os grandes sentimentos, dentre eles o desejo de fazer luz e chamar as coisas pelo nome."

[Paulo Arantes. *Um departamento francês de ultramar*, p. 67]

INTRODUÇÃO

“Para captar a própria continuidade histórica, é forçoso introduzir-se uma pausa momentânea ou um adágio na corrente dos acontecimentos, sem o que mal se poderá notar como nela chegam a enlaçar-se as idéias, os sentimentos ou os atos dos homens.”

[Sérgio Buarque de Hollanda, “O ideal árcade”, in:
Capítulos de história colonial, p. 177]

“O passado da filosofia é sempre presente. A vigência independe da verdade ou não da filosofia em questão.”

[nota de aula do curso Filosofia Geral I,
em 13 de agosto de 1996]

A certa altura de suas conferências no Harvard College, proferidas entre 1967-8, e intituladas *This craft of verse*, Borges, para se referir aos grandes mestres da filosofia, fala sobre a figura de Sócrates nos diálogos de Platão: “[...] podemos dizer que Platão tinha saudades de Sócrates. Depois da morte de Sócrates, ele terá dito a si mesmo: ‘Ora, o que Sócrates diria sobre essa minha dúvida específica?’ E então, a fim de ouvir mais uma vez a voz do mestre, escreveu os diálogos. [...] E quando penso no grande autor judaico-espanhol Rafael Cansinos-Asséns, quando penso em Macedonio Fernandez, também gostaria de ouvir suas vozes. E de vez em quando treino minha voz para imitar as suas vozes, a fim de que possa pensar como eles teriam pensado.”¹

Meu primeiro seminário no curso de Filosofia teve como base um texto de Rudolf Carnap, intitulado “A superação da metafísica pela análise lógica da linguagem”, como parte de uma discussão que se estabeleceria com o seminário sobre o texto “O que é a metafísica?”, de Heidegger. Nossa apresentação procurou refazer o caminho de argumentos e contra-argumentos filosóficos, mas não

¹ BORGES, Jorge Luis. *This craft of verse*. [*Esse ofício do verso*]. Org. Calin-Andrei Mihailescu, trad. José Marcos Macedo. São Paulo: Ed. Cia. das Letras, 2000, pp. 16-7

nos passava despercebido o registro das conseqüências políticas na divergência de princípios que levaria o Círculo de Viena de Carnap e Schilick para o exílio americano e o filósofo da Floresta Negra a deixar-se levar pelo canto de sereia da onda antisemita. Mas, como recomendavam e exigiam, não convinha tentar falar de História em se tratando Filosofia.

Até então, além do rigor da aula – que começava depois do seminário, retraçava os pontos principais dos argumentos em pauta por intermédio de uma espécie de campo magnético estabelecido por uma linguagem torrencial e cheia de circunvoluções, mas clara, peculiar e surpreendentemente concatenada –, era a volta, quase que como um refrão, de um tema que assepticamente a metodologia em voga tentava nos constranger a deixar, por enquanto e estrategicamente, de lado: o Brasil. Nunca como impertinência ou impropriedade sociologizante postiga de quem dissemina proselitismos, mas, ao contrário, com a sofisticação e argúcia de quem não volta ao assunto porque, na verdade, nunca saiu dele. O que permitia afinal manter-se nessa perspectiva?

Por outro lado, um curso que nos lembrava, a todo momento, o nosso lugar de escuta satisfazia, em parte, a necessidade (de alguns, é verdade) de prestar contas sobre o que afinal significava estudar

filosofia num país como o nosso, enalacrado em mazelas ancestrais e, ademais, sem filósofos tidos como clássicos.

Mas foi na disciplina do ano seguinte – continuava assistindo às aulas do primeiro ano, apesar de já ter sido aprovado –, que comecei a entender um pouco melhor os procedimentos de aula de Paulo Arantes. O curso começava com uma afirmação mais ou menos assim: o que vamos estudar neste semestre vai, com sorte, nos ajudar a ler melhor os cadernos de cultura da imprensa. Os dois principais autores tematizados no curso eram, nada mais, nada menos do que Bento Prado Jr. e Oswaldo Porchat. E, surpresa geral, alguns dos textos estavam publicados em jornais! Mas e os “clássicos”? Perguntavam os fiéis do método. *Et alors, comment fait-on avec l’ordre des raisons?* E os comentadores? O pânico vinha misturado com um certo regozijo de neófito, no meu caso, que esperava pelo eletrizante próximo capítulo. E o final foi realmente apoteótico: a última aula teve a presença dos próprios filósofos, *eux-mêmes*! Bento à esquerda e Porchat à direita do mediador. “Prefácio a uma filosofia”, “Por que rir da filosofia?”; “O conflito das filosofias”, “Por que filósofo?” O que antes tínhamos visto em potência agora se mostrava diante de nós em pleno ato.

Foi nesse clima de redimensionamento da compreensão do que poderia significar o estudo da filosofia, que comecei a aprender sobre

a importância de Jean Maugüé no Brasil. E sobre o que logo comecei a entender como uma espécie de linhagem intelectual da qual fazia parte, dentre outros grandes, os intelectuais do célebre Grupo Clima.

Tendo passado por alguns difíceis momentos de compreensão dos arrevesados métodos didáticos, de ajustes no regime de estudo, de revisão de prioridades, necessidades e perspectivas críticas e de assimilação da etiqueta estruturalista, ouvir falar de um certo francês que era capaz de trazer questões da ordem do dia para a sala de aula e, com isso, introduzir seus alunos nos problemas filosóficos não deixava de chamar muito a atenção, e, ao mesmo tempo, ser uma espécie de bálsamo para a inteligência, tendo permanentemente de se conformar com demandas de ordem quase que exclusivamente filológicas. Isso trazia algum consolo aos alunos que, como eu, queriam aprender o “idioma” de cada filosofia sem deixar, contudo, de querer considerar o que de vivo podia surgir delas, além de entender as raízes, as encrencas, os problemas e as possíveis vantagens do escandaloso e persistente atraso brasileiro.

O projeto, portanto, passou a ser investigar o misterioso professor francês. Como Maugüé não tinha obra filosófica publicada, só um suposto livro de memórias, que não estava disponível, ficavam expandidas a curiosidade e as dificuldades. Sob a influência da tradição livresca da faculdade e das prerrogativas da leitura

estrutural, *et pour cause*, de uma tendência à sacralização dos textos, acrescida por uma experiência de quase três anos no trabalho de organização de arquivos literários, no IEB-USP, onde participei, sob a orientação da profa. Telê Porto Ancona Lopez, da organização do catálogo da correspondência passiva de Mário de Andrade, tudo isso fez com que eu concebesse como via de pesquisa a busca de um possível arquivo pessoal em posse da família, em Paris, onde, com sorte, talvez pudesse encontrar parte das provas materiais da atuação de Maugüé no Brasil. Graças às economias que empreendi durante uma braçada de meses, à paridade real-dólar, a ajuda inestimável de alguns amigos e de alguma sorte, foi o que fiz na França, entre outubro de 1996 e fevereiro de 1997. Oficialmente fui recomendado, como pesquisador, ao *Institut de Textes et Manuscrits Littéraires – ITEM-CNRS*, onde participei de um ciclo de seminários sobre metodologia de edição de manuscritos de correspondências literárias, sob a coordenação do prof. Loïc Chotard, biógrafo renomado e professor na Sorbonne.

Paralelamente a esse trabalho com manuscritos e ao empenho em organizar um projeto de pesquisa para começar a pós-graduação, procurei a família de Jean Maugüé. Àquela altura, os deuses da mocidade ainda me protegiam e fizeram com que a família de Maugüé relevasse os meus deslizes com relação ao protocolo e os creditasse todos na conta já de dimensões avantajadas dos pecados

da juventude. Em determinado momento de hesitação na minha afobada (porque cheio de espanto) exposição sobre “Maugüé e o Brasil”, a senhora que estava mais próxima de mim saiu com essa gentileza que me pôs tão à vontade quanto cheio de gratidão: “Vamos, não tenha receio de enriquecer o francês com o seu sotaque e as saborosas expressões de seu idioma!”

A lida com manuscritos inéditos, no IEB, dentre as múltiplas e ricas lições que sempre me trouxe, calhava bem com a necessidade de cautela nos primeiros contatos com os possíveis e até prováveis manuscritos que encontraria em poder da família de Maugüé. Antes de visitá-los, tinha tomado a precaução de encontrar o exemplar de *Les dents agacées* (o livro de memórias de Maugüé, publicado pela Buchet Chastel) e estudá-lo. Quando conversei com a família, tudo parecia um pouco menos estrangeiro e, depois da gentileza, mais familiar também. Será possível avaliar a minha surpresa quando me mostraram um armário de parede-toda cheio de pastas, caixas e papéis. Mas eles também foram cautelosos e me perguntaram: “o que o senhor gostaria de ver especificamente?” E foi o que me mostraram: manuscritos com a transcrição dos cursos, uma pasta que continha umas duzentas páginas cuidadosamente datilografadas e uma etiqueta com o título manuscrito: *La mauvaise conscience*; uma cópia dos manuscritos das memórias, com outro título: *La coupable innocence*, além de cópias de algumas cartas. Depois que

saí de lá, minha vontade foi de tentar conseguir com o IEB espaço para organizar um fundo de manuscritos Jean Maugüé, assim eu poderia fazer uma proposta oficial à família. E é esta uma das tarefas nas quais ainda estou trabalhando².

A experiência no trabalho em arquivos fez aumentar em mim a supervalorização do texto, isto é, ao ponto de um tipo de comportamento frente a ele que chegava quase a impedir qualquer autonomia reflexiva. Assim “atado”, li, inicialmente, os textos de Maugüé pensando mais no trabalho de edição, como se isso fosse condição necessária e suficiente sem o que toda reflexão poderia estar de antemão impossibilitada. Naquele momento não teria condições de ser diferente, visto que a abrangência das relações entre Maugüé e o Brasil estavam na idéia que eu concebia limitadas a uma, dentre muitas, contribuições pedagógicas à jovem Universidade de São Paulo. Isso quer dizer que eu não pensava para além dos muros da universidade, perpetuando um certo conjunto de procedimentos em relação aos quais as providências de Maugüé viriam justamente a se contrapor.

Se minha orientação estiver certa, compreendendo melhor a história do desenvolvimento de toda essa trama de relações que

² A família consentiu em doar todo o espólio de Maugüé, desde que garantidas a formalização da transferência e o adequado acondicionamento de todo o material pela universidade.

emanam das diretrizes de Maugüé, as condições que o levaram a fazer o que fez, e as conseqüências do seu empenho, então aí eu teria a possibilidade, em contraposição, de compreender no que tinha se transformado o campo de reflexão e, *strictu sensu*, de especialização profissional no qual estava ingressando. De imediato, pela leitura das memórias, não era fácil atinar para o alcance da história que me era contada à maneira dos bons narradores literários. Mesmo assim fui identificando o mesmo prazer das boas aulas e das boas lições com as vozes narrativas pelas quais já tinha apego cativo.

À trama de questões e assuntos que passaram a arejar minhas preocupações pelas novas leituras, aulas e discussões, em determinado momento, somaram-se às conversas-aula com meu amigo Silvio Rosa. Foi se completando em mim o caminho de estabelecimento de um certo discernimento que reforçava ainda mais, dentre outras coisas, minha confiança nas propostas e realizações de Maugüé em São Paulo: tudo poderia ser revisto, na verdade, como expressão de uma condição histórica específica. Comecei a tirar conclusões: sendo assim, então deveria repor em fuso histórico todos os problemas para, no reordenamento, compreender melhor tanto causas, limites, quanto conseqüências. Os livros *Departamento francês de ultramar* e *Sentido da formação* formaram o lastro onde procurei fundar minhas hipóteses.

Procurei ler as Memórias de Maugüé como quem lê um romance. E, efetivamente, *Les dents agacées*, penso, é composto como uma obra literária, cujo gênio expositivo-memorialístico encontramos, por exemplo, em Proust, nos diários de André Gide, nas intrincadas e infinitas tramas romanescas de Balzac, na prosa filosófico-literária de Sartre, e nas auto-análises de Freud. Os manuscritos dos cursos, chamados por ele de "*Qu'est-ce que la philosophie?*", li-os como uma revelação em forma de lições sobre a formação do discernimento, espécie de concretização dos princípios estabelecidos por ele no "O ensino da Filosofia e suas diretrizes", de 1935. Mas ainda sentia que carecia de outros termos de comparação que me permitissem enxergar e realçar as particularidades e diferenças do curso de Maugüé em relação ao *modus operandi* em voga. Claro, a solução foi recorrer aos pais-fundadores da escola hegemônica em curso: Victor Goldschmidt e Martial Guérout.

Cumpre ressaltar que ainda concebo essa minha aproximação de Jean Maugüé também como resultado de insatisfações. Ora como tentativa de buscar alternativas às conseqüências do desgaste da aplicação de um modelo educacional, aquele que acomete muitas vezes o próprio Departamento de Filosofia da USP e, com mais força, o ensino em toda a universidade. Refiro-me, no primeiro caso, à idéia de pensar um projeto de pesquisa em chave distinta da cartilha da especialização urgente, do peiperismo (quase) inócuo e a qualquer

preço, da monotonia e esterilidade dos cursos *pro forma*, do carreirismo exclusivo e do clientelismo ostensivo. Pela outra parte, a que se estende salvo engano a todo o ensino, a de tentar criar resistência à marcha arrevesada das coisas: das inúmeras concessões à sensibilidade instável e temperamental do chamado mercado, da determinação externa de orientações de pesquisa e afins no âmbito do ensino público, das formas perversas de relação com empresas e interesses financeiros, do descaso com a destruição do ensino público em todos os níveis, do desrespeito com a história de dedicação e empenho e de todos aqueles para quem a universidade era e ainda pode ser um lugar de estudo, pesquisa e convivência intelectual honesta e pautada pelo respeito e pela formação rigorosa e conseqüente. Essa crise e o combate que ela demanda foram expressos, ao modo dos estudantes, na organização do Núcleo de Estudos Jean Maugüé, em 1996; e, depois, na *Revista Dissenso: Revista dos Estudantes de Filosofia*. O Núcleo se pretendia transdisciplinar³, inclusive com representantes de estudantes da Unicamp e da Unesp. A Revista se inspirava na Revista Clima,

³ Esta opção terminológica, assim como a que se seguirá no próximo parágrafo, está baseada na discussão sobre os fundamentos epistemológicos da transdisciplinaridade tematizados tanto pelo Centre International de Recherches et Études Transdisciplinaires (CIRET-CNRS), quanto pelo Centro de Educação Transdisciplinar da USP (CETRANS-USP). Aqui, portanto, o projeto da transdisciplinaridade está principalmente interessado na dinâmica engendrada pela ação de diferentes níveis de compreensão da realidade vinculados às diferentes disciplinas, aos diferentes campos do conhecimento, cujo germe e projeto já estava presente, a seu modo, nas principais orientações e providências de Maugüé no Brasil.

nascida, conforme nos lembra Antonio Candido na entrevista anexa a esta tese, nos encontros dos cursos de Jean Maugüé.

O Núcleo de Estudos Jean Maugüé expressou, desde o princípio, o compromisso de universitários brasileiros com vistas a dar sua resposta a um desafio crescente: à cisão entre, por um lado, a *dimensão especializada* que, hegemônica, condena o estudante a se tornar um técnico a serviço da raquítica dieta profissional dos dias de hoje, e por outro lado, a *dimensão multidisciplinar*⁴ que, cada vez menos concreta, deveria permitir a um formando tratar de assuntos suscetíveis de interessar a todo mundo, ou seja, pronunciar-se de modo inteligível acerca de tudo aquilo que assumisse significado para uma vida *nova e justa*.⁵

Nos termos dessa perspectiva se justifica largamente, penso, a pesquisa, a homenagem e o resgate que os membros do núcleo fizemos a Jean Maugüé, para quem a filosofia deveria ser também um modo de viver melhor. O estudo de um caso como esse poderia suscitar um conjunto de questões pertinentes e, ao mesmo tempo, tributárias de uma certa, interessante e necessária posição de autonomia do pensamento. E, gostaria de frisar, esta tese pretende

⁴ Um tipo de abordagem que pretende poder ultrapassar as fronteiras disciplinares, mas com uma orientação crítica baseada em um quadro de referência intelectual definido e discutido no grupo.

⁵ *Caderno do Núcleo de Estudos Jean Maugüé*, publicado em novembro de 1996, p. 7

ser um dos resultados diretos desse influxo e espero ter tido êxito no propósito de, à minha maneira, retomando a perspectiva borgiana citada no início dessa apresentação, treinar “a minha voz para imitar as suas vozes, a fim de que possa pensar como eles teriam pensado” e, acrescento eu, melhor refletir sobre as questões do meu tempo.

*

Na primeira parte do seu “Índios e mamelucos”⁶, Sérgio Buarque descreve as habilidades e astúcias dos paulistas para descobrir e marcar caminhos e fronteiras: “donos de uma capacidade de orientação nas brenhas selvagens, em que tão bem se revelam suas afinidades com o gentio, mestre e colaborador inigualável nas entradas, sabiam os paulistas como transpor pelas passagens mais convenientes as matas espessas ou as montanhas aprumadas, e como escolher sítio para fazer pouso e plantar mantimentos. [...] Um sistema de sinalização convencional nada seria, porém, sem o socorro de um espírito de observação permanentemente desperto e como só se desenvolve ao contato prolongado com a vida nas selvas. Essa espécie de rústico alfabeto, unicamente acessível a indivíduos educados na existência andeja do sertanista, requer qualidades pessoais que dificilmente se improvisam.” Se me for permitido expandir os sentidos dessas considerações para o terreno das idéias, então poderia dizer que os caminhos sinalizados a partir dos quais

⁶ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Caminhos e fronteiras*, p. 19 e ss.

pretendi guiar minhas pesquisas podem ser expressos como: para um estudo conseqüente da constituição, rotina e caminhos das atividades instauradas por Jean Maugüé neste *Departamento francês de ultramar*, o fio da meada está enfiado no sentido da formação que funcionaria como uma das “veredas de pé posto” pelas quais um imbricado sistema de referências forneceria uma espécie de mapa crítico-bibliográfico de orientação com o qual eu poderia tentar me orientar na realização do trabalho de pesquisa. E foi o que tentei empreender. Estructurei a exposição dos resultados em quatro momentos básicos.

O primeiro capítulo intitulei **“Digressão sentimental: fora do texto, dentro da história”**, cujos subtítulos dão a medida do percurso que pretendi retratar: “reformas por um Brasil de tipo paulista”; “O desejo de modernidade de nossas elites despaisadas”, “O projeto francês de expansão ultramarina” e “Uma centelha *normalienne* na República paulista”. O fio da exposição se orienta pela apresentação dos três principais fatores de organização cultural em São Paulo naquele momento dos anos 30 e, com a privilegiada conseqüência, a presença dos professores franceses na criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. Acrescentei um retrospecto sobre o surgimento e as principais presenças francesas no Rio de Janeiro e Porto Alegre. A perspectiva aqui, como sugerida no subtítulo geral, é a de que a filosofia até então não era estudada

dans le texte, mas sob os influxos das veleidades ideológicas em voga o que lhes condenava no nascedouro, quando muito, a uma data de validade excessivamente estreita, quando não ao completo disparate. Significa aqui delinear mais a situação de precariedade do âmbito cultural em relação ao tipo de elite que caracterizava o Brasil de então do que pretender sugerir ou recompor qualquer idéia de contexto, panorama ou pano de fundo.

À segunda parte, **“Revisão do paraíso: a atenuação plausível à francesa”**, em referência à idéia de que da expectativa civilizatória dos professores franceses às efetivas condições da sociedade brasileira, foram necessárias revisões, adaptações e considerações sobre os principais projetos e sobre os obstáculos, as ilusões perdidas, os ajustes e o redimensionamento das atividades deles no Brasil. No âmbito da filosofia, é esse o momento da instauração de uma reviravolta e do estabelecimento conseqüente de um inédito processo de formação no ensino e no estudo. É, portanto, onde as providências que toma um professor francês na periferia do capitalismo assumem o caráter decisivo e emancipatório em relação aos persistentes e nem sempre conscientes equívocos historicamente condicionados na situação narrada no capítulo anterior.

O terceiro capítulo chama-se **“Jean Maugüé: um intelectual na linha de frente”**. É onde procurei, depois de considerações de

matiz biográfico, analisar alguns dos textos de Maugüé, dentre eles, o mais importante: "O ensino da filosofia e suas diretrizes". Procedi também a uma seleção de excertos dos manuscritos das aulas baseado nas comparações e coincidências com os programas dos cursos dados por Maugüé no Brasil. Disso resultou uma antologia aqui transcrita e analisada. Dos elementos ali apurados procedi a uma comparação com a análise do programa apresentado no capítulo anterior e a considerações sobre algumas hipóteses de leitura tanto acerca da disposição de Maugüé como "professor milagroso" quanto em relação ao percurso reflexivo desenvolvido nas aulas e nos textos aqui tematizados. Por fim, procurei relacionar as providências de Maugüé ao surgimento da militância crítico-política do Grupo Clima e, em especial, à idéia de formação do discernimento.

No plano de continuação da colaboração francesa com a USP e, em especial, com o departamento de Filosofia no pós-guerra, o quarto capítulo tematiza **"A Filosofia profissional: uma cultura sem fronteiras"**, sobretudo a partir dos seus principais pontos de apoio: o artigo "Tempo histórico e tempo lógico na interpretação dos sistemas filosóficos", de Victor Goldschmidt, e "Filosofia da história da filosofia", de Martial Guérault. Ambos referidos e divulgados no Brasil por iniciativa do professor Oswaldo Porchat. O primeiro traduzido e incluído na edição brasileira de *A religião de Platão*; no prefácio à sua própria tradução, Porchat enfatiza a importância dos dois textos como

fontes únicas e seguras de orientação científica no estudo da filosofia. Procuro analisar o estabelecimento das orientações baseadas no que ficou conhecido, pelo lado de Goldschmidt, como “método estrutural” e, pelo lado de Guérault, como “tecnologias de leitura”, a partir do fim dos anos quarenta e começo de cinqüenta, no Departamento de Filosofia da USP.

*

Este é um trabalho em certa medida fora dos parâmetros convencionais adotados para teses em departamentos universitários de filosofia, pois apesar de haver aqui um autor estudado, não há, contudo, um sistema filosófico, nem mesmo uma obra que se equiparasse à de um *vrai philosophe*. Grande parte do material é inédita, uma outra não está disponível em bibliotecas brasileiras, uma terceira nem obra é, pois ainda em estado de manuscritos, cartas e documentos. Talvez isso seja um modo diferente, mas não menos fértil, de estudar e ver as coisas, e ainda pouco explorado nas nossas letras filosóficas. Contudo, penso, pode ser um caminho promissor na medida em que a timidez da nossa filosofia ainda leva muitos bons intelectuais a entregarem quase tudo de mão beijada às suas pantagruélicas gavetas e, por outra via, afinal, justificada pela famosa lição: “Ninguém, além de nós, poderá dar vida a essas tentativas muitas vezes débeis, outras vezes fortes, sempre tocantes, em que os homens do passado, no fundo de uma terra inculta, em

meio a uma aclimação penosa da cultura européia, procuravam estilizar para nós, seus descendentes, os sentimentos que experimentavam, as observações que faziam, – dos quais se formaram os nossos”. Mas, ainda bem, nem sempre são pelos grandes caminhos que se fez e faz a filosofia; terá havido na sua longa história do pensamento certos trilhozinhos, “caminhos feitos por pé de pouca gente”, como escreveu Mia Couto, nos quais o conhecimento deu verdadeiros saltos.

I.

DIGRESSÃO SENTIMENTAL

fora do texto, dentro da história

“Deve-se admitir que nessas épocas iniciais a compreensão justa das realidades, as maiores probabilidades de determinar e criar o futuro, o verdadeiro manancial de energias ativas, não estavam nos costumes naturalmente mais policiados [...], estavam certamente nessa incorporação necessária de numerosos traços da vida do gentio, enquanto não fosse possível uma comunidade civil bem composta, segundo os moldes europeus.”

[Sérgio Buarque de Holanda, *Caminhos e fronteiras*, pp. 21-2]

“Porque com o declínio do velho mundo rural e de seus representantes mais conspícuos essas novas elites, a aristocracia do “espírito”, estariam naturalmente indicadas para o lugar vago. Nenhuma congregação achava-se tão aparelhada para o mister de preservar, na medida do possível, o teor essencialmente aristocrático de nossa sociedade tradicional como a das pessoas de imaginação cultivada e de leituras francesas.”

[Sérgio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, p. 164]

1.1 – Reformas por um Brasil de tipo paulista.

A idéia de fundação da Universidade de São Paulo foi resultado de uma conjunção de interesses e fatores. Dentre os interesses internos, foram mais repisados aqueles centrados na “campanha educacional” de Júlio de Mesquita Filho, à frente do jornal O Estado de S. Paulo. O propósito era reagir à política educacional do governo federal⁷. Como fator local, é possível identificar o clima de renovação cultural proveniente da década de 20 e expresso pelo recente movimento modernista como responsável pela germinação que resultaria, dentre outras importantes mudanças, na campanha pela criação de uma universidade em São Paulo⁸. Capítulo que, no entanto, ficou mais à sombra foi aquele relativo aos interesses franceses em expandir suas relações e influências sobre a América Latina⁹.

⁷ Irene Cardoso, *A comunhão da universidade paulista*. São Paulo: Ed. Cortez. Especialmente na nota 39, pp. 63-4, ao capítulo II, “As campanhas do jornal O Estado de S. Paulo”, há um balanço bibliográfico sobre as iniciativas que estiveram na base do projeto educacional que resultaram na fundação da USP. A ênfase principal é nos fatores internos e ligados à perspectiva educacional.

⁸ Antonio Candido, “A revolução de 1930 e a cultura”, in: *A educação pela noite*, pp. 181-98.

⁹ Fernanda Peixoto, *Estrangeiros no Brasil: a missão francesa na USP*, dissertação de mestrado. Sobre o capítulo II, “O Brasil, os franceses e a USP”.

A década de 1930 no Brasil foi uma época atravessada pelo otimismo de que havia aqui uma nação em franco processo de desenvolvimento; ainda que marcado pelo atraso, o "potencial" brasileiro como "país novo" orientava as melhores perspectivas em relação ao futuro. "Tudo aqui estava por ser feito", como reconheceu Maugüé já nos primeiros meses de sua longa estada brasileira. Em agosto de 1936, Fernand Braudel, atendendo a uma solicitação dos estudantes para a Revista do Grêmio da FFCL-USP, aceitou publicar um ensaio chamado "O conceito de país novo", no qual comparava o Brasil com a Argélia. Dessa caracterização, ressaltava a idéia de que pelo ponto de vista econômico "país-novo é aquele que importa homens, capitais, produtos manufaturados e que é suficientemente rico de possibilidades para arcar com essa tríplice sobrecarga."¹⁰ No entanto, comparativamente à existência dos homens dos países velhos, cujas "existências decorrem numa linha precisa, enquanto que as dos homens dos países novos estão sob o império do ziguezague e da imprecisão da mocidade"¹¹, o Brasil estava por isso ainda em substantiva desigualdade. Se podia ser promessa de desenvolvimento por um lado, por outro, a condição "do império do ziguezague e da imprecisão" não deixava margens para tanta celebração e crédito; quase tudo ainda estava por ser feito.

¹⁰ Fernand Braudel. "O conceito de país-novo". In: *Revista Filosofia, Ciência e Letras*, Revista do Grêmio da FFCL-USP, 1936, p. 7.

¹¹ Idem, *ibidem*, pp. 8-9.

Sob a onda desse entusiasmo que ora funcionava como afirmação nacionalista ora assumia o caráter de justificativa ideológica, no entanto, o “Brasil de tipo paulista” imaginado pelos legisladores da aristocracia do espírito¹² passava pela ilusão retrospectiva ilustrada de que dotar a instrução pública de São Paulo do poder aglutinador e, em seguida, irradiador de cultura de uma universidade resultava em gênero de primeiríssima necessidade, sem o que o maior problema nacional, o da educação, não poderia ser solucionado e o sonho da modernidade regrediria a pesadelo colonial. A alentada investigação coordenada por Fernando Azevedo, chamada de *Inquérito sobre a Instrução Pública em São Paulo* (IIPSP), de 1926, tornou-se a base empírica do diagnóstico que legitimava a posição e o desejo dos membros da chamada “Comunhão Paulista” de ter uma universidade.

Fernando Azevedo e Julio de Mesquita Filho constataram, com razão, a ausência de uma política de educação norteadas mais por princípios – que levaria a uma evolução orgânica do aparelho de ensino – do que submetida às variáveis segundo a fantasia e os caprichos individuais e tendências as mais das vezes criadas não por

¹² Charles Beylier classificou esse grupo como o *clan de l’avenida São João*. No entanto, a meu ver, excede quando enfeixa ramos de distintos matizes e agrupa pessoas como Júlio de Mesquita Filho, Mário de Andrade, Antônio de Alcântara Machado, Paulo Duarte e Sérgio Milliet. A cambulhada se justifica, no entanto, pela intenção de caracterizar a *bourgeoisie éclairée de São Paulo* no estudo que realizou sobre a obra brasileira de Roger Bastide.

convicções de uma elite orientadora, mas por circunstâncias políticas na composição precária dos governos. Tornou-se urgente e indispensável, portanto, uma refundição de todo o sistema de ensino em vigor, deficiente e desconexo, no sentido de uma organização unitária inspirada nos mais altos interesses nacionais. Só assim, percebia o grupo do Estado e manifestava-se oficialmente, seria possível transformar o aparelho de ensino em um instrumento de coesão e ação política.

A educação foi tomada, sobretudo, como educação pública. A universidade passava a ter basicamente duas funções numa sociedade como essa: a) formação do professorado (secundário e superior); b) formação, preparo e aperfeiçoamento das classes dirigentes (função superior e inalienável). Pelas suas responsabilidades políticas e pela sua expansão econômica, São Paulo ocuparia uma posição decisiva no enfrentamento e solução do problema universitário. Estava armado o programa paulista de combate ao déficit educacional brasileiro e às políticas do governo federal.

Quando Armando de Salles Oliveira foi nomeado interventor público do Estado de São Paulo, sancionou o projeto paulista e, ademais, realizou o desejo do cunhado, Julio de Mesquita Filho, concedendo a criação de uma universidade sob a cura, gestão

orçamentária e abrangência do Estado estabelecida no município. O Partido Republicano Paulista, principal oponente do grupo político de Armando Salles, o Partido Democrático, criticou e se opôs à decisão sob o argumento de que seria propiciar à cidade um tipo de luxo dispensável para o qual sequer havia recursos públicos.

A configuração dessas tensões, projetos e disputas vinha lastreada em medida considerável pelos efeitos das conquistas das vanguardas modernistas, cujas revisões, mudanças de mentalidade, de comportamento, de perspectivas políticas e estéticas prepararam o caminho para o alastramento nacional que a revolução de 1930 propiciaria. Tanto as reformas no ensino, como as de Lourenço Filho, no Ceará, em 1924; de Francisco Campos, em Minas Gerais, em 1927; de Fernando Azevedo, no Distrito Federal, em 1928¹³; de cunho essencialmente leigo, público e concentrada em posições muito mais progressistas do que o dogmatismo religioso até então predominante, quanto a militante renovação artística modernista manifesta, por exemplo, na Exposição de Anita Malfati, em 1917; na de Vicente do Rego Monteiro, em 1920; na Semana de Arte Moderna, de 1922; na exposição de Lasar Segall, em 1924 e 27; de Tarsila do Amaral, em 1929; na mostra da Escola de Paris, em 1930; e de Portinari, em 1931¹⁴, formaram a base a partir da qual o arco das questões

¹³ Cf. Antonio Candido, "A revolução de 1930 e a cultura", p. 182.

¹⁴ Cf. Gilda de Mello e Souza, "Vanguarda e nacionalismo na década de vinte", p. 251.

essenciais que orientavam o pensamento local precisou expandir-se até o limite da auto-reflexão e reconsiderar os sentidos envolvidos nas idéias de autonomia e formação nacional¹⁵.

A partir do alargamento acarretado, em princípio pródigo de choques, divergências e enfrentamentos, à medida que vai ganhando adeptos, defensores e disseminadores, o que era transgressão vai sendo paulatinamente assimilado pela sociedade como direito, depois costume e passa a abrigar uma nova ordem de demandas, isto é, passa, por exemplo, à fase de institucionalização das mudanças, ao período de fortalecimento do rumo das idéias que atinge a própria arquitetura e dá corpo à organização antes abstrata das novas concepções no plano concreto e material das instituições. Na medida, portanto, em que requer seus direitos na hierarquia social, solidifica a conquista política e abre ainda mais espaço para as transformações antes restrita ao plano das reivindicações. Evidentemente, com o perdão da lapalissada, os caminhos são sempre de mão dupla, quero dizer, do projeto para o desenvolvimento e vice-versa, sob a diretriz dialética e constitutiva do processo que envolve idéias e ações, formação econômica e matéria social, tradição e emancipação.

¹⁵ "Manifestado especialmente pela arte, mas manchando também com violência os costumes sociais e políticos, o movimento modernista foi o prenunciador, o preparador e por muitas partes o criador de um estado de espírito nacional [...] e exigia a reverificação e mesmo a remodelação da Inteligência nacional." Mário de Andrade, "Movimento modernista", in: *Aspectos da literatura brasileira*, p. 231.

Mas a ilusão compensadora do nosso gigantismo não tinha nada a ver com o empuxo necessário para atingir as fundas raízes do nosso atraso, embora tal miragem já estivesse em fase de eclipse pela "consciência catastrófica" de nossa renitente dependência. Apesar de todas as reformas, e talvez por isso mesmo, como nos lembra Antonio Candido, "tratava-se de ampliar e melhorar o recrutamento da massa votante, e de enriquecer a composição da elite votada. Portanto, não era uma revolução educacional, mas uma reforma ampla, pois no que concernia ao grosso da população a situação pouco se alterou."¹⁶ Ainda assim, como melhorias, convém reconhecer que a partir disso o sistema em formação, se se completasse, uma hora poderia deixar de girar em falso¹⁷ e gerar a força que desencadearia sua própria transformação de base, isto é, a mentalidade reformista e, no final, ainda conservadora criaria condições, como o fez, para aquele encontro sobre o qual Paulo Arantes assim se refere: "Não se poderia prever maior pontualidade num encontro que ninguém marcara: modernistas veteranos, professores franceses e jovens intelectuais em estado de atualização

¹⁶ Antonio Candido, *op. cit.*, p. 183-4. Em outra ocasião, o mesmo autor reconheceria nas ideologias do séc. XVIII acerca do progresso e da perfectibilidade infinita do homem a origem da "idéia [brasileira] dominante dos liberais, entre as duas guerras, de que a instrução universal e obrigatória ampliaria ao máximo o corpo votante e que, uma vez instituído o voto secreto, ele estaria livre das manipulações oligárquicas e poderia, instruído e independente, levar o país a grandes destinos. Esta teoria generosa e ingênua pressupunha uma população homogênea redimida por aquelas panacéias." In: "Professor, escola e associações docentes", palestra na Associação de Professores de Língua e Literatura, 8 de dezembro de 1979.

¹⁷ Cf. o perverso sistema do "enorme rodar em falso que constitui grande parte das publicações contemporâneas, estimuladas pela indústria do papel e o frenesi da novidade." In: Antonio Candido, "Professor, escola e associações docentes."

acelerada.”¹⁸ Não um tiro no pé, nem um tiro pela culatra, antes uma certa circunstância historicamente condicionada que pôs o tiro possível na mosca do seu melhor alvo.

1.2 – O desejo de modernidade das elites despaisadas.

“a França eterna, estendendo a sua mão
dignificadora ao império francês sobre o mar.”

[Dante Costa, *Itinerário de Paris.*]

Numa crônica de 16 de abril de 1893, Machado de Assis, referindo-se a uma polêmica carioca que envolvia uma espécie de reforma moralizante no Rio de Janeiro na qual os quiosques foram os alvos da vez por serem lugares de venda de bebidas alcoólicas e onde, diziam, havia muita vadiagem e brigas, assim encaminha a caracterização das condições em pauta:

“[...] tudo o mais pode ser dito em prosa, nesta prosa nua e chã, como a alma do prosador. Que metro é preciso para contar que vamos perder os quiosques? Dizem que o conselho municipal trata de acabar com eles. Não quero que morram, sem que eu explique cientificamente a sua existência. Logo que os quiosques penetraram aqui, foi meu cuidado

¹⁸ Paulo Arantes, “Certidão de nascimento”, p. 86.

perguntar às pessoas viajadas **a que é que os destinavam em Paris, donde vinha a imitação**¹⁹; responderam-me que lá eram ocupados por uma mulher, que vendia jornais. Ora, sendo o nosso quiosque um lugar em que um homem vende charutos, café, licor e bilhetes de loteria, não há nesta diferença de aplicação um saldo a nosso favor? A diferença do sexo é a primeira, e porventura a maior; a rua fez-se para o homem, não para a mulher, salvo a rua do Ouvidor. O charuto, tão universal como o licor, é uma necessidade pública. Não cito o café; é bebida nacional por excelência. Quanto ao bilhete de loteria, esse emblema da luta de Jacó com o anjo, que é como eu considero a caça à sorte grande, pode ser que a venda dele nos quiosques diminua os lucros do Beco das Cancelas; mas o beco é triste, não solta foguetes quando lhe saem prêmios, se é que lhe saem prêmios. Os quiosques alegram-se quando os vendem, e é certo que os vendem em todas as loterias.

“Não obstante, lá vão os quiosques embora. Assim foram as quitandeiras crioulas, as turcas e árabes, os engraxadores de botas, uma porção de negócios da rua, **que nos davam certa feição de grande cidade levantina**. Por outro lado, se Renan fala verdade, **ganhamos com a eliminação, porque tais cidades, diz ele, não têm espírito político, ou sequer municipal; há nelas muita tagarelice, todos se conhecem, todos falam uns dos outros, mobilidade, avidez de notícias, facilidade em obedecer à moda, sem jamais inventá-la**. Não; vão-se os quiosques, e valha-nos o conselho municipal. Os defeitos ir-se-ão

¹⁹ Grifo meu, assim também para os que se seguem neste trecho.

perdendo com o tempo. Ganhemos desde logo ir mudando de aspecto.
[...]"²⁰

Na acuidade perceptiva e privilegiada, revela-se um feixe de traços que podem, penso, iluminar a condição socialmente alastrada. Da notícia dos quiosques emerge, sutilmente, o modelo: a França e, em seguida, o modo de assimilação dele: a imitação. Quer dizer, o irrefreável e, segundo a opinião predominante, necessário cacoete mimético era teleguiado pelo paradigma das soluções extraordinárias, isto é, francesas. No entanto, a adaptação local exigia uma revisão do projeto original, aqui, como se lê, os tais quiosques nem serviam para a venda de jornais, muito menos eram ocupados por mulheres. A dignidade da utilidade pública, da disseminação da informação e dos avanços sobre as questões da participação feminina nos limites e na configuração do espaço público na concepção francesa tiveram de ceder lugar, no transplante brasileiro, às exigências e sinuosos contornos das demandas locais. Como produtos: charuto, licores, café e bilhetes de loteria; como protagonista: o homem; como resultado: de saída, o desserviço da desordem pública, depois, a dose de reforço que dá ao caráter de fracasso intrínseco às opções apressadas e mal conduzidas das tentativas de alcançar "certa feição de grande cidade".

²⁰ Machado Assis. *A semana*, pp. 225-6.

Mas a tônica da "notícia" machadiana está em dizer que justamente é isso que o conselho municipal estava à beira de combater com a proibição dos quiosques. A estreiteza da preocupação moralizante imediata, apesar de poder ser a manifestação superficial vicária de razões mais fundas e pouco confessáveis, com isso, atingia, sem se dar conta, parte essencial da perspectiva condicionante de alguns dos renitentes desvios das sociedades em busca de organização e de automatismos de múltiplas formas: falta de espírito público e político, interesses e projetos amesquinhados, adiposidades retóricas, criatividade anulada e obediência naturalizada ao que é feito fora do país.

A lembrança do que dirão, menos na letra do que no espírito, sobre assuntos semelhantes muito mais tarde, por exemplo, Sérgio Buarque e, depois, Lévi-Strauss é imediata. Sobre a idéia do modelo a ser imitado, os trechos tomado a Sérgio Buarque e aqui postos como epígrafe de abertura do capítulo fornecem a medida da aproximação. Além desses, já nos primeiros parágrafos de *Raízes do Brasil* podemos ver ainda:

"A tentativa de implantação da cultura européia em extenso território, dotado de condições naturais, se não adversas, largamente estranhas à sua tradição milenar, é, nas origens da sociedade brasileira, o fato dominante e mais rico em conseqüências. Trazendo de países distantes

nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas idéias, e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra. Podemos construir obras excelentes, enriquecer nossa humanidade de aspectos novos e imprevistos, elevar à perfeição o tipo de civilização que representamos: o certo é que todo o fruto de nosso trabalho ou de nossa preguiça parece participar de um sistema de evolução próprio de outro clima e de outra paisagem.”²¹

O Brasil nasce importador e, por mais que os resultados dos implantes possam acarretar sinais de enriquecimento, o balanço gradativamente se revela comprometido pela marca postiça da falta de enraizamento de soluções de longo prazo na paisagem nacional. O adensamento e a multiplicação dos âmbitos para onde essa heurística arrevesada do transplante ostensivo se alastra confunde-se com a própria extensão territorial, tanto a geográfica quanto a mais metafísica. Dos nossos sistemas de objetos, passando pela ordem institucional e pela pauta de políticas públicas até o plano projetual do vanguardismo estético a reboque (porque houve pelo menos um de matiz emancipatório, como tentarei expor mais adiante), a impregnação massificada do culto às modas vigentes fazia ainda mais remota a possibilidade de ajuste a um "sistema de evolução" em consonância com as coordenadas históricas e sociais do Brasil.

²¹ Sérgio Buarque, "Fronteiras da Europa", in: *Raízes do Brasil*, p. 31.

Reportemo-nos, para destacar as semelhanças com o antropólogo francês, os seguintes trechos, mais relacionados, por seu turno, à “feição de cidade grande” como resultado efêmero do expediente:

"[...] nossos estudantes queriam saber tudo; em qualquer domínio que fosse, somente a teoria mais recente é a que lhes parecia merecer ficar retida. [...] Nesse caso, o mais adequado seria falar de moda, mais do que de cozinha: idéias e doutrinas não ofereciam a seus olhos um interesse intrínseco, consideravam-nas como instrumentos de prestígio sobre o qual era preciso assegurar a primazia. Partilhar uma teoria conhecida por outros equivalia a portar um vestido já visto."²²

Ao que tudo indicava, portanto, parecia grassar no Brasil um desejo, uma necessidade e um costume generalizado de imitação, o que, dentre outras conseqüências, acarretava um *ethos* peculiar minado de antemão pelo risco iminente de cair na condição adversa de “uma vida inteira de pastiches inconscientes”. A distinção pelo prestígio social cifrado nas roupas e renovado pelas modas dava o tom ao diapasão que (des)afinaria igualmente o interesse dos estudantes de toda parte e por isso mesmo também da recém-nascida universidade em São Paulo. Um passo adiante na dispersão acima referida e que, ademais, subterraneamente não nos

²² Claude Lévi-Strauss, *Tristes tropiques*, p. 115.

abandonaria nem nos momentos mais imaginativos e produtivos de aumento da tensão intelectual das iniciativas de autonomização.

Mário de Andrade, em texto publicado no Diário da Manhã de Recife, em 16 de abril de 1936, respondendo a uma enquete sobre a influência francesa no Brasil, escreve:

"[...] o Brasil se engrandeceu, tanto no sentido de se nacionalizar e adquirir consciência e uso dos caracteres, constâncias, tendências que lhe são próprios, como no sentido de se universalizar e adquirir consciência e uso das riquezas espirituais do mundo. [...] Se é certo que nos domínios da filosofia o Brasil nunca teve pensadores originais (de resto não existem propriamente filosofias nacionais...), no domínio das ciências, já possuímos institutos que são verdadeiros núcleos de pesquisa e cultura brasileiras, independentes de qualquer influência estrangeira [...] O Brasil nacionalizou os seus artistas. Se Cubismo, Expressionismo, Futurismo, Politonalismo, Surrealismo, ainda têm eco entre nós, a reprodução deles em nossos meios artísticos é sempre dotada dum 'rúim' curioso, que tem pelo menos a benemerência de ser um 'rúim' nacional. E é sempre meio caminho andado pra atingirmos o 'bom' nacional. [...]"

"Mas nos dias que correm, com a desmedida avançada cultural dos Estados Unidos sobre nós, eu desejo livremente afirmar que a influência francesa foi benemérita, e ainda é a melhor, a que mais nos equilibra, a que mais nos permite o exercício da nossa verdade psicológica nacional, a que menos exige de nós a desistência de nós mesmos. Ao passo que a influência

espiritual norte-americana sobre nós, apesar da grande admiração que eu tenho pela cultura dos Estados Unidos, será péssima e prejudicialíssima. O espírito norte-americano não apresenta nenhum ideal normativo de equilíbrio, de contenção, de liberdade (nossa) que nos seja utilizável. E pela distância psicológica profunda, e pela diferença econômica que já nos reduz a um estado de servidão, se as condições políticas do mundo não mudarem depois da guerra, a influência norte-americana sobre nós não se contentará de ser influência: será domínio. E nos obrigará por muitos anos a uma desistência quase total de nós mesmos.”²³

Ainda que reconhecendo a condição de que a França “dominou colonialmente o Brasil”, Mário ressalta o valor a ser reconhecido no “espírito francês” como uma influência que permitiria o surgimento de condições necessárias de transição do que Mário de Andrade chama de “um ruím nacional” para o “bom nacional”, mas também como um tipo de cultura que nunca nos impôs “uma desistência de nós mesmos”. O mesmo aspecto positivo da idéia de transição necessária foi lembrado, pelo menos em duas passagens, por Antonio Candido (cf. anexo I): “ Nós fomos a passagem, nós fomos a passagem do Brasil autodidata para o Brasil, vamos dizer, estudioso; do Brasil diletante para o Brasil profissional. Nós fomos a transição [...]”. E: “[Maugüé] não era filósofo, mas ensinou decisivamente num país de não filósofos. Porque era a transição necessária para a instalação da Filosofia [no Brasil].” Era fundamental, portanto, para semear

²³ Mário de Andrade, *Vida literária*, p. 3.

condições de superação da dependência inicial que se garantissem meios convenientes de assimilação e de aprendizado. As idéias de influência, de modelo e de paradigma contidas no fenômeno da imitação precisam, por isso, ser reconsideradas sob a perspectiva de sua ambivalência constitutiva, pois seria ilusão e mesmo equívoco supor a mera necessidade de supressão. Há aquelas necessárias, inevitáveis e até desejáveis, imanentes ao processo de relacionamento intercultural, seja em país dependente ou não. Mas, por outro lado, o contato que reforça a dependência cultural e vinca ainda mais as feições do atraso, como aquele baseado nos recursos comunicativos da chamada *mass media*, de valores duvidosos, desmobilizam e corrompem as bases sobre as quais poderia se fundar o processo de formação de qualquer tipo de discernimento.

As influências do primeiro tipo são decisivas no desenvolvimento cultural, promovem um tipo fecundo de participação, contribuem formação nacional autônoma, compõem uma diversidade e densidade inteligentes e de assimilação recíproca e acabam por resultar na justificação crítica das aproximações e na superação da atitude de receio e na ampliação dos princípios de tolerância e admiração. Em revanche, as influências que escondem o espectro da dominação e da submissão traduzem-se em cópia servil, idéias fora do lugar, desajustes entre necessidades reais e desejos transitórios, provincianismo renitente, aristocratismo compensatório

em país colonial, adesão automatizada às modas, incapacidade imaginativa e autodesprezo e desprestígios pelos assuntos locais²⁴.

O projeto de expansão francesa vinha a calhar com o gosto local de uma parcela importante da sociedade brasileira à qual Mário de Andrade enquadrava sob a rubrica de nossas "elites despaisadas". O mesmo não se daria com a influência norte-americana, a partir da qual, já renunciada em 1936, Mário antevê o tipo de condição que aguardaria o Brasil em relação ao crescente avanço do poder dos Estados Unidos.

Isso quer dizer que a nossa elite órfã de uma nação buscava pelas vias tortas da confusão entre universal e estrangeiro, entre inspiração e submissão, entre colaboração e dependência, o lugar ideal que lhe permitisse adentrar no sonhado mundo da "modernidade", aliás, nada mais contraditório. A idéia de orfandade aí, como precário termo substituto e talvez excessivamente metafórico, poderia fazer supor que teria havido antes uma nação, mas a intenção expressiva foi a de sugerir que parecia grassar uma espécie de miragem que condicionava uma expectativa político-paternalista das elites, proveniente, salvo-engano, do sentimento de pertencer aos moldes europeus. Aliás, a mesma insinuação está presente, assim penso, na expressão de Mário de Andrade.

²⁴ Cf. Antonio Candido, "Literatura e subdesenvolvimento", in: *A educação pela noite*, pp. 151-8.

Sabemos que, assim expressas, tais pretensões estão na contra-mão do próprio projeto da modernidade, pelo qual “a crítica da idolatria e a deliberação de pensar autonomamente”²⁵ colocavam em questão inclusive todo o valor da tradição. Mas se não perseguia efetivamente o escopo moderno pelo desejo manifesto, revelava, pela superficialidade e fugacidade dos interesses, pelo caráter passageiro e postiço dos projetos e pela marcada descontinuidade das idéias e realizações, a expressão involuntária dos atributos da modernidade. A mentalidade em voga acabaria por se resumir, de maneira recorrente, naquilo para o que Paulo Arantes alertou como um dos resultados desse tipo de equívoco: “apenas mais uma tentativa de melhoria da vida moderna”, o que, no entanto, não era pouco, mas irrisório quando comparado à dimensão maior do que estava em jogo. O “ruim” ficava piorado e ínvios ainda mais os rumos para qualquer “bom” que se pretendesse nacional. Neste quadro, não podia se configurar nenhuma transição, muito menos necessária.

De modo híbrido e muitas vezes contraditório, havia, no entanto, dimensões nas relações entre o Brasil e a França nas quais o processo de organização das influências caminhava até relativamente bem.

²⁵ Franklin Leopoldo e Silva, “Universidade: a idéia e a história”, in: *Ensino superior: conceito e dinâmica*, p. 285.

1.3 – O projeto francês de expansão ultramarina.

Em 1908, reuniu-se pela primeira vez o *Groupement des Universités et Grandes Écoles de France pour les relations avec l'Amérique Latine*²⁶, no sentido de dar continuidade e expandir as relações intelectuais entre a França e a América Latina, e, em particular, tal escopo se traduzia em “promover a universidade e a ciência francesas no exterior”. O programa básico era “manter e desenvolver as afinidades intelectuais entre os latinos da América e os franceses, organizar uma colaboração metódica das universidades e Grandes Escolas francesas e americanas, e, por outro lado, tornar a América Latina ainda mais conhecida na França”²⁷.

O grupo era mantido pelo *Fond pour l'expansion universitaire et scientifique de la France à l'étranger*, criado em 1912 pelo *Ministère des Affaires Étrangères* e, depois, a partir de 1919, passou a ser financiado pelo *Service des oeuvres françaises à l'étranger*. A Aliança

²⁶ O *Groupement* era presidido por Louis Liard, vice-reitor da Universidade de Paris. Os conselheiros eram: Paul Appell (presidente, matemático e *doyen* da Faculdade de Ciências Médicas de Paris e futuro reitor da Academia), Émile Bourgeois (historiador e professor na Sorbonne), Larnaude (professor da Faculdade de Direito), Henri Le Châtelier (físico), Louis Olivier (diretor da *Revue Générale des Sciences*), Pelletan (sub-diretor da Escola Nacional de Minas) e o físico Lucien-Poincaré (diretor do ensino secundário do Ministério da Instrução Pública). Guy Martinière e Jacques Chonchol, *L'Amérique latine et le latino-américanisme en France*, pp. 60-1.

²⁷ Fernanda Peixoto Massi. *Estrangeiros no Brasil*, dissertação de mestrado, p. 29 e ss.

Francesa, criada em 1889, como um dos serviços foi beneficiada e ganhou novo impulso com essas iniciativas.²⁸

Além do *Bulletin de la bibliothèque américaine*, de 1910, o *Groupement* organizou um *Comité d'accueil aux étudiants étrangers*, do qual fazia parte George Dumas, e criou um *Livret de l'étudiant en France*, distribuído pelos serviços consulares em toda a América Latina.

George Dumas [1866-1946] foi o principal responsável pelos acordos educacionais com os paulistas para a constituição e colaboração de uma missão de professores franceses para a fundação da universidade em São Paulo. Intelectual de origem protestante, construiu sua carreira entre a medicina e as letras. Após a conclusão de seus estudos secundários no liceu de Nîmes, ingressou aos 20 anos na École Normale Supérieure (Letras) e diplomou-se em 1886. Suas relações com o Brasil se intensificaram a tal ponto, pelo seu “influxo coordenador e ação construtiva”, nas palavras de Antonio Almeida Jr., que já em 1937 tinha recebido o título de “Cidadão Nacional”, pelo Estado do Rio de Janeiro e receberia logo depois o título de *doutor honoris causa* pela Universidade de São Paulo.²⁹

²⁸ Jean-Paul Lefèvre, “Les missions universitaires françaises au Brésil dans les années 1930”, p. 25

²⁹ Cf. “O professor George Dumas na USP”, nos *Archivos do Instituto de Educação*, n. 4, 1937, pp. 217-225.

Desde os anos 20, importantes instituições culturais francesas entram em funcionamento no Brasil: 1922, o Instituto Franco-Brasileiro de Alta Cultura; em 1925, viriam em visita ao instituto: o próprio Georges Dumas, Germain-Martin, Paul Janet e um certo Marchoux; ainda nesse mesmo ano, aconteceu a fundação, em São Paulo, do Liceu Franco-Brasileiro³⁰; no ano seguinte, Georges Dumas voltaria ao Brasil em visita ao liceu; em 1927, foi criada a cadeira de Estudos Brasileiros na Sorbonne³¹.

Havia, portanto, pelos franceses pronunciado interesse político e cultural, foram organizados grupos institucionais, concebidos programas de colaboração e estabelecimento de acordos, criados fundos de assistência e fomento, bolsas de estudo, publicações periódicas, guias de orientação, instituições de base e suporte e cátedras³² para viabilizar, legitimar e efetivar a expansão francesa no Brasil. Isso também viria se beneficiar da predominante simpatia nacional pela França.

³⁰ Hoje Liceu Pasteur. Há no livro de Irene Cardoso uma reconstituição dos elementos principais envolvidos nos debates sobre a criação do liceu francês em São Paulo, sobretudo em relação às recomendações feitas por George Dumas a partir das graves lacunas da instrução pública paulista. De acordo com Júlio de Mesquita, ele [Dumas] estava perfeitamente a par das lacunas do nosso ensino secundário e achava que deveríamos iniciar o movimento pela reforma do ensino de humanidades. Já via ele – e com carradas de razão – que sem um ensino secundário que preparasse os alunos de forma a torná-los capazes de haurir os ensinamentos a lhes serem ministrados na universidade, nada se conseguiria." [discurso de 8 de abril de 1961, in: O Estado de S. Paulo]. De acordo com Jean Paul Lefèvre: "criações decisivas, visto que é precisamente por intermédio desses institutos e de suas estreitas relações com a Universidade de Paris que o ensino superior francês pôde, pouco a pouco, tomar lugar no Brasil." *Op. cit.*, p. 25.

³¹ Fernanda Peixoto, *op. cit.*, p. 33.

³² A mesma cátedra que, no Departamento de Filosofia da USP, seria ocupada por Jean Maugüé.

Nos anos 30, de acordo com Lévi-Strauss, “um francês poderia se sentir em casa no Brasil. Todo brasileiro um pouco cultivado falava francês.”³³ Para um outro membro da missão francesa, Paul Arbousse-Bastide: “na época vigorava, ainda, a universalidade da língua francesa, o que chegou a nos surpreender [...] Sem ser grã-finos, nossos alunos tinham um conhecimento suficiente do francês. O mesmo não ocorreu com os professores italianos e alemães que chegaram conosco.”³⁴

No plano político francês, 1935 foi o ano de organização do *Front populaire*. As causas de seu rápido êxito político foram múltiplas, dentre as quais, geralmente se destacam: a crise econômica, a ascensão de Hitler, a progressiva concentração de renda, a instabilidade governamental, a existência das ligas de extrema direita, o exército cada vez mais numeroso e manifestações antiparlamentares. Neste momento, a institucionalização dos acordos culturais franceses com outros países ganhou determinante avanço³⁵, pois ainda que os jovens professores franceses fossem potencialmente suspeitos pelas suas posições predominantemente de esquerda, ao governo brasileiro, a presença deles no Brasil vinha suprimir uma necessidade cuja constatação e fundamento eram

³³ Claude Lévi-Strauss, *Tristes tropiques*, p. 116.

³⁴ Paul Arbousse Bastide, “Depoimento”, in: *Revista Língua e literatura*, p.

³⁵ Jean Touchard, *La gauche en France depuis 1900*, pp. 200-6.

originários de um novo tipo de organização da inteligência nacional orientada e resultante das conquistas modernistas.

No ano seguinte e já como consequência daquela política de acordos, no Rio de Janeiro, foi fundada a Universidade do Distrito Federal, graças ao empenho de Anísio Teixeira, então secretário estadual de educação. No entanto, por suas posições políticas mais à esquerda do que apreciaria o governo de Vargas, Anísio Teixeira e Afrânio Peixoto, reitor da universidade carioca, foram afastados. Para compor o corpo docente e já sob o ministério do católico Carneiro Pacheco, foram convidados, ainda por Afrânio Peixoto, com o auxílio de George Dumas, um importante grupo de professores franceses³⁶. Em 1939, ainda no então Distrito Federal, seria criada a Faculdade Nacional de Filosofia, igualmente sob controle oficial de Getúlio Vargas. A exigência do governo brasileiro, de novo tendo Georges Dumas como principal elo de colaboração, era de que os professores franceses³⁷ deveriam estar ligados à igreja e não acarretarem nenhuma “perturbação à situação intelectual local” (sic)³⁸.

³⁶ Émile Bréhier (filosofia); Eugène Albertini (história); Henri Hauser (história); Henri Troncon (história); Gaston Lédur (lingüística); Pierre Deffontaines (geografia) e Robert Garric (literatura).

³⁷ Fizeram parte dessa nova missão: Poirier para substituir Gouthier (filosofia); Ombredonne (psicologia); Jacques Lambert (sociologia); Fortunat Strowski (literatura francesa); André Gros (política); Gilbert (geografia humana); Antoine Bon (história antiga e medieval); Maurice Byé para substituir François Perroux

³⁸ O quadro I, organizado por Fernanda Peixoto e aqui reproduzido no final do capítulo, apresenta o nome de todos os professores e o período que passaram no Brasil. Os dados sobre a fundação da Faculdade Nacional de Filosofia e da Universidade do Distrito Federal foram extraídos de Simon Schwartzman, *A formação da comunidade científica no Brasil*. Para uma minuciosa reconstituição da fundação da Universidade do Distrito Federal, ver VICENZI, Leticia Josephina

Pierre Deffontaines, Robert Garric e François Perroux estiveram também em São Paulo, "os únicos da turma que tinham contato com o Rio, nós não, lá era Getúlio.", segundo o depoimento citado de Paul Arbousse-Bastide.

E o que completa esse circuito seletivo das missões francesas de colaboração com o ensino superior brasileiro é a fundação da Universidade de Porto Alegre, em 1934. A Faculdade Livre de Direito, criada em 1900, que viria se juntar à recém-criada universidade gaúcha, tivera antes um célebre aluno: o então presidente Getúlio Vargas, de cujo ministério da educação viria a seleção da curta missão francesa gaúcha, limitada à cadeira de sociologia, com Jacques Lambert, entre 1937 e 1938, e a cadeira de economia política, com Maurice Byé, em 1937. Logo viria também Arminatore Fanfani, em 1938. Além desses, alguns dos membros das missões do Rio e São Paulo, sobretudo Paul-Arbousse Bastide e Pierre Deffontaines, visitavam regularmente e davam conferências na capital do Rio Grande do Sul. As restrições, como referi acima, continuavam sendo a colaboração de tipo "neutra", isto é, católicos e "agnósticos" políticos.

Braga de. "A fundação da Universidade do Distrito Federal e seu significado para a educação no Brasil". *Forum Educacional*. Rio de Janeiro, v.10, n.3, jul./set. 1986.

Os franceses encontraram colocações em pontos estratégicos e era necessária a colaboração tático-pedagógica deles. Quanto a isso, em matéria de influências, o Brasil caminhava no melhor sentido na relação com o país-fonte, aprendia-se a participar da cultura humanística geral, superava-se o provincianismo impeditivo, lidava-se com obstáculos que reais e perdia-se assim o medo de repensar a concepção de autonomia, mas, acorrentados sob a sombra persistente de ainda assim nem de longe ser possível escarafunchar as raízes profundas da dependência, ampla, geral e (quase) irrestrita.

1. 4 – Uma centelha *normalienne* na República paulistana

A perspectiva dos egressos da ENS sempre fora de prestígio social e profissional e, comumente, passavam a compor uma importante parcela dos chamados formadores de opinião e, por conseqüência, da elite intelectual francesa. Ao concluírem a agregação, passavam a estar vinculados ao Ministério da Educação pelo qual, por sua vez, recebiam atribuições de aulas e funções pedagógicas nas escolas francesas. As opiniões de alguns dos importantes ex-alunos do final da década de 20 estavam, no entanto, longe do consenso sobre o sistema de formação da *École* e seu prestígio institucional. Sartre, por exemplo, considerava muito mais decisivos e melhores os livros do que os cursos:

"Éramos vinte e cinco na École Normale – uma promoção – tínhamos uma biblioteca maravilhosa, horários de trabalho, quartos para dormir, algum dinheiro para a diversão. Estimávamos mais os livros do que os cursos – era verdade – e nosso modo de manifestar era simplesmente não assistir aos cursos. Fui à Sorbonne uma única vez em um ano, quando os estudantes de Direito decidiram boicotar o curso de um professor do qual eles não gostavam das idéias."³⁹

Raymond Aron, amigo de turma de Maugüé, no entanto, maravilhava-se com o prestígio representado pela inteligência ali reunida e da qual começava a fazer parte.

"Minha primeira impressão da rua d'Ulm, confesso mesmo sob o risco de parecer ridículo, foi o maravilhamento. Hoje ainda, se me colocassem a questão: por quê? Responderia com toda sinceridade e ingenuidade: nunca encontrei tantos homens inteligentes reunidos em tão poucos metros quadrados."⁴⁰

Seja pela oposição, seja pela adesão, a École reunia grande parte dos homens que fariam parte da história geral da Terceira República. Apesar de pessoalmente mais próximo de Aron, Maugüé, como se verá, estava mais para a opinião de Sartre, de

³⁹ Jean-Paul Sartre [turma de 1924 da ENS], "entrevista ao *Nouvel Observateur*", 19-26 junho de 1968.

⁴⁰ Raymond Aron [turma de 1924 da ENS], *Mémoires*, p. 40

quem fora *camarade* e com quem compartilhou posições políticas e uma certa versão heterodoxa do marxismo⁴¹. Em suas memórias, Maugüé chamou suas experiências iniciais, como professor, pelos liceus do interior da França de “odisséia provincial”: esteve primeiro em Tulle (1932), de onde se licenciou para trabalhar durante um ano no jornal *Écho de Paris*. Depois, foi para Montluçon (1933-4). E, em novembro de 1934, recebeu o convite de Georges Dumas para vir ao Brasil.

Na narrativa acerca desse momento de sua formação notamos como são predominantemente relatadas experiências e descobertas de leituras, de reflexões de cunho introspectivo e de estudos. O terceiro capítulo de suas Memórias abre-se ao leitor com uma epígrafe tomada ao Eclesiastes, XII, 1: “*Jeune homme, réjouis-toi dans ta jeunesse... mais sache que pour tout cela, Dieu t’appellera en jugement.*”. Um reconhecimento das privilegiadas condições da juventude seguida de uma advertência enigmática sugerindo comedimento e prudência. Nada mais inócuo para o jovem, nada mais inútil para o velho. A prudência do alerta não atinge o jovem justamente porque está eclipsada pelos infinitos horizontes da idade; a lição não mais adianta ao ancião porque não há mais nenhum tempo que permitisse aplicar a experiência. Portanto, talvez não seja orientação para, digamos, os extremos, mas de alguma serventia

⁴¹ Cf. entrevista com Antonio Candido como anexo I a esta tese.

ainda para aqueles que já tendo ultrapassado o limite da juventude não chegaram, contudo, às raias da senilidade. É esse o momento em que a maturidade vinca as feições do rapaz com os traços definitivos do homem e a travessia da vida exige que cada um tome conta das rédeas de seu próprio curso. É, penso, o momento em que Maugüé vai fisgar da lembrança esse que deve ter sido um divisor de águas na sua vida intelectual e sentimental, e que provavelmente justifique a confissão que a certa altura toma a seguinte forma: "foi todo um equilíbrio que para mim foi rompido."

O terceiro e talvez dos mais importantes capítulos de *Les dents agacées* está dividido em pelo menos seis grandes blocos de assuntos. Não foram evidentemente assim separados pelo autor, mas para analisá-los e comentá-los respeitei a ordem em que aparecem, utilizando para melhor apresentá-los títulos por mim atribuídos: 1. Os estudos e as amizades no liceu Condorcet; 2. A paixão por Denise Lévi-Oppenheim; 3. A entrada na *École Normale*; 4. Experiências: riqueza, poder e mulheres; 5. O exame de agregação; 6. A leitura de Freud e Marx. Como já é possível notar, selecionei esse capítulo para uma interpretação mais detida por conter, a meu ver, o núcleo de formação intelectual e pessoal de Maugüé. Aqui mais claramente é possível enxergar em gênese o futuro passageiro do Mendoza e responsável pela seção de Filosofia da recém-fundada USP.

Três *camarades* marcaram essa fase no liceu Condorcet: Jacques Heurgon, Raymond Aron e Daniel Lagache. As afinidades eletivas⁴² aqui eram, dentre outras, o prestígio conquistado junto aos professores, o elevado grau das ambições, o sucesso escolar e, por isso, a força da inteligência. Os professores então eram principalmente: Charles Salomon, latinista; Hyppolite Parigot, crítico literário do jornal *Temps*; André Cresson, filósofo. A trama prossegue no sentido das primeiras impressões do recém-reçu sobre o ensino e o estudo no *khâgne*, fase de estudos preparatórios para a universidade: "Meus deuses tinham sido Balzac, Sthendal, Rembrandt. Eu não precisava estar no *khâgne* para amá-los, e mesmo para compreendê-los. Eu sabia instintivamente que não era o amor nem mesmo a inteligência que eu trazia deles que eu encontraria nas aulas, mesmo se me tivessem dito que estudaríamos Racine ou Molière."⁴³ O jovem Maugüé já tinha perdido algumas ilusões. Mesmo as sólidas e célebres instituições do ensino leigo francês estavam, para as preferências e exigências do seu gosto, sob suspeita. Mas o que importa ressaltar é que havia uma espécie de plataforma intelectual organizada, isto é, um repertório formativo e erudito respeitável na bagagem do jovem *liceen*. De qualquer modo, Maugüé percebia o valor da trabalho em andamento e admitia: "tinha

⁴² O uso aqui da clássica expressão "afinidades eletivas" inspira-se no sentido goetheano, tomado, como sabemos, das ciências naturais, cujo sentido participa das idéias de atração, inclinação e envolvimento afetivo. Os elementos enunciados na seqüência procuram descrever os pontos de convergência que catalizava a combinação fraterna dos personagens.

⁴³ *Les dents agacées*, p. 41.

perdido muito tempo me debatendo entre gostos para os quais não tinha a experiência nem a maturidade para assumir, e a força de espírito crítico e realista que ainda precisava adquirir." O que faltava, portanto, era juntar algum aparato técnico-crítico à necessária disciplina intelectual.

Mas o algoritmo possível e providencial para solucionar a equação diante da qual Maugüé estava surgiu cifrado numa obra de Léon Brunschvicg, *L'expérience humaine et la causalité physique*. Como convém à idade, o interesse pela obra surge não pela recomendação escolar, mas pela leitura, digamos, "fora do expediente" que os amigos de Maugüé faziam dela. Sentindo-se diminuído, por um lado, pela dificuldade de compreensão imposta pela obra e, por outro, pelo interdição por isso mesmo de compartilhar o regozijo dos seus amigos com a obra, Maugüé se obstina em estudar dia e noite, na solidão do seu quarto, o enigmático livro. Acreditava ele com razão que "somente superada esta leitura me elevaria ao nível dos grandes postulantes ao sucesso." Contrariamente à "morna" exposição da *História da Filosofia* de Bréhier, "ele [Brunschvicg] satisfazia a necessidade de drama e de vida de um adolescente pela narrativa de um conflito. O estranho conflito da consciência consigo mesma. Homero de uma nova Odisséia, Brunschvicg nos contava como a consciência se deixava levar pelo canto fácil demais das sereias do empirismo,

entregava-se às impressões imediatas ou, atendendo ao apelo orgulhoso das sereias do idealismo, pretendia impor suas impaciências e suas leis aos acontecimentos."⁴⁴

Isso queria dizer que, como seu professor de francês às vezes era capaz de fazer, essa experiência trouxe a Maugüé um pouco do "rumor da vida", o que, como pretendemos mostrar, será um dos valores estabelecidos na sua própria concepção de um bom curso de filosofia. O referido professor de francês, certa feita, abordou de tal modo vivo e instigante o *Tartufo* de Molière que imediatamente Maugüé se deu conta do grau palpitante e carnal de vida ali expressos e, ao mesmo tempo e infelizmente, neutralizados pelo que Maugüé chama de o "mundo da abstração", isto é, pelo falso envolvimento muitas vezes condicionado pela própria escola diante de assuntos tão fundamentais. E o resultado disso no *ethos* do jovem estudante foi notável: "quando eu preparava a minha agregação, obrigava-me a saber decor todas as combinações que podiam ligar o uno ao múltiplo no *Parmênides* de Platão. E, do mesmo modo, todas as combinações do mesmo ao outro no *Teeteto*, no *Sofista* e no *Timeu*. E nunca achei, claro, que isso fosse inútil."⁴⁵

Denise Lévi-Oppenheim foi, como todas as mulheres que passaram pela vida de Maugüé, uma idealização, entre romântica e

⁴⁴ Idem, *ibidem*, p. 42.

⁴⁵ Idem, *ibidem*, p. 43.

caricata, do que de antemão ele sempre pareceu julgar inatingível. Não porque estivesse acima dele, antes porque estava para muito além dos projetos, da determinação, do empenho e da compenetração exigidos para tanto. Como reforço à minha idéia desse exagero algo pueril diante da mulher amada, mas também, reconheço, próprio talvez da idade e do tamanho ainda modesto de sua experiência e maturidade, Maugüé escreveu: o irmão de Denise “tinha sobretudo, a meus olhos, o prestígio de ter o maior sucesso com as mulheres, e de saber usá-lo, o que me parecia mil vezes mais difícil que o sucesso que meus colegas e eu tínhamos alcançado em versão grega ou em tema de latim”⁴⁶. Ainda assim, Maugüé restringia aos domingos à tarde, única interrupção dos estudos, os passeios e a autopermissão ao coquetismo dos enamorados. Deixo-os em paz nesse ponto, *avenue Foch*, em um banco qualquer, e salto, por discrição, para a terceira parte do capítulo, isto é, a entrada na *École Normale*.

⁴⁶ Idem, *ibidem*, p. 44-5. O depoimento de Antonio Candido (cf. anexo I) atesta o quanto esse traço marcaria também fortemente o professor Maugüé no começo da carreira: “Ele tinha aqueles namoros muito tempestuosos, muito complicados, ele era, a meu ver, muito infantil nos namoros dele. Como acontece muito com os europeus, são infantis em matéria de sexo, de amor. Eu me lembro que o senhor Emílio Wilhem (?), que era alemão, ele dizia: “a diferença entre um jovem brasileiro e um jovem alemão é que um jovem alemão se ele tem uma experiência sexual com 16 anos, ele esconde rigorosamente, de vergonha. Muito casto. Tem a experiência mas não conta. Enquanto o jovem brasileiro não tem experiência nenhuma e “Eu... [Antonio Candido imita alguém que se gaba de ter feito alguma coisa de importante]... e conta vantagem. Achei muito interessante essa diferença. Bom, são os padrões europeus. O Maugüé era um homem afetivamente um pouco imaturo, é a impressão que eu tenho.”

Maugüé foi recebido como aluno na *École Normale Supérieure* (ENS) da rua d'Ulm em 1926. A França então tinha por volta de 40 milhões de habitantes, perdera 1 milhão e meio de pessoas na Primeira Guerra, que foram substituídos, posteriormente, por número equivalente de imigrantes. A relação entre a população urbana e a rural estava equilibrada. Havia por volta de 14.000 bacharéis. Foi o momento em que as mulheres chegaram à universidade e em que surgiu o movimento social das populações das periferias na França, "la France des banlieues". No plano político, o Partido Comunista Francês comemorava seu sexto ano de fundação; o "*Cartel des gauches*" havia se formado entre radicais e socialistas para enfrentar o governo de Édouard Hériot, união tensa e sem a adesão dos comunistas que se recusavam a ter de optar "*entre la peste et le choléra*", a mesma preventiva adotada quando da organização do *Front Populaire*, em 1935. No âmbito econômico, o dólar passou a custar 40 francos, "*le spectre de la déroute monétaire planait sur la France*", o clima era de apreensão social, mas nada comparado à crise que se avizinhava com o começo da década de 1930. Segundo Jean Touchard, nada, no entanto, interessava mais aos franceses nesse momento do que: "*des enterrements, des exploits, des catastrophes, des crimes et des scandales.*" Do ponto de vista cultural, A *Belle Époque* tinha sido encerrada com a morte, em janeiro de 1920, de Amedeo Modigliani, e começavam os chamados "*les années folles*", quando conviveram na mesma cidade artistas

como: Josephine Baker, Samuel Beckett, André Breton, Igor Stranvinsky, Marcel Duchanmp, John Dos Passos, Isadora Duncan, T.S. Eliot, Scott Fitzgerald, Gershwin, Ernest Hemingway, Erik Satie, James Joyce, Nijinski, Picasso, Cole Porter, Erza Pound, Gertrude Stein, dentre outros, mas todos – uns mais, outros menos – tributários da supervalização da moeda americana.⁴⁷

O quadro memorialístico descrito por Maugüé tomava, no entanto, aspectos, digamos, mais subjetivos. No primeiro dia em que foi à *ENS* como aluno, Maugüé se apresentou ao então diretor, M. Gustave Lanson, crítico literário de renome e um dos responsáveis pela reforma do sistema de ensino universitário francês no começo do séc. XX. No mesmo dia, Maugüé assombrou-se com a gravidade de Merleau-Ponty, que trazia nas mãos – Maugüé lembra – *Le malheur de la conscience dans la philosophie de Hegel*, de Jean Wahl. É de se notar que Maugüé começa essa narrativa justamente pela lembrança, antes de tudo, do fracasso na primeira tentativa em entrar na *ENS*, depois convoca, por assim dizer, o privilégio da hierarquia, para finalmente fixar-se no título do livro na mão do filósofo. Quero dizer, isso reforça a hipótese de uma exposição marcada pelas próprias perspectivas biográficas do autor. Claro está que são memórias e por

⁴⁷ Cf. Jean Touchard. *La gauche en France depuis 1900*; Alain Leménorel. *Nouvelle histoire économique: l'économie libérale à l'épreuve (1914-1948)*; Stanley Hoffmann. *A la recherche de la France*; Alfred Sauvy, *Histoire économique de la France*; Herbert Lottman, *A rive gauche: escritores, artistas e políticos em Paris*; James Campbell, *À margem esquerda*.

isso não poderia ser muito diferente, mas o que procuro ressaltar é a peculiaridade da história cujo centro de gravidade traz *in nuce* o *ethos* de nosso autor: conhecimento, prestígio, distinção, poder e, claro, sucesso. Mas isso apraz a toda gente, poder-se-ia objetar, mas, sabemos que o que importa é o sentido atribuído a cada uma dessas palavras e o rumo que o conjunto determina em nossas vidas, mas cada coisa a seu tempo, adiante voltarei ao assunto. E, claro, seja como for, sendo tudo isso, a *ENS* só poderia parecer a Maugüé o caminho de uma outra vida.

O interesse pelos "notáveis da cultura e da política" aproximavam-no de pessoas como Pontrémoli, que "*savait tout*"; Henry Laporte, "*banquier et frère d'un professeur à la Sorbonne*"; Pironneau, "*le directeur de L'Écho de Paris*"; Jacques Maritain e esposa, "*les deux êtres les plus diaphanes que j'aie jamais rencontrés*"; Roland Manuel, "*le musicien*"; Maurice Sachs, "*à peine échappé du séminaire*"; os irmãos Baruzi, "*un qui n'écrivait quasiment plus, et qui avait une espèce de génie, l'autre qui écrivait un livre sur saint Jean de la Croix qui lui valut le Collège de France*". E conclui: "Estava assim muito lisonjeado de circular nesse universo da cultura, e meus pais estavam encantados com isso." Maugüé estava satisfeito de realizar o projeto de participar do glamoroso mundo da cultura e do poder. Ele foi introduzido, segundo suas próprias palavras, no mundo do poder, isto é, no mundo da riqueza

material e da influência política, pelas aulas particulares que começou a dar para alunos que se preparavam para os exames universitários. Mas ainda faltava "a maior experiência que pudesse ter: aquela das mulheres." Novamente, um capítulo cujo interesse está vinculado às conseqüências que trouxe para os estudos do jovem *normalien*. A amiga de Maugüé, inquieta com a necessidade dele de se preparar para o exame da agregação, exigiu de Maugüé mais dedicação aos estudos. Em três meses, ele estudou a sucessão dos *Diálogos*, de Platão, as obras críticas de Robin e Jean Wahl e mesmo as passagens do *Capital*, de Marx, que se referem à *República*, de Platão. A vida e as ambições pulsaram fortemente sob os trilhos dessa dedicação e empenho e tracionaram a inteligência do jovem estudante aos limites da auto-superação. Mesmo assim, Maugüé só conseguiria a aprovação numa segunda tentativa.

A leitura de Freud e Marx ajudaram Maugüé a compreender o significado de sua vida e de seus amores, a ver-se confirmado em seus pressentimentos e sonhos, a livrá-lo de uma solidão insuportável. A crermos nas suas elucubrações e relatos, todos os que conheceu não teriam tido maior significado sem esses autores e, ao mesmo tempo, sem seus amigos, esses autores não teriam sido de grande valia. Maugüé entendia que tinha vivido os acontecimentos sem ter a linguagem necessária para descobri-los. Por outro lado, somente com o que viveu é que poderia agora tornar viva a

linguagem de seus autores. E resume: "Aliás, nunca compreendi nem suportei esses universos separados que me propuseram por tanto tempo: os fatos e sua teoria."⁴⁸

Maugüé reconhece, sobretudo, que com Freud foi possível reelaborar a sua vida subjetiva. Por *Un souvenir d'enfance de Léonard De Vinci*, foi a capacidade de reunir as mais variadas disciplinas para analisar um assunto que o fascinou. O que muito depois passaria a ser chamado de transdisciplinaridade formava, com efeito, um princípio de estudo conseqüente a partir do qual o conhecimento de um objeto em questão seria mais completo e menos dependente das divisões estanques dos campos do saber. "Estava, enfim, diante de um livro do qual pode-se bem dizer que fosse tanto de um psicólogo ou de um filósofo, quanto de um crítico de arte. Ele procedia com a mesma simplicidade de um romance policial."⁴⁹ Mais profundamente, pela realização descrita por Freud do jovem, pai de Leonardo, que depois de engravidar uma "*fille d'auberge*", casa-se com uma jovem herdeira e leva consigo o filho Leonardo, privando-o

⁴⁸ *Les dents agacées*, p. 60.

⁴⁹ Mais adiante, nas suas memórias, Maugüé voltará a se referir ao método de Freud como sendo "aquele do inspetor de polícia que encontra no local do crime o vestígio insólito, o botão arrancado cuja presença não pode ser explicada pela noção vazia do acaso. A partir desse elemento por assim dizer de dupla face, Freud retraça uma história simples, feita de sangue e de lágrimas." Chamo a atenção para o fato de que na Itália, seis anos mais tarde, o historiador Carlo Guinzburg publicou um ensaio no qual desenvolveu a idéia de modelo epistemológico nas Ciências Humanas e ao qual ele chamará de "paradigma indiciário". Nesse estudo, coincidentemente, Guinzburg relaciona o método de investigação, análise e dedução de Freud e aquele do perito [*connoscitore*] em arte, Morelli, ao de um detetive de polícia, tomado à literatura: o famoso Sherlock Holmes, de Conan Doyle. In: *Mitti emblemi spie: morfologia e storia*. Torino: Einaudi, 1986.

da mãe e abandonando-a ao sofrimento. Maugüé enxerga, digamos, na sublimação do silêncio de Leonardo expresso na tela analisada por Freud os motivos que o fizeram igualmente sempre silenciar diante das circunstâncias que lhe haviam interditado uma esposa. Finalmente, pela escrita, Maugüé podia se libertar dos abutres que lhe dilaceravam o fígado há tanto tempo, como ele se refere. Quer dizer, vemos a força máxima de uma experiência de leitura assimilada de tal modo à vida que se converte naturalmente em redimensionadora das próprias perspectivas futuras. O poder revelador e orientador do que Maugüé chamou "rumor da vida" voltava a se manifestar como espécie de antídoto contra os cantos de sereias e a beneficiar "*vers le concret*" a compreensão do jovem filósofo.

Quando tomou contato com *Ma vie et la Psychanalyse?*, a Maugüé pareceram mais claras suas relações com seus principais amigos de então: Lautman, Pontrémoli, Raymond Aron, e seu amor por Denise Lévi-Oppenheim. As condições de interdição disseminadas no império austríaco e os conseqüentes danos psíquicos manifestados pelos pacientes estudados e descritos por Freud e que, juntamente com muitos outros fatores, o levariam à terapêutica pelo método da livre-associação, ou seja, resume Maugüé, em um império de interdições, o que era preciso fazer para curá-los? Deixá-los falar. Nem mais, nem menos. O que também tocara Maugüé era o fato de

Freud reconhecer que era preciso ser o “outro” em meio a essa sociedade para perceber seus males. O que também o inspira a compor um dos belos trechos dessa narrativa:

“Esta confissão de Freud, que li em 1927, ainda é atualmente para mim reconfortante. De uma ponta à outra da obra que empreendo, não pretendo nada mais além de lembrar que todo escritor, toda escrita tem por missão devolver a palavra àqueles que foram calados. E que a obra é tanto mais pungente quanto seu autor sofreu as mesmas injustiças e os mesmos silêncios que aqueles para os quais ele se tornou intérprete. Confesse primeiramente a prisão que tende a reduzi-lo ao mutismo, e eu direi se você será capaz de ajudar à minha própria liberdade. É a coragem do escritor que faz a qualidade de sua escrita.”

Maugüé se refere à leitura de Marx a partir de uma obra de seu antigo professor, Léon Brunschvicg, *Les progrès de la conscience dans la philosophie occidentale*. E diz que pretende acertar algumas contas. Uma delas é a com a idéia do “Marx ultrapassado”. Do mesmo modo que objetam dizendo que Marx foi um economista do séc. XIX, pretendendo empreender uma crítica das categorias datadas e datáveis da Economia Política, Maugüé rebate num terreno de maior amplitude: Sófocles foi um poeta do quinto século a.C., Shakespeare um dramaturgo do séc. XVI. Brunschvicg, no curso do qual Maugüé foi aluno em 1927, já atribuía a Marx a responsabilidade

pelo que fariam Hitler e Stalin⁵⁰. Esses, segundo Maugüé, pela falta de senso histórico e pela crítica infundada, foram as piores censuras dirigidas a Marx. Foi lendo Marx que Maugüé, pelo livro IV do *Capital* na edição francesa, encontrou todo o rigor que se pode pedir a um historiador. Maugüé pôde reviver todo o drama de como socialmente se constituem os exércitos de reserva, de desempregados, de vagabundos, de infelizes, de foras-da-lei e que são irremediavelmente condenados. Essa verdade, diz Maugüé, não está em Malthus ou em Ricardo, mas somente Marx teria a coragem de transmiti-las a nós.

No mesmo sentido de Freud, Marx para Maugüé aportava uma preocupação de base muito decisiva: um certo sentimento de humanidade que representava ao mesmo tempo a legitimidade de todo o discurso assim como a pedra de toque de todo o rigor que deveria ser exigido de suas considerações. "Para mim – completa Maugüé – quando eu tinha por volta de vinte anos, foi uma bênção ter lido um livro que me dizia que nem um homem, nem a beleza de uma mulher ou o saber de um estudante nunca poderiam estar à venda."

O outro acerto de contas sobre o qual Maugüé se detém no final desse capítulo é aquele das suas leituras, às quais repassa como

⁵⁰ *Les dents agacées*, p. 65-6.

quem procura revisar aos olhos do leitor tudo o que leu acerca dos assuntos envolvidos na obra de Marx: trabalho, discriminação racial, desigualdade social, modos de produção e organização da sociedade. Ora, me pergunto, que sentido poderia haver um homem que ao final da vida se coloca a escrever suas memórias e se sente na obrigação de, no capítulo em que tratará de um dos momentos mais decisivos de sua formação, fazer um repertório de suas leituras sobre esses assuntos acima listados? Toda a importância desse momento se concentra, para ele, na experiência que a memória e o projeto de escrita dele selecionaram. E se aplico a ele próprio os termos do que pensa sobre o trabalho do escritor, fica sugerido que Maugüé procurou denunciar as misérias de uma ordem social que mutila física e psicologicamente certos grupos de pessoas⁵¹. Isto é, os crimes denunciados são a manifestação de um autor que se coloca como sentinela, encarregado de defender e fortalecer os que foram amputados, em sua sensibilidade e inteligência, dos meios convenientes e necessários para tanto. Significa também o grau elevado de importância que Maugüé atribui à experiência envolvida no trabalho intelectual, para muito além de qualquer materialidade normalmente descrita em obras de cunho memorialístico.

⁵¹ As considerações de Antonio Candido sobre literatura e direitos humanos, em "Direito à literatura", no seu *Vários escritos*, retoma em chave aprofundada essas idéias de Maugüé.

A memória surge aqui como definidora de cláusulas que a luz do presente (da escrita) tem o dever de resgatar das névoas do passado (do esquecimento, do silêncio). Pela decantação existencial dos temas e dos problemas, o projeto da escrita (e da reflexão) assimila do freudismo o combate ao "império das interdições", postulando a liberdade de fala, os limites e a importância da alteridade, o processo da sublimação; desse marxismo inicial, o sentimento de humanidade é o de dar voz aos que não a têm ou a perderam; a dessolidarização com a própria classe social aponta para a premência de superação por uma outra vida. Na medida em que o princípio de reflexão baseado no "rumor da vida" estabelece as condições para uma atenção ostensiva com essa psicologia das profundezas, que faz a crítica como crítica dos pressupostos materiais da vida e, assim, desestabiliza os valores antes tidos como essenciais e revaloriza o vivido, Maugüé, partindo do gosto instintivo e passando pelo gosto escolar, chega às raias de uma espécie de proto-formação do próprio discernimento, condição *sine qua non* para a organização da estrutura da sensibilidade, para a dinâmica da imaginação e para a formação do espírito crítico. O jovem *normalien* já estava assim preparado para pensar seu tempo e na véspera de ser chamado para a missão que efetivamente mudaria toda a sua vida.

Em certo dia de novembro de 1934, Maugüé receberia pelo correio uma carta que começava assim: "Meu caro camarada". Nela perguntavam a ele se não estaria interessado em ir a São Paulo, no Brasil, para assumir a cadeira de Filosofia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras que o governo local acabara de criar. E estava assinada amigavelmente por Georges Dumas. Toda a esperança de "uma outra vida" tomaria o *paquebot* Mendoza em Marselha e dois meses depois, em fevereiro de 35, desembarcaria na Baía de Guanabara.

* * *

II.

REVISÃO DO PARAISO

a atenuação plausível à francesa.

“A quoi ressemblait notre monde? Il avait l’air du chaos que les Grecs mettaient à l’origine de l’univers dans les nuées de la fabrication. Seulement on croyait y voir le commencement de la fin, de la vraie fin, et non de celle qui est le commencement d’un commencement.”

[Paul Nizan. *Aden, Arabie*. p. 5]

“[...] muitos teólogos, entre eles o próprio São Tomás de Aquino, teriam colocado o Paraíso debaixo da linha equinocial, cuidando que era a parte do mundo mais temperada, mais deleitável e mais amena para a perfeita habitação dos homens. Sucede ainda que entre as regiões equatoriais, nenhuma, segundo o cronista da Companhia, tinha em si as bondades que mostra o Brasil. E como lhe parecesse indiscutível, de acordo com a melhor filosofia, que da excelência das propriedades se colhe a do ser, passa a sumariar longamente as que fazem a sua perfeição da América Lusitana.”

[Sérgio Buarque de Hollanda, *Visão do Paraíso*, p. 173-4]

“Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.”

[Gonçalves Dias, “Canção do exílio”, in: *Poesia e prosa completa*, p. 295]

Assim como houve, e provavelmente ainda haja, múltiplas e variadas descobertas do Brasil, ao que parece, tantas também foram as miragens precedentes, as ilusões depois perdidas e as atenuações, adaptações e modificações dos projetos de ocupação e conquista. A assimilação da experiência acarretada pelo processo de descoberta, além de parcial e precária, não se fazia seguir do seu esperado saldo de desmistificação. Contraditoriamente, parecia acumular-se como reforço dos méritos da conquista e transfigurava-se em discurso de deslumbramento e exaltação chegando aos contemporâneos e à posteridade como ideologia falseadora. Na verdade, o recalque parecia ser sublimado pela transferência da idéia de Paraíso do âmbito externo para o interno, quer dizer, o que antes fora expectativa frustrada de apoteose e redenção passava à condição de pátria idealizada e alardeada. “Esse estado de euforia – conforme nos diz Antonio Candido – foi herdado pelos intelectuais latino-americanos, que o transformaram em instrumentos de afirmação nacional e justificação ideológica. A literatura se fez linguagem de

celebração e terno apego, favorecida pelo Romantismo, com apoio na hipérbole e na transformação do exotismo em estado de alma.”⁵²

Tudo se passou, no caso particular dos membros da missão francesa, como se o sentimento da urgente necessidade de fuga levasse a *génération à évasion*⁵³ francesa a retroceder ao antigo espírito das estratégias teológico-políticas de determinação geográfica dos lugares fundamentais das Sagradas Escrituras com o intuito de legitimar os empreendimentos de dominação política. Naturalmente, como aconteceram todas as vezes, tratou-se, uma vez aqui desembarcado e o terreno devidamente reconhecido, de criar condições para suportar o desgaste entre a expectativa e o que efetivamente estava dado. Haverá quem diga e pense que o longo caminho das atenuações necessárias estaria se processando até hoje.

As décadas de 20 e 30, na França, representaram, sobretudo, o esforço de recuperação da crise acarretada, no plano político, pela Primeira Grande Guerra Mundial, e pelas conseqüências da crise econômica de 29. No primeiro caso, o abalo decisivo dos alicerces da crença na Ciência como instrumento de melhoria das condições de vida do homem desorientou o curso do pensamento e, conseqüentemente, da vida de todos. No segundo caso, o

⁵² Antonio Candido, “Literatura e subdesenvolvimento”, in: *Educação pela noite*, p. 141.

⁵³ Expressão de Pierre Verger.

endividamento crescente dos europeus colocou em cheque a idéia de soberania e acarretou, dentre outras medidas, a política do chamado bem-estar social. Deste ambiente de descrença, pessimismo e desilusão surgiu a *génération à évasion*, da qual fizeram parte, dentre muitos outros, por exemplo, os membros da Missão Francesa, como para além dela ou parte de outras missões pessoais, Paul Nizan, Pierre Verger, Henri Michaux, dentre outros.

Sob esta perspectiva, os jovens e recém-formados professores, provenientes da *Ecole Normale*, só poderiam ver com bons olhos a possibilidade de virem para o Brasil fundar uma Faculdade de Filosofia em São Paulo. Mas, quando aqui chegaram, sob o influxo da surpresa e do choque manifestos por todos os que deixaram memórias e depoimentos sobre a época, os professores franceses precisaram rapidamente conceber e tomar providências para tentarem colocar em marcha seus projetos de instalar produtivamente seus cursos, estabelecer uma rotina de disciplina universitária e formar os primeiros contingentes de professores necessários à jovem universidade, isto é, completarem a missão de transplante e colocação em funcionamento de um verdadeiro e eficiente departamento francês de filosofia nestes planaltos ultramarinos.

Cada um dos professores franceses manifestou a seu modo a surpresa com o Brasil em relação ao que poderiam esperar aqui e as medidas que poderiam tomar para garantir a melhor execução de suas atividades docente e de estruturação da nova faculdade. Analiso a seguir as impressões daqueles que formaram o principal núcleo de professores na faculdade em 1935: Fernand Braudel, Lévi-Strauss, Paul Arrousse Bastide e, claro, mais detidamente, o protagonista deste estudo: Jean Maugüé.

Braudel chegou ao Brasil depois do famoso *paquebot* Mendoza, viajou no Massilia. Sua jovem esposa, Paule, estava grávida de oito meses; já havia aqui um titular para a cadeira de História, Émile Coornaert, mas que se suicidaria pouco tempo depois. Braudel foi pois convidado de última hora, recebeu um pneumático de George Dumas às onze horas da noite, e apesar da promissora carreira que encaminhava em Paris (seria promovido a professor de retórica superior), aceitou pôr-se à disposição do Quai d'Orsay e já no fim de fevereiro embarcava para o Brasil. Chegou, assumiu o posto e, como os outros, tomou a temperatura e o estágio de desenvolvimento local; voltaria a Paris, em férias, a partir de outubro. Quando retornou, também trazia na bagagem um programa de trabalho: "O ensino da história e suas diretrizes", suas providências. Mas houve outra circunstância que talvez seja mais conveniente para tratarmos aqui das impressões iniciais de Braudel sobre o Brasil. Foi uma

solicitação dos alunos para a recém-fundada Revista Filosofia, Ciências e Letras, do grêmio estudantil da FFLC da USP. Mesmo tratando muito mais de suas experiências na Argélia, há lá algo sobre o Brasil e que ilumina as condições locais.

"A sociedade brasileira é dotada de extrema flexibilidade. Seus elementos não são aglutinados, dispostos em quadros rígidos, observando ordem certa. [...] Há uma maleabilidade espantosa da massa social, móbil, predisposta sempre a se remodelar do princípio ao fim da escala, sob quaisquer condições econômicas, talvez demasiado maleáveis, com borrascas que outras sociedades não poderiam suportar, entregue ao sopro das idéias, a todo pano, e o progresso com todas as suas inovações. [...] Aqui os movimentos verticais têm força de torrentes, mas se processam tanto no sentido ascensional como no do naufrágio. Além disso, estranhas correntes horizontais arrastam o médico para o magistério, do magistério para a política, da política para as fazendas de café ou para as culturas de algodão."⁵⁴

Fica caracterizado o caráter essencialmente informe do tecido social no Brasil, mas nada que pudesse dar a impressão de um livre trânsito entre as classes e, por conseqüência, facilidades insuspeitadas ao mundo europeu de mudanças em relação à condição

⁵⁴ Fernand Braudel, "O conceito de país-novo", in: Revista Filosofia, Ciências e Letras do grêmio estudantil, 1936, p. 8.

econômica. Ao contrário, sobressai do depoimento traços marcados de uma condição social cujos contornos denotam antes de tudo falta de orientação, de estrutura e de garantias de segurança em relação ao futuro. Quem está entregue “ao sopro das idéias”, está desorientado; a organização profissional que exige tamanhas manobras está desestruturada e, enfim, estar submetido “à força de torrentes” significa não poder ter certeza de avançar ou capitular, por isso não poder gozar de nenhuma liberdade.

O combate às mazelas começavam por contrariar as cobranças de espetáculos de erudição do peculiar auditório dos primeiríssimos cursos (logo depois, com o comissionamento de professores da rede pública de ensino a faculdade mudaria sensivelmente; além da sedimentação progressiva das exigências dos professores franceses) a recomendação de Braudel nas suas diretrizes dizia: “(...) que nos elevemos, quanto possível, acima do que se relaciona exclusivamente com erudição, do que diz respeito à corrida aos armamentos bibliográficos e ao herbanário das instituições. [...] Elevar-se não é, forçosamente, perder-se nas nuvens.”⁵⁵ Contra a imitação provinciana e o apego desmedido pelo que era europeu, Braudel aconselhava ao estudante: “a necessidade de ver tudo do alto, de um pouco alto demais até... um amor inteligente da terra brasileira e, especialmente, da terra paulista: é através do seu passado, dos seus

⁵⁵ Fernand Braudel, “O ensino da história e suas diretrizes”, in: *Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras*, 1936, pp. 113 e ss.

ciclos econômicos, da sua vida tão aberta às influências do mundo inteiro, dos seus fastos, que o estudante organiza a sua cultura histórica.” Contra uma pretensa transmissão do conhecimento de forma essencialmente oral, e muito mais folclórica e mistificadora do que informativa, Braudel, à semelhança do amigo Maugüé, prescrevia além do empenho e dedicação aos estudos, a organização de uma biblioteca particular. Ademais, todo candidato a historiador deveria possuir uma boa “cultura geral de base”, sobretudo, saber português, latim e filosofia. Segundo Braudel, “é necessário que o historiador conheça perfeitamente seu idioma” [...] “É fácil compreender que Roma perde todo o seu sentido para o historiador que nem sequer abordou as declinações do latim. Entendemos por cultura filosófica, neste caso, uma *‘mise en place’* do pensamento. Os nossos estudantes, mesmo os melhores, têm uma forte tendência para filosofar sem o saber. Disciplinados neste domínio, desembaraçariam os seus trabalhos da névoa que aí se introduz sob o nome de idéia geral. Segundo a velha fórmula, é preciso pensar o pensamento.” E conclui com uma advertência contra os manuais e resumos: “A cultura histórica não se adquire nos manuais nem nas obras de sínteses. Ela se adquire no domínio da história que se cria, no meio de dificuldades verdadeiras, nas penas e nas alegrias da pesquisa.” Segundo Maugüé, “é nesta tarefa que Braudel se consagrou com uma

autoridade tirânica e fecunda. Os estudantes de Braudel aprenderam a história e aprenderam a como se tornarem historiadores."⁵⁶

As opiniões de Claude Lévi-Strauss expressas de um modo, algumas vezes, um tanto severo são conhecidas pelos *Tristes trópicos* e por todos os que ajudaram a formar a grande fortuna crítica que se acumula ao redor dele. No geral, os excertos onde encontramos a caracterização das condições que ele encontrou aqui nos anos da sua estada são semelhantes ao que pensavam os outros professores franceses, isto é, o público era heterogêneo no começo, depois contraditoriamente viriam para a faculdade fundada pela aristocracia uma população mais pobre [os professores da rede pública]; não havia cultura de base que pudesse dar suporte aos planos para as novas e afrancesadas disciplinas, a arquitetura era de mau gosto, a cidade já era aturdida, caótica, a sociedade desorganizada, não havia bibliotecas bem equipadas, enfim, inúmeras precariedades a espreitar e, em certa medida, comprometer os projetos intelectuais do mais pesquisador e menos professor dentre o membros dessa chamada missão de 1935⁵⁷.

⁵⁶ *Les dents agacées*, p. 94-95.

⁵⁷ Segundo Pierre Daix, biógrafo de Fernand Braudel, esse último “mal poderia crer em seus ouvidos ao ouvi-lo [Lévi-Strauss] explicar que mergulharia na etnografia porque o lugar de Marcel Mauss no Collège de France estaria vago em...” O carreirismo do antropólogo francês manifestou-se inconvenientemente ainda em outras ocasiões. Cf. Daix, Pierre. *Braudel*. Flammarion, 1995, p. 133.

O programa de Lévi-Strauss para o ano letivo de 1936 e publicado no Anuário da Faculdade chama-se "A sociologia cultural e seu ensino". Trata-se na verdade de um artigo em que o autor procura fazer um balanço do debate francês em torno do sentido atribuído à idéia de uma sociologia da cultura, mostrando suas áreas de confluência com todas as outras subdivisões das chamadas Ciências Sociais. Expõe o que ele próprio entende por cultura, diverge das posições de Fernando Azevedo sobre os objetos de estudo desse campo, mostra a proximidade de seu próprio pensamento em relação a Durkheim, livra a sociologia da cultura da pecha metodológica de marxista dizendo: "Forçoso é pois reconhecer que o ensino da sociologia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras não está exatamente adaptado às exigências do nosso ponto de vista."⁵⁸ A recomendação final e cerne da contribuição do eminente antropólogo é de que é preciso dedicar-se muito à história da filosofia e à etnografia, pois só assim será possível ser um bom sociólogo.

O depoimento e as impressões de Paul Arbousse-Bastide expressam ainda um deslumbramento inicial com o mito sobre as promessas brasileiras: "Era nos arredores de 1920. Ele [George Dumas] falava do Brasil como de uma terra tão simpática, uma terra de tantos amigos dos franceses e da cultura francesa, que eu sonhava um pouco com o Brasil, através de suas palavras

⁵⁸ Claude Lévi-Strauss, "A sociologia cultural e seu ensino", in: Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1935, p. 175 e ss.

animadoras.”⁵⁹ Quase poderia continuar dizendo que as aves que lá gorjeiam não gorjeiam como as daqui. E disse a seu professor diplomata: “[...] aqui na França, na Europa, as coisas continuam sem muita novidade. Gostaria de ver uma terra onde as coisas estão se fazendo, se movimentando, para ser testemunha de algo que está crescendo, surgindo.” E veio para São Paulo já em 1934, antes portanto dos outros aqui referidos.

Mais sensível à situação histórico-política de São Paulo, Arbousse-Bastide encontrou uma cidade marcada pela derrota na Revolução de 1932. São Paulo “tinha confiança em sua força, ainda não industrial, mas era uma capacidade econômica e que afinal de contas foi obrigada a se conformar, pelo golpe de Getúlio, com a centralização. [...] São Paulo continuava a acreditar em si mesma, isto vai ser a demonstração do que podemos ser, fazer, pensar e conceitualizar.” Na universidade, “foi logo instituído o caráter de inviolabilidade. A polícia, o poder temporal não entrava lá, a não ser que o reitor autorize [...] lá há um recanto de liberdade.” Em dado momento, relembra Bastide, foi decretado “que alunos da escola normal fossem alunos da faculdade. Lá, pela primeira vez, nós conhecemos verdadeiros estudantes.” A essa época os professores da faculdade foram convocados por Fernando Azevedo a dar conferências sobre o ensino de suas disciplinas no ensino médio, o

⁵⁹ Paul Arbousse-Bastide. “Depoimento”, in: *Revista Língua e Literatura*, 1984, p7.

que intentava estender os benefícios das mudanças de hábitos educacionais para os futuros pleiteantes aos bancos da recém-fundada faculdade. Bastide parece ter sido um dos poucos, senão o único, dos membros da missão francesa a se preocuparem em compreender profundamente as complexas questões políticas do Brasil.

A sua proposta para o ensino da Sociologia apareceu no referido anuário sob o título “Condições e organização do ensino da Sociologia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.”⁶⁰ De início um diagnóstico preciso: há no Brasil “a mesma urgência dos problemas sociais, o mesmo ambiente ainda em formação, a mesma necessidade de aceitar as providências imediatas do serviço social e, por conseqüência, a mesma carência de informações sólidas.” E o programa do professor Bastide adquire um cunho eminentemente pedagógico, já pelo título e pelos subtítulos das suas propostas: Condições gerais do ensino da Sociologia em São Paulo; Distribuição das matérias de estudo no programa de sociologia – esclarecimentos e razões dessa distribuição; A especialização do ensino; Ligações do ensino da Sociologia com os cursos auxiliares; Colaboração do ensino sociológico da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras com os institutos, sociedades, serviços ou escolas paulistas de orientação análoga ou complementar; O Departamento de Sociologia; Os

⁶⁰ Paul Arbousse-Bastide. “Condições e organização do ensino da sociologia...”, p. 149 e ss.

instrumentos de trabalho: o problema dos livros; O método de ensino; Os trabalhos dos estudantes; O problema mais urgente: formação pré-universitária e a orientação pós-universitária dos estudantes.

Do ponto de vista, digamos, organizacional, é de longe o programa que pretendia ser o mais completo. Importa ressaltar tanto a preocupação professoral didático-pedagógica quanto o empenho missionário de cumprir com os compromissos e responsabilidades, de satisfazer as exigências de Fernando Azevedo, Julio de Mesquita Filho e companhia e manter em elevado nível o teor das discussões profissionais. As preocupações de Bastide se estendem desde o âmbito mais restrito da faculdade, a sala de aula, e se expandem até as relações da seção de Sociologia com toda a sociedade e o acompanhamento dos egressos e a atenção com a formação dos pleiteantes. Dir-se-ia, ainda que sob o risco do anacronismo, que foram contemplados os setores do ensino, pesquisa e extensão universitária. Claro está que também para Bastide era imprescindível preencher certas e essenciais lacunas: uma boa formação de base; domínio de idiomas estrangeiros; cultivo dos hábitos de estudo atento e aprofundado; organização de boas bibliotecas; atenção com o presente; cautela na manifestação de opiniões infundadas e na confiança irrestrita nos manuais de divulgação; além, é claro, de uma suspeita de base em relação a tudo o que fosse barateamento

retórico de assuntos importantes. Em outras palavras, cultivo e desenvolvimento de um senso de discernimento sem o qual não será possível empreender a verdadeira aventura da formação intelectual.

O conjunto de soluções pelas quais Maugüé daria forma à sua concepção de ajuste intelectual e moral e que seria publicado no Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, em 1935, aparece assim como o documento capital, verdadeira “certidão de nascimento”, como já se batizou, do Departamento de Filosofia da USP, cuja análise pode fornecer os elementos necessários para compreendermos melhor a dimensão das suas providências.

3.1. O que é a Filosofia?

A primeira parte deste texto seminal de Maugüé procura responder à pergunta clássica “O que é a filosofia?”. A entrada em matéria está claramente marcada pela fixação do objeto, seu espaço e tempo, da orientação e das ilusões a serem superadas. Maugüé procura “fixar as condições do ensino filosófico”; estávamos no ano de 1936, logo depois do carnaval, na sub-seção de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, então situada na praça da República – a qual Maugüé chamava de a Saint-Germain de Près local – onde atualmente está o Colégio Caetano de Campos. A fórmula-guia de que “a Filosofia não se

ensina. Ensina-se a filosofar” condensa toda a exposição subsequente, onde Maugüé detalhará cada passo dos sentidos enfeixados no cipoal kantiano.

Não havendo na Filosofia um corpo de verdades constituídas à maneira de um *organon*; não podendo, portanto, o talento do professor se reduzir ao papel de um mero acidente; sendo falso e causa de muitos equívocos conceber o mesmo para as outras áreas do conhecimento; se já não podemos, por isso mesmo, nem falar em manuais de filosofia, o que fazer? Os graves e históricos equívocos que condicionaram o modo como a Filosofia era compreendida determinam também o mal-estar diante dos limites acima apontados. Isso quer dizer que, primeiramente, o que deve vir abaixo é um certo esquematismo da concepção de Filosofia que Maugüé procura combater.

Há, segundo Maugüé, um caráter dialético envolvido na arquitetura do problema. Pensamento, ensino e formação são constituídos e se constituem mutuamente, estão em relação de interdependência, as vias que os interligam são de mão dupla. Tanto a Filosofia é o filósofo quanto o filósofo passa a ser a Filosofia apresentada. Aqui temos, por conseguinte, um dos primeiros predicados envolvidos na resposta à pergunta original.

O tipo de trabalho das ciências sobre a natureza, nos lembra Maugüé, é essencialmente analítico e infinito. Há uma verdade total para além das especialidades mas que dependeria de uma inteligência de outra ordem para compreendê-la, isto é, uma perspectiva de síntese. A Filosofia representa (eis um outro predicado dela) esse esforço de síntese.

As analogias que surgem dos fenômenos da natureza entre si e que são estudadas cada uma pela sua ciência participam da composição da verdade suprema, assim como em todos esses domínios estão, como Maugüé os denomina, “a Inteligência, o Espírito, ou mesmo, o Inominado.” E esta é a marca distintiva da Filosofia,

“[...] traçar a sua orientação, tornar a achar a inteligência, o espírito, nos domínios de seu exercício e mesmo nos resultados dos seus esforços. [...] A Filosofia é uma tentativa superior, de segundo grau. Ela pretende reaver, na sua unidade abstrata esse poder [o poder espiritual do homem materializados nas ciências e nas artes], ou, se se prefere, o sentimento desse poder. A Filosofia é reflexiva. É o espírito ou a inteligência que se apreende a si mesma”.⁶¹

Ora, do analítico ao sintético, do concreto ao abstrato e do particular ao universal, assim vão transitando os sentidos que

⁶¹ J. Maugüé. "O ensino da filosofia e suas diretrizes".

fornece acesso ao âmbito próprio da Filosofia: é o filósofo, é a perspectiva de síntese, é o esforço reflexivo, é flagrar o espírito e a inteligência nos domínios do seu exercício, é, no dizer dos antigos, pensar Deus, é o olho que se vê a si próprio, na metáfora platônica. Mas nada seria da Filosofia sem toda a História que lhe antecede, sustenta e prepara. Tanto a Filosofia chega sempre atrasada na História (o lhe é constitutivo), quanto, para confirmar o primeiro predicado acima, é preciso que a inteligência tenha colhido dados e resultados no mundo concreto para só então procurar exercer-se sobre si mesma. “A sua sorte está ligada aos encaminhamentos, às vicissitudes, ao progresso das atividades científicas, morais e estéticas sobre as quais medita.”

A Filosofia é tudo isso e, ao mesmo tempo, é o filósofo; daí inferimos que tudo isso, por seu turno, e com o perdão do truísmo, também é o próprio filósofo. Quero dizer, tanto valem as considerações acima para as relações entre os campos do saber, quanto para a organização da inteligência de cada pessoa que quiser se pôr a filosofar. Isto é, há um marcado caráter ético que se espraia do universal para o particular e vice-versa. E como realizar-se-ia esse comportamento entre os homens? Pela chamada identidade da dialética da inteligência com a dialética do amor, Maugüé retomando Max Scheler, nos diz que

"A filosofia é, pois, comunicável como é comunicável um sentimento. [...] Muito longe está a filosofia de ser uma 'matéria' que se ensine. O filósofo é um espírito que trabalha diante de outros espíritos, sendo que, deste modo, tudo depende do filósofo. Assim a força de uma paixão está toda no poder daquele que a sente, no seu coração, e na sua inteligência, assim o ensino da filosofia, isto é, a paixão da filosofia vai tão longe quanto a reflexão daquele que a professa."

À semelhança da música, o que seriam das grandes realizações se não fosse o talento, a inteligência e o amor do executante a reanimá-las?

3.2. O ensino da Filosofia

O ensino da Filosofia, por isso, requer algumas condições: 1. Sendo um esforço de reflexão sobre o conhecimento de outras disciplinas, será imprescindível ao estudante procurar ter uma cultura vasta e precisa; 2. A qualidade de aproveitamento do ensino estará diretamente vinculada à qualidade do aproveitamento do ensino anterior; 3. A Filosofia deve reconhecer-se no seu passado, por isso o ensino da Filosofia deverá ser primeiramente histórico; 4. Posteriormente poderá ser mais seguramente contemporâneo; 5. Todo filósofo deve ser lido em seus próprios textos; 6. O aprendizado será não apenas histórico, mas sobretudo pessoal e íntimo.

Aqui entra em cena mais diretamente um outro personagem da história: o estudante. Evidentemente que excluído de toda passividade, o estudante aqui encontra valiosas considerações sobre as determinações envolvidas na sua atividade. De modo que poderíamos nesse redimensionamento das atribuições dizer que o ensino da Filosofia é tanto o professor de Filosofia quanto o estudante que a ela se dedica, em relação dinâmica e mutuamente dependente, cuja qualidade interfere decisivamente no resultado.

Também aparece aqui a dimensão pública dessa trama de relações, isto é, aparece a necessidade de um ensino de base que ofereça também ele cultura vasta e precisa, com tudo o que disso decorre, bibliotecas adequadas, programas de publicação de livros, acessos e direitos garantidos, formação sólida para professores etc. Mas Maugüé não chega a propor diretamente um projeto de organização educacional da sociedade, embora isso possa ser extraído de suas recomendações.

Mas em relação a esse caráter histórico que deve ter o ensino da Filosofia, cumpre esclarecer que não se entende por isso a mera justaposição linear de correntes e doutrinas. É preciso estudar a Filosofia lendo os filósofos em seus próprios textos.

"a história da Filosofia consiste na retomada de contato, na comunhão com os grandes espíritos do passado. Platão, Santo Tomás de Aquino, Descartes, Espinosa ainda são vivos nos seus textos. [...] Não se pode imaginar proveito maior do que aquele que nos dá o contato, que nos dá a familiaridade e, logo, a afinidade com as inteligências do passado."

Tendo numa ponta sua formação na *ENS* e, na outra, suas responsabilidades em relação ao Brasil. Diria que na primeira parte deste conjunto de diretrizes, Maugüé pensava como *normalien*, preocupado em estabelecer convenientemente as linhas de base do encaminhamento que deu ao seu diagnóstico; em seguida, Maugüé pensava como professor francês disposto a enfrentar o desafio, ainda como intenção, de organizar um curso de Filosofia no além-mar; no trecho seguinte, o qual comento abaixo, já enfrentava a adaptação de seus projetos originais na Saint-Germain de Prés paulistana. Primeiramente, portanto, tematizou o conceito de Filosofia, depois o dever ser de um ensino organizado, como na França, e, por fim, o que ele poderia pensar como programa de trabalho aplicado à situação brasileira.

3.3. Pra baixo todo santo ajuda, pra cima toda a coisa muda

Maugüé, infinitamente mais urbano aqui com a sociedade paulista de então do que a severidade de seu colega antropólogo,

identificou dois dos traços ideológicos mais acentuados que, aliás, e para nosso prejuízo, nos aproximavam dos norte-americanos: a dupla tendência de julgar as correntes filosóficas, primeiro, pela sua novidade e, depois, pela sua utilidade prática. Como uma espécie de antídoto aos males que nos impediam a formação do discernimento pela instauração de uma produtiva disciplina intelectual associada a uma rotina de estudo e pesquisa, Maugüé recomendava a assimilação de uma providencial tendência da filosofia francesa:

“a de amalgamar todo novo estilo às arquiteturas já conhecidas. Tende ela a encontrar em toda idéia nova o que os clássicos já haviam pressentido. Não é, por certo, uma tarefa conservadora, mas, ao contrário, para bem medir a novidade exata de uma doutrina – assim como a sua eficácia – é indispensável compará-la primeiramente às aquisições positivas do passado.”

Já era bem o momento de filtrar a nossa imigração espiritual, como identificou Maugüé, por isso era urgente constituir um programa de estudos filosóficos de cunho marcadamente histórico. O expediente tinha a vantagem adicional de nos dar, por contraste, como diz Maugüé,

“um sentido à nossa época. Serão eles que a tornarão consciente, fazendo com que ela possa aferir o que tem ganho em poder sobre a natureza, em clareza na inteligência e em justiça na vida moral. [...] Os

filósofos clássicos são os pontos fixos da história. Se o presente não se situar exatamente em relação ao passado, será como um navio que perdeu a rota.” Isso significa adquirir “tato histórico”.

O professor de filosofia também tem seus deveres nesse combate: traduzir o sentido da obra em termos atuais, para isso, ensina Maugüé, “ser-lhe-á suficiente revelar o que nele próprio se passa enquanto estuda um velho autor”; mostrar que a leitura de um filósofo clássico sugere idéias e imagens que normalmente são muito atuais; combater o desfile das “marcas filosóficas” reposicionando-as, sem desprezá-las, nos seus níveis de maturidade intelectual e no conjunto da perspectiva filosófica; nunca tomar idéias particulares por gerais; abandonar o falso prazer de querer parecer ultramoderno; “o que é necessário é suscitar, avivar no estudante o senso da reflexão e das idéias gerais: em suma, **criar o discernimento.**”
[grifo meu]

O que vale como prevenção contra o desejo incontido e irrefletido de “modernidade” [refiro-me ao que tratei no cap. I desta tese] vale igualmente para o critério da praticidade, ou, mais precisamente, do utilitarismo, o que não deve ser confundido com o critério da utilidade, cujo valor já fora reconhecido por Platão. Exigir da Filosofia soluções de emergência para o mundo é expediente infrutífero. Mas, quando debruçado sobre o passado da Filosofia,

calma e refletidamente, apesar de o mundo parecer entre parêntesis, o estudante estará se preparando para retomar, mais segura e criticamente, a marcha dos problemas de seu tempo. É um trabalho de recuo e reflexão que torna possível um avanço significativo, que torna possível encontrar uma via produtiva para a necessidade de reflexão.

Em resumo, conteúdo das proposições apresentadas por Maugüé nas suas diretrizes são:

"1. O ensino da Filosofia deve ser pessoal, tanto da parte do professor como da parte dos estudantes. Pede-se ao professor reflexões que empenhem a sua responsabilidade intelectual. Seria de desejar que se pedisse aos estudantes um pouco mais de personalidade.

"2. A personalidade do estudante forma-se na atenção dada às lições, sobretudo na reflexão, e mais ainda, pela leitura, lenta, contínua e meditada.

"3. A leitura deve ser uma regra de vida para o estudante. Ele não deve ler naturalmente senão os bons autores. É mais seguro ler aqueles que o tempo já consagrou. A Filosofia começa com o conhecimento dos clássicos.

"4. A História da Filosofia deve ter, no Brasil, um lugar primordial. Ela pode ser ensinada, seguindo métodos rigorosos e perfeitamente modernos. Não há vida presente sem o conhecimento da vida passada.

"5. Enfim, o futuro da Filosofia no Brasil depende da cultura que o estudante tiver adquirido anteriormente. A Filosofia, segundo uma das concepções da *República*, de Platão, nada mais é que o coroamento dialético de um ensino harmônico e completo."⁶²

Ciente, portanto, das condições sob as quais precisaria voltar ao trabalho, Maugüé colocou em andamento seu novo curso. Os primeiros professores da sub-seção de Filosofia da FFLC-USP formados por esse programa foram Cruz Costa, Lívio Teixeira e Anita Cabral. As três grandes áreas que formavam o curso de Filosofia ficavam assim divididas: prof. Cruz Costa com Filosofia Geral; prof. Lívio Teixeira com História da Filosofia; e a profa. Anita Cabral com Psicologia. Maugüé continuava dando aulas nos três campos e, paralelamente, orientava os jovens professores. Mas logo Maugüé e seus companheiros franceses iriam se deparar com uma turma diferente, cujo clima de entusiasmo, inteligência, erudição, *philia* e

⁶² Todos o trechos dessa análise são originariamente de Maugüé, Jean. "O ensino da filosofia e suas diretrizes", in: *Caderno do Núcleo de Estudos Jean Maugüé*.

sensibilidade iria cair como uma luva e fazer todo o sentido crítico diante das providências para a formação que toma um professor francês nesta periferia do capitalismo.

III.

JEAN MAUGÜÉ:

outro intelectual na linha de frente

“Está tudo errado, rapaziada!
Vamos recomeçar, que agora eu sei direito as coisas!”

[Paulo Prado imaginando o que Mário de Andrade gritaria ainda no navio “aos modernistas do Brasil” se tivesse conhecido Paris. In: Mário de Andrade. “Paris”, crônica de 1940, incluída no volume *Vida literária*, p. 170]

Jean Maugüé nasceu na cidade de Cambrai, no departamento francês *Nord*, em 15 de setembro de 1904. “Em um momento difícil para a família.” No ano seguinte, mudaram-se para Paris, *17^e. arrondissement*. Por volta de 1909, Maugüé começou os estudos primários numa *école communale*. Em 1914, foi para o *Petit Lycée Condorcet*, onde se tornaria o primeiro aluno de latim. No *Grand Lycée Condorcet*, concluiu, em 1924, o ensino secundário. Em 1926, entrou na prestigiosa *rue d’Ulm*, sede da *Ecole Normale Supérieure*. Maugüé obteve a *agrégation* em Filosofia em 1931.

Em Paris, nos anos 1920, os egressos da *École Normale Supérieure* [ENS] pretendiam, normalmente, conquistar a agregação para terem o direito a um posto como professor. Começavam a carreira, quando era esse o caso, no ensino secundário e, com a tese do *doctorat d’état*, passavam ao ensino superior. Das aulas nos cursos básicos, o professor do ensino secundário poderia chegar às

chamadas classes preparatórias às grandes escolas. Os candidatos à *ENS*, área de Letras (incluída a Filosofia), eram chamados de *khâgneux*⁶³, o curso era conhecido como *khâgne* no primeiro ano e *hypokhâgne* no segundo; *taupin* designava aqueles que procuravam os cursos científicos da *École des Mines*, *taupe* era a alcunha do curso; e *cornichons* eram os que se preparavam para a carreira militar na *École de Saint-Cyr*. No ensino superior, o caminho, digamos, natural era a Sorbonne.

Maugüé foi *kâgneux* no liceu Condorcet, entre 1924 e 1925. Em 1926, foi “recebido” na *ENS*. Nas suas memórias, Maugüé conta que André Meyère, um tio particularmente querido, foi quem o recebeu comemorando antes mesmo que ele próprio tivesse podido ver a relação dos aprovados.

“Guardo na memória, sobretudo, o dia em que, com os joelhos trêmulos, tomei a *rue d’Ulm* para saber sobre o resultado do concurso de entrada para a *École Normale* e vi, dentre os passantes, meu tio agitando seu chapéu redondo, com o rosto iluminado, para me dizer, de longe, que eu tinha sido aprovado.”⁶⁴

⁶³ Vem de *cagneux*, canhestro, em alusão ao desajeito peculiar no modo de andar desses candidatos e à indefinição, na opinião dos candidatos às carreiras científicas e militares, dos objetos de estudos das carreiras vinculadas então às Letras, hoje chamadas Humanidades. Para um estudo etimológico acurado e de história cultural acerca desse campo semântico, em especial do termo *khâgne*, ver Sirinelli, Jean-François. “De la cagne à la khâgne: origine et évolution d’un mot”. In: *Génération intellectuelle*, pp. 36-40.

⁶⁴ *Les dents agacées*, p. 35.

Com todo o prestígio de que gozavam os jovens *normaliens*, depois de formado, Maugüé foi em seguida convidado a trabalhar no jornal *L'Echo de Paris*. Como já tinha conseguido uma nomeação para o liceu de Tulle, teve de pedir uma licença de um ano. Trabalhou durante todo o ano de 1932, mas, segundo ele, não foram bons os resultados. Maugüé se ressentia da obrigação de ficar subjugado à condição de uma espécie de copidesque dos artigos que seriam publicados no jornal. Decepcionado, em 1933, solicitou ao Ministério da Educação a sua volta ao magistério. No mesmo ano, foi indicado para o liceu de Montluçon, onde permaneceu até 1935, ano em que completou 31 anos.

Maugüé chegou ao Brasil entre fevereiro e março de 1935. O jovem *ulmien* veio substituir Étienne Borne, primeiro professor de Filosofia na FFCL. Vinha como membro da missão francesa responsável pela organização dos cursos de humanidades na recém-fundada Universidade de São Paulo. Ele permaneceu aqui de 1935 a 1943, nove anos portanto⁶⁵. Com ele, estavam no *paquebot* Mendoza: Claude Lévi-Strauss (sociologia), Dina Lévi-Strauss (nascida Dreyfus e com formação em Filosofia), Pierre Hourcade (literatura) e Michel Berveiller (latim e grego). Da parte francesa, George Dumas intermediou os acordos. Julio de Mesquita conduzia pessoalmente os interesses paulistas. Ainda em 1935 viriam Pierre

⁶⁵ Cf. quadro ao final do primeiro capítulo.

Monbeig (geografia) e Fernand Braudel (história). Paul Arbousse Bastide (sociologia) já estava no Brasil; tinham estado aqui Étienne Borne (filosofia), Émile Coornaert (história) e Pierre Deffontaines (geografia). Em 1938, Roger Bastide (sociologia e antropologia) juntar-se-ia ao grupo.

Em 1943, Maugüé voltaria à França para em seguida juntar-se ao exército francês no norte da África, onde ficou até 1945. Finda a guerra, voltou à França. Como herói de guerra optou pelo serviço diplomático. Em 1946, como conselheiro de embaixada, foi para Buenos Aires; por volta de 1950, como cônsul geral, foi para Salônica, na Grécia; depois, como diretor do serviço cultural, foi para Toronto, no Canadá, onde ficou por aproximadamente quatro anos. Depois disso, voltou a lecionar no ensino secundário francês, em Paris. Faleceu em Paris, em 1991, aos 87 anos, solteiro e sem filhos.

O pai de Maugüé era músico e foi da geração de Ravel e Stravinsky, nasceu em Nancy, de uma tradicional família católica da região de Lorraine. Estudou no Conservatório de Nancy e saiu de lá em 1888 com o I Prêmio de violino. Foi para o Conservatório de Paris. A avó paterna de Maugüé vendia tapetes e móveis em uma loja de antigüidades que mantinha em uma rua próxima ao *Palais Ducal*.

A mãe de Maugüé chamava-se Esther, mas era mais conhecida pelo segundo nome, Émilie. Descendia de uma família protestante, cujo pai, Ephraïm, “vagamente advogado e leitor dos autores latinos no original”, era ligado a destiladores de conhaque. A mãe dela vinha de uma rica família de fabricantes de tecidos, da cidade de Thann, próximo a Mulhouse. Foi da avó materna que Maugüé herdou o hábito de ler a Bíblia. Esther tinha cinco irmãos. O mais velho foi aluno em Saint-Cyr e oficial de cavalaria, casou-se com a filha de um general que pertencia à nobreza. Os outros dois filhos mais jovens viveram, no entanto, como podiam. A mãe de Maugüé foi adotada por um pastor do Vésinet. Segundo Maugüé, nas memórias, “ela era muito bonita e guardava o rigor protestante que a conduta equívoca de seu pai e o terror da insegurança só fizeram exasperar”⁶⁶. Ao que parece, ela cantava e tocava piano muito bem; foi por essas virtudes que acabou, certa vez, encontrando o pai de Maugüé, no círculo de Krauss, conhecida cantora e professora de canto, amiga de ambos. Maugüé sobre isso relembra o conto *La messe de l’Athée*, de Balzac, onde se lê: “os espíritos que vivem em uma atmosfera superior não procuram, eles encontram.”

Jacques, o irmão mais velho, nasceu em 1902, também em Cambrai, “no momento mais feliz da família”⁶⁷, onde o pai foi diretor do Conservatório Municipal. E nada mais é dito sobre ele nas

⁶⁶ Idem, *ibidem*, p. 20.

⁶⁷ Idem, *ibidem*, p. 22.

memórias. Relatam os familiares que houve entre os dois conflitos e divergências que os afastaram durante a maior parte da vida, mas que, no entanto, ao final reconciliaram-se. Sem filhos, Maugüé aproximou-se do único sobrinho, Richard, e da esposa dele, Annie. Jantavam juntos regularmente e entendiam-se muito bem. Maugüé representava para eles a autoridade intelectual de um homem experiente, a afetuosidade e atenção do tio presente e participativo e o bom gosto de quem sempre soube cultivar a sofisticação e uma certa nobreza no modo de viver. M. Richard e Mme. Annie tiveram três filhos: Jacques, Christine e Pierre. “Éramos ambos filhos únicos e sabíamos a importância de ter irmãos, uns ensinam os outros e assim se tornam companheiros, e isso é fundamental na vida”, confessou-me em certa ocasião M. Richard. Até hoje vivem sob as influências e preferências intelectuais do tio, embora tenham quase todos seguido a formação profissional do pai: Direito.

*

“[...] o fato é que a concepção de Filosofia literalmente encarnada por Maugüé pedia as tábuas de um palco sobre as quais pudesse evoluir uma paixão intelectual que se transmitia assim por uma sorte de contágio, como se comunicam os grandes sentimentos, dentre eles o desejo de fazer luz e chamar as coisas pelo nome.”

[Paulo Arantes, “Certidão de nascimento”,
in: *Um departamento francês de ultramar*, p. 67]

Nas suas “ficções”⁶⁸, Anatol Rosenfeld narra uma história intitulada “O professor e os automobilistas”. Ele próprio Anatol teria saído certa vez com um professor de Filosofia para caminhar pelas ruas do centro de São Paulo para conversar sobre “um ponto importante e problemático da Filosofia de Scheler”. O conto começa assim:

⁶⁸ A bem dizer, esse texto de Anatol é de um gênero no mínimo misto, já que os manuscritos reunidos no volume em pauta são na maior parte autobiográficos; têm a mesma fluência, bom humor e perspectiva crítica das crônicas de Rubem Braga, àquela época em intensa produção no Rio de Janeiro. Desse modo, penso, estaria justificada a hipótese de ler sob a fina tecitura ficcional marcados traços da vida que o próprio Anatol levou no Brasil. Cf. ROSENFELD, Anatol. *Anatol on the road: [ficções]*. Org. Nanci Fernandes. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2006.

"O professor em questão é um filósofo. Não no sentido vago em que se diz de fulano que é filósofo porque sabe "ler a vida", mas no sentido legítimo do homem que, por amor à sabedoria e movido por uma curiosidade infinita, dedica toda a sua vida à indagação, ao problemático e ao essencial. Dono de conhecimentos múltiplos e vastos, não pertence ele, no entanto, ao tipo enciclopédico de saber alfabeticamente arrumado, mas ao tipo sintético que sabe integrar minúcias de aparência insignificante em amplas concepções, emprestando aos conhecimentos mais longínquos sentido e importância. Na sua consciência, não existem fatos isolados."⁶⁹

O professor discorria sobre o problema das relações entre espírito e vida, a partir de uma distinção estabelecida por Max Scheler segundo a qual o espírito é impotente, em relação à vida orgânica, "única portadora de todas as forças do homem." Mas, advertia o professor, para "dirigir" a vida é preciso que ou o espírito tenha alguma força própria ou que, na vida, haja algum desvio "do seu caminho bestial." No entanto, notava que não era possível encontrar na vida orgânica alguma enteléquia que tendesse ao espírito. Desse modo, a força de condução da vida parece surgir no homem como uma espécie de milagre.

Era um dia, como dizia Anatol, "de chuvisqueiro", e ambos caminhavam saltando as freqüentes poças d'água e fugindo dos esguichos que os automóveis iam lançando. Quando tentavam

⁶⁹ *Anatol on the road*, p. 118.

atravessar o Largo Santa Ifigênia, depararam-se com um De luxe 46, um dos carros mas sofisticados e desejados da época. Anatol assim descreve o motorista:

“Um colosso de homem, um super-homem, era o homem do volante. Um homem de crédito e de negócios ramificados, com as mãos em dez empresas, um homem que, graças à sua inteligência – resultado de centenas de milhões de anos de evolução biológica e de incessantes esforços da natureza –, alcançara a extraordinária capacidade de, na hora exata, comprar barato e vender caro coisas que lhe eram totalmente desconhecidas e que nunca tinha visto. Sempre quando vejo um homem assim, lembro-me do primeiro porco que vi quando criança num jardim zoológico, e da tremenda estupefação ao descobrir tão poucos traços humanos na fisionomia do animal.”⁷⁰

Arrancou com o carro, respingando lama na dupla peripatética. O professor ofegante ainda retomou: “A vida segue o seu caminho; nada detém o poder irracional; nada a desvia. E o espírito olha, observa e chora o tumulto, impotente!” E Anatol pensa, mas não diz: “impotente [...] e com umas partículas de lama no rosto.”

A história desse filósofo poderia ser a história de uma tarde na vida paulistana de Jean Maugüé. Seja pela coincidência das datas, Maugüé e Anatol estavam em São Paulo no mesmo momento, ambos

⁷⁰ Idem, *ibidem*, p. 123.

ligados à família Mesquita, interessados em Filosofia e Literatura, na vida social, no convívio com intelectuais, jornalistas e artistas. Seja pelo tipo e figura desse professor descrito por Anatol, para quem o conhecimento transcendia os limites de sua cátedra, para quem a quimera dos “fatos isolados” era desfeita pelo fenômeno que Anatol chama de “combustão espiritual”, onde “derretem-se e dissolvem-se no alto forno da sua alma os dados mais desencontrados”, cujas essências depois vão ajudar a compor o pensamento do professor. A ausência marcada na sua expressão é compreendida pelo narrador como “uma incessante e torturada presença em face do essencial.” Ele estava profundamente convencido da dignidade da sua vocação e do seu trabalho. Reconhece, como Max Scheler, que é preciso, como questão filosófica essencial, procurar compreender a potência da vida orgânica nos desígnios da humanidade.

Os três anos do curso de Filosofia da FFLC-USP eram divididos em grupos de disciplinas. No primeiro ano, havia Filosofia Geral, Psicologia e Sociologia; no segundo, Filosofia Geral, História da Filosofia, Filosofia Moral e Social e, por último, Sociologia; no terceiro, de novo, mas um passo adiante (como o que hoje denominaríamos “II”): Filosofia Geral, História da Filosofia, Filosofia Moral e Social e Sociologia. Importa frisar que não foi essa a organização que Maugüé herdou de seu antecessor, Étienne Borne. Para o ano letivo anterior, chamado inicialmente “1934/35”, a

distribuição obedecia a uma ordem um pouco diferente⁷¹: para o primeiro ano, Psicologia (os métodos, o objeto, os problemas), Filosofia Geral (os grandes problemas da matéria, da vida, do espírito); para o segundo ano, Filosofia Geral (os métodos: metafísicos, dogmáticos, criticismo; filosofia da indução), Filosofia Moral e Social (história das idéias morais; o problema da natureza da sociedade), História da Filosofia (estudo de um grande autor: platonismo, cartesianismo); para o terceiro e último ano, Filosofia Geral (estudo especial sobre um grande problema), História da Filosofia (estudo sobre um grande autor e sobre um grande texto. Ex.: Descartes e “Crítica da Razão Pura”), Lógica e Filosofia das Ciências (história dos métodos científicos; o problema do valor da ciência).⁷² E foi esse o programa que Maugüé precisou aplicar quando aqui chegou. Como sabemos, logo viriam as primeiras férias da Missão Francesa, largamente estabelecidas de outubro de 1935 a fevereiro de 1936. Foi depois desse recesso que Maugüé voltou com uma nova proposta, além de um conjunto de diretrizes para melhor encaminhar os estudos de Filosofia no Brasil.

⁷¹ Em carta-relatório a Jean Marx e George Dumas, Étienne Borne assim se referia às condições que aqui encontrou no primeiro ano de funcionamento dos cursos de filosofia: “o caráter pouco estudantil de um auditório inicialmente composto por intelectuais, médicos, advogados interessados em cultura geral. A ambição maior do filósofo é antes de tudo estimular a curiosidade especulativa, o senso crítico e histórico tão pouco favorecido pelo modo dogmático e imperialista com o qual são impostas as duas correntes filosóficas predominantes, o positivismo e o tomismo.” [carta de 7 de janeiro de 1935, nos *Archives diplomatiques de Nantes*, seção Oeuvres Brésil, nº 443.

⁷² Cf. Anuário da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências, 1934-35, p. 255.

Para os três anos do curso de Filosofia, Maugüé propunha um curso de Psicologia cujos temas eram assim apresentados⁷³: 1. Vida afetiva e vida representativa; 2. A tristeza e a alegria; 3. A dor e o prazer; 4. A significação da dor; 5. Valor educativo da dor; 6. As tendências; 7. As emoções; 8. Teorias sobre as emoções; 9. Significação da emoção; 10. Significado da emoção; 11. O medo e a cólera; 12. Os sentimentos; 13. A fenomenologia dos sentimentos; 14. A posição de Max Scheler; 15. Atitudes clássicas ou racionalistas; 16. O amor; 17. Crítica da concepção naturalista do amor pelos fenomenologistas alemães; 18. Freud e a concepção naturalista do amor; 19. Crítica; 20. O sentimento social; 21. A pátria. Para todos também, o programa de Filosofia Moral e Social previa: 1. As grandes concepções da vida moral; 2. Moral e sociologia; 3. A moral e a ciência; 4. Os costumes; 5. O problema moral; 6. A experiência moral; 7. A justiça e a caridade; 8. A responsabilidade; 9. A família. Para os mesmos anos, História da Filosofia: 1. Significado da História da Filosofia; 2. Os pré-socráticos; 3. A descoberta do pensamento racional; 4. Sócrates; 5. Platão; 6. A política de Platão.

Para o primeiro e o segundo anos, o curso de Filosofia Geral estaria baseado no tema "O problema da liberdade": 1. Fatalidade; 2. Causa; 3. Responsabilidade; 4. A causalidade na Filosofia de Aristóteles; 5. Noção de causa em Aristóteles; 6. A causalidade entre

⁷³ Cf. Anuário da Faculdade..., 1936, p. 190.

os povos primitivos; 7. Causa primeira e causa segunda; 8. O determinismo; 9. O determinismo na Filosofia de Leibniz; 10. A liberdade estética; 11. Liberdade na Filosofia de Kant; 12. Relações entre a ciência e o humanismo.

Havia ainda um “curso especial” de História da Filosofia para o terceiro ano: 1. O espinosismo; 2. A vida e as obras de Espinosa; 3. Origens do espinosismo; 4. O problema do bem supremo; 5. O Tratado Teológico-Político; 6. A religião; 7. A política; 8. O método; 9. Deus; 10. Os atributos da substância; 11. A alma e o corpo; 12. Os três degraus do conhecimento; 13. Aspecto geral do espinosismo; 14. Os sentimentos e as paixões; 15. A razão; 16. A beatitude.⁷⁴

Comparando esse programa de Maugüé com o conteúdo dos manuscritos dos seus cursos, há, pelo menos, quinze tópicos que coincidem nominalmente; outros tratam dos mesmos assuntos com títulos diferentes; praticamente todos os autores de mais destaque da História da Filosofia comparecem, com um pouco mais de ênfase e recorrência aparecem Sócrates, Platão e Aristóteles, depois Kant, Hegel, Marx, Freud, Max Scheler, Alain, Bergson, Merleau-Ponty e Sartre. Destes coincidentes, selecionei um trecho dos manuscritos para tradução, edição diplomática, análise e comentário: “*Qu’est-ce*

⁷⁴ O índice que elaborei a partir do conjunto de manuscritos que encontrei em posse da família permite atestar a semelhança e, algumas vezes, a coincidência, entre o programa acima e as aulas transcritas. Conferir anexo II ao final desta tese.

que la philosophie?”, o fragmento onde Maugüé tematiza e aprofunda as mesmas questões que abordou na primeira parte das suas diretrizes para o ensino da Filosofia.

Os cursos de Maugüé partiam de considerações estritamente vinculadas a um filósofo da tradição somente quando fosse necessário ao assunto envolvido na questão filosófica a partir da qual Maugüé ia tecendo comentários até retraduzi-la em termos de um tema da chamada vida comum. Assim, por exemplo, na parte do curso chamado por ele de *“Qu’est-ce que la philosophie?”*, depois de circunscrever a questão no âmbito fundamental das “grandes questões” que o homem se coloca, parte para considerações acerca das “Questões de método”, de Sartre, para indagar-se em seguida sobre o significado da justiça ou da felicidade.

“O QUE É A FILOSOFIA?”

O filósofo é o homem que se coloca questões que outros já se colocaram ou já resolveram.

Diferença entre filósofo e não-filósofo: o não-filósofo aceita prontas as respostas dadas.

O homem não é um animal; ele não se colocaria questões; ele somente procuraria subsistir.

O homem se coloca questões que são sempre as mesmas:

O que é a Verdade, a Justiça, a Felicidade?

Por que ele se pergunta o que é a Felicidade?

I. O homem não está feliz com a sua condição.

II. Ele tem o instinto secreto de que pode obtê-la: sem Fatalismo (diferente do animal).

O homem sabe que tem em si o meio de mudar as condições:

Ex.: O homem não aceita a morte.

Logo, as grandes questões que ele se coloca são o FATO do homem.

Caricatura da Filosofia: todos procuraram saber o que é a felicidade; cada um acrescentou uma NUANCE FILOSÓFICA = resulta em uma mistura e no acúmulo dessas nuances. Colocam-se todos os filósofos no mesmo plano.

Ex.: completar Aristóteles com Bergson: é ridículo. A questão da felicidade

não tem sentido senão em uma aplicação, em condições particulares.

É preciso tomar os filósofos em suas condições.

Cada época tem sua filosofia que é verdadeira.

A partir do momento em que a época é modificada, sua filosofia não é mais verdadeira, ela torna-se ultrapassada.

*

“Em um artigo da *Temps Modernes* intitulado “Questões de método”, Sartre se pergunta: O que a Filosofia? Inicialmente, ele responde pelas aparências que assumem, no mais das vezes, a filosofia, e que são o que a filosofia não é. A filosofia se apresenta como um conjunto de temas:

O que é a Justiça? O que é a Felicidade?

Já pelo fato de que esses temas se apresentam sob a forma interrogativa, entende-se que a resposta não está facilmente ao alcance dos homens. Mas esses temas têm uma característica comum. Colocam o que chamamos classicamente de questões últimas ou finais; mais profundamente que as atividades imediatas, os filósofos procuram a significação explícita de suas atividades. Eles procuram então apreender e tornar consciente o sentido mesmo do Destino Humano. Mas a filosofia permite também compreender que essas questões:

1) têm, de direito, uma resposta perfeita e definitiva em algum lugar, em um tipo de céu inteligível, como diria Platão, há um tipo de oráculo, que, se soubermos consultá-lo, nos dirá de uma vez por todas o que é a verdade, a justiça, a felicidade.

2) mas em razão da enfermidade do homem, a filosofia se desenrola como uma sucessão de respostas fragmentárias e contraditórias. Em suma, a filosofia seria um conjunto de noções extratemporais, eternas, enquanto

que a história das filosofias não seria senão uma história incoerente, dos erros que os consulentes teriam cometido ao ouvirem mal o oráculo.

Para esclarecer esta curta análise, tomemos o exemplo da Justiça. Pode-se defini-la, grosso modo, como a relação equilibrada dos homens entre si. Ora, Platão põe a justiça em uma organização da Pólis hierarquizada ao redor dos filósofos. Ao que Aristóteles objeta dizendo que a justiça é a submissão dos cidadãos à ordem tal qual ela é (justiça distributiva).

Os Cartesianos fundaram a justiça sobre a igualdade de valores das inteligências humanas, enquanto que os socialistas modernos fundaram-na sobre a equivalência das horas de trabalho. Donde resulta a impressão seguinte:

1) Cada filósofo não fez senão destacar do tempo um aspecto da verdade eterna.

2) Daí a possibilidade dos filósofos de se corrigirem reciprocamente, como Merleau-Ponty escreveu no seu curso inaugural no Collège de France: "A filosofia se torna uma diplomacia."

3) Mas o jogo diplomático é estéril pois ele aparece sem solução.

4) Enfim e sobretudo o que não se vê é por que cada filosofia desenvolveu um ponto de vista diferente.

Ex.: Qual é a razão precisa para a qual a noção de justiça em Platão aristocrática e reformista, enquanto que conservadora em Aristóteles? ... Platão confia no intelecto e Aristóteles na ordem.

A esta concepção tradicional, Sartre objecta:

1) Uma filosofia deve ser colocada em situação (contexto histórico).
(cf. ex "K" com os presbiterianos americanos). Uma situação é um conflito.

2) Todas as filosofias se apresentam como uma negação (o Cristo = Sócrates, K. Marx: nega a burguesia, Platão etc...) Começo: recusa que é o aspecto de uma afirmação mais profunda, mais nova, toda filosofia é uma Revolução. Conclusão: para cada época há uma filosofia viva e verdadeira: Descartes no séc. XVII: todos, contra ou a favor, pensaram através dele.

Ex.: Platão aristocrata que vivia em uma cidade onde 40.000 habitantes livres apagavam a presença de 400.000 escravos. Ele vivia à época em que Atenas ainda que dilacerada por suas querelas intestinas era ainda uma cidade livre.

Aristóteles, ao contrário, seguiu a conquista de Alexandre e viveu em uma cidade estrangeira e ocupada. A Atenas livre nos deu Sócrates e o platonismo. A Grécia já submetida nos deu o aristotelismo. Com mais forte razão não se pode colocar no mesmo plano de Platão e Aristóteles, um filósofo como Descartes, que viveu no séc. XVII cristão em um país onde a escravidão não existia mais, onde, ao contrário, o homem possuía uma técnica científica e máquinas que os gregos não podiam imaginar.

Como podemos pensar que três filósofos que viveram em condições tão diversas tenham podido conceber pelo mesmo olhar as relações entre os homens. É preciso então primeiramente para desfazer o aparente caos da filosofia recolocar cada filósofo 'na situação' (Sartre) em que ele viveu.

Situação, isto é, um complexo econômico, social e político, do qual a filosofia não é senão a expressão transposta.

Mas por situação é preciso não entender um estado estável, homogêneo, pois não compreenderíamos por que mistérios as situações evoluíram historicamente. Cada situação comporta em si contradições e forças de ruptura. Seria bastante curioso que enquanto os homens não cessaram de lutar em guerras e revoluções para perseguir o progresso de seu destino, os filósofos têm o privilégio de gozar de uma situação imóvel e pacífica. Na verdade, toda situação é um conflito entre um certo estado de coisas que tenta se prolongar e as novas potências que este estado engendrou, e que tentam se destacar e vencer. Toda filosofia reflete pois a oposição entre as forças estagnantes e moventes de um período. Toda filosofia é um esforço constante para substituir o morto pelo vivo. Ex.: Descartes representa o esforço do séc. XVII para superar a velha teologia e para inaugurar um novo humanismo moderno. Veremos mais tarde que o conflito interior de cada situação é incarnado de um modo concreto por grupos sociais, e cada filósofo ligou seu destino à classe ascendente, aquela designada a assumir o futuro. Assim, no séc. XVII, o conflito entre a feudalidade e a estrutura já ultrapassada da propriedade imóvel e a burguesia que coloca o futuro na circulação das riquezas e a previsão das mudanças.

II. isto posto, uma filosofia se apresenta sempre e de primeiramente como uma negação. É de início uma recusa. É a negação do que há de morto no estado presente. Sartre: "o cartesianismo abre caminho, destrói e

faz entrever através das complicações e dos particularismos do sistema feudal a universalidade abstrata da propriedade burguesa." Assim, se toda filosofia se apresenta como uma negação, é que ela nega em nome de uma certa afirmação. Mas imediatamente devemos avançar sobre a idéia diretriz que encontraremos ao longo de todo o curso: Para um filósofo, está morto tudo o que é contraditório. Quando, à época de Montaigne e Descartes, os costumes revelados pelas viagens apareciam nas suas contradições, é o sinal de que elas foram maculadas de um tal anacronismo e que devem ser ultrapassadas. Ao contrário, o cartesianismo é o que tenta restabelecer a unidade. Os homens são dissemelhantes, pelos costumes, as políticas e desterros; mas eles podem se unir na universalidade da ciência. O Deus de Descartes exprime esta unidade: é um Deus da evidência, o Deus da Razão, no qual podem se reunir protestantes, católicos e judeus.

III. Situação, negação, a essas duas noções características de todos os filósofos, Sartre acrescenta uma terceira:

é a TOTALIZAÇÃO.

Quando um filósofo toma consciência da tarefa viva [tâche vivante] de sua época, ele tende a considerá-la como um absoluto definitivo. Assim o cartesianismo exprime a tarefa essencial do séc. XVII que é a promoção das ciências e o parti-pris reportar todos os acontecimentos do universo a relações matemáticas. E, sem dúvida, Descartes pressentiu que para além da promoção das ciências outras tarefas se devalavam aos homens: graças às ciências, a construção das máquinas; graças ao equipamento industrial

"uma nova moral", isto é, uma nova sociedade. Esse pressentimento se encontra na sexta parte do Discurso do Método. Mas esse para além do momento de Descartes fica para além do momento de Descartes.

Por sua noção de Deus, Descartes projeta no absoluto a totalidade dos conhecimentos que toda sua vida lhe permitirá apenas esboçar. Este Deus é a realização definitiva da tarefa histórica de Descartes. E sem que Descartes perceba isso, esse Deus prende o cartesianismo nos próprios limites dos conhecimentos de Descartes. Paralelamente à totalização filosófica, há a totalização política da classe que exprime o cartesianismo. A burguesia se crê justa quando ela se confronta com a nobreza. Ela erra quando se confronta com a totalidade da sociedade pois ela imagina que pela eternidade o progresso será aquele da burguesia. Ela não pode ainda imaginar que ela traz em si sua própria destruição e que seu próprio sucesso lhe suscitará dois séculos mais tarde a mesma oposição na massa do povo que a feudalidade tinha encontrado nela no fim da Idade Média. Em suma, até nossos dias, nenhuma filosofia pensou a si própria no movimento da história. É por isso que ela sempre se considerou como TOTAL, isto é, suficiente e total.

Desta análise de Sartre, nós reteremos:

1) É freqüentemente exato e inexato que haja não a filosofia, mas filósofos. É verdade dizer que não hajam senão filósofos, visto que toda filosofia exprime situações diferentes. Há o Platonismo, o Cristianismo, o Cartesianismo. Mas não é menos verdade que há, entretanto, a Filosofia. A

não ser que suponhamos que as diferentes situações não se engendrem reciprocamente, não são todas orientadas implicitamente no sentido do mesmo futuro, em suma, a não ser que neguemos a unidade do homem e da história, todas as situações manifestam o mesmo esforço, mas cada vez mais preciso e mais consciente.

À unidade da história responde então a unidade da filosofia.

2) É igualmente exato e inexato dizer que as filosofias não são absolutas nem relativas, ou se se prefere, não são eternas nem temporais, relativas, e temporais pelo que há de estritamente histórico na situação; elas são absolutas e eternas na medida em que coincidem com o que há de vivo, "O que há de existencial nos homens". (Sartre, veremos mais tarde que qualquer que sejam as circunstâncias, nunca há senão uma maneira de ser livre. Ainda que se as liberdades se apresentem sempre diferentes pelas circunstâncias, elas são sempre profundamente idênticas. É assim que se a morte de Sócrates, do Cristo, o exílio de Descartes e Espinosa diferem pelo contexto histórico, seus exemplos e suas significações continuam eternas, e fraternas na memória dos Homens.

Do ponto de vista da forma, para começar, essas quatro laudas, no original, fazem lembrar as famosas quatro laudas em espaço duplo que totalizam os 50 minutos de uma aula ideal segundo nos recomenda Antonio Candido⁷⁵. Há pelo menos três movimentos: 1.

⁷⁵ Tomado a partir de depoimento de Walnice Nogueira Galvão, "A aula", in: *Dentro do texto, dentro da vida: ensaios sobre Antonio Candido*, pp. 48-9.

entrada em matéria; 2. orientação para o pensamento; e 3. balanço da exposição. Na primeira parte, Maugüé apresenta as questões primeiras e base a partir da qual ele construirá um caminho de exposição e de investigação em ato, ao seu modo "tateante", como se estivesse hesitando⁷⁶. Em relação, ao segundo movimento, ao artigo de Sartre, Maugüé procede à transposição dos gêneros, isto é, passa do texto de revista para um assunto de aula, do tratamento árido do discurso filosófico escrito para a quase encenação com tom adequado e retórica ajustada à apresentação oral. Maugüé, por assim dizer, faz decantar a exposição do artigo e seleciona os elementos que mais e melhor lhe interessam para o desenvolvimento conveniente do tipo de apresentação e do estágio de desenvolvimento do curso e do seu auditório, seja em relação ao conteúdo, seja em relação à depuração do jargão filosófico. Além disso, do ponto de vista retórico, o manuscrito da aula aqui transcrito dá uma idéia dos pontos referenciais marcados e que deveriam funcionar como ênfases, grifos e destaques no sentido de manter a atenção dos estudantes, realçar o "rumor do vida" pulsando sob as indagações e considerações, enfim despertar questionamentos, instigar a reflexão e, no fim das contas, manter viva a experiência do estudante na compreensão da Filosofia como um ponto de vista privilegiado para a vida.

⁷⁶ No artigo "Estética rica e estética pobre dos professores franceses", Gilda de Mello e Souza, ao comentar sobre o tipo de aula do professor Maugüé, destaca essas fases da exposição dele. Cf. citação do trecho na seqüência.

Na primeira parte dessa aula, da pergunta tema "O que é a Filosofia?", Maugüé chega à formulação de que "cada época tem a sua Filosofia." E, em seguida, digamos, remetendo o tema à História da Filosofia, fisga a partir do presente o tratamento dispensado segundo o método de Sartre.

Os movimentos da aula compreendem considerações sobre quem é o protagonista envolvido na questão-título da aula, quem é o filósofo, depois quem não é ele, passa à condição humana e suas questões, volta à figura, ainda que caricata num primeiro momento, de hipotético filósofo – evidentemente procurando cercar as representações do senso comum e, mais próximas, dos seus alunos. Mas qual é a contribuição dos filósofos quando abordam as questões intrínsecas à condição humana e elas aportam uma "acumulação das nuances"? Ou, noutras palavras, o que é agora, não mais a filosofia ou o filósofo, mas a própria História da Filosofia?

Articulada assim a partir do nível mais concreto, do homem que porta este figurino social do filósofo, e avançando no sentido de uma rede de sutilezas metafísicas encarnadas na idéia de uma História da Filosofia, a aula de Maugüé parece compor o lastro de imantação do interesse do estudante e, só a partir disso, permite-se apresentar a leitura cerrada do filósofo contemporâneo que interessa a ele

abordar: Sartre e as “As questões de método”, dos *Temps Modernes*. Mas tampouco nessa fase Maugüé abandona o diapasão que modulou a entrada em matéria da primeira parte, característica aliás marcadamente referida nos depoimentos de muitos dos ex-alunos:

“[...] Maugüé não era apenas um professor – era uma maneira de andar e de falar, que alguns de nós imitavam afetosamente com perfeição; era um modo de abordar os assuntos, hesitando, como quem ainda não decidiu por onde começar e não sabe ao certo o que tem a dizer; e por isso se perde em atalhos, retrocede, retoma um pensamento que deixara incompleto, segue as idéias ao sabor das associações. Mas esse era o momento preparatório no qual, como um acrobata, esquentava os músculos; depois alçava vôo e, então, era inigualável. A impressão e a marca que deixou em nós foram extraordinárias e, mesmo agora, depois que o correr dos anos nos ofereceu tantas oportunidades de comparação, continuamos considerando-o como um dos maiores professores que já conhecemos.”⁷⁷

“Cheguei lá, primeiro dia de aula, o Maugüé disse o seguinte: 'eu vou dar um curso sobre a Teoria da Emoções, quem não leu Crime e castigo, de Dostoievsky, e Hamlet, de Shakespeare, não precisa entrar nesse curso.' Levei um susto, isso não fazia sentido. Ele nos deu como tema para o primeiro trabalho: “Comentar esses dois versos de Alfred Musset: *'L'homme est un apprenti, la douleur est son maître, nul n'a vécu tant qu'il n'a pas*

⁷⁷ Gilda de Mello e Souza, “A estética rica e a estética pobre dos professores franceses”, in: *Exercícios de leitura*, p. 10.

souffert'. Eu fiz uma prova estritamente científica, eu mostrei que a dor tinha uma realidade maior do que o prazer porque o prazer não tem localização num ponto, o prazer é difuso [...]. Escrevi isso lá. Ele deu 6, uma nota muito baixa. E escreveu com tinta vermelha assim: 'Você não vai me convencer que na sua idade você tem formação mais científica do que literária, portanto, porque é que não fez um comentário literário?' E sapecou 6. Ele era um professor completamente diferente. [...] Era um curso fascinante, eu nunca tinha visto um negócio daquele."⁷⁸

"Jean Maugüé comentou mais de uma vez, na Universidade de São Paulo, as idéias expressas por Cocteau no *Patomak*, a respeito da epiderme. Os cursos do professor Maugüé eram de natureza filosófica, mas fazia parte do seu estilo cultural, e comprazia à sua *coquetterie* situar o maior número possível de referências fora do terreno de sua especialidade. Maugüé participa, com Sartre e Simone de Beauvoir, da primeira geração intelectual francesa influenciada pelo cinema."⁷⁹

Gilda de Mello e Souza compara o "momento preparatório" do professor com o aquecimento de um acrobata, cuja apresentação deixou "impressões extraordinárias", mesmo depois que o tempo ofereceu ocasiões de comparação. Antonio Candido parece ter compreendido na prática a teoria das emoções, eixo temático do curso, pela surpresa, ruim com a nota baixa, e fascinante com o tipo de curso e com a performance do professor, sobre esse último traço

⁷⁸ Antonio Candido, Depoimento cf. Anexo I.

⁷⁹ Paulo Emílio Salles Gomes, "A pele e a paz", in: *Crítica de cinema no Suplemento Literário*, p. 203.

em certa ocasião afirmou: "não eram as aulas, era ele". O depoimento de Paulo Emílio relembra o "estilo cultural", "a *coquetterie*" de Maugüé e o caráter mestiço da composição e exposição das aulas dele, o que confirma as estratégias de estímulo ao interesse e à atenção pelo recurso de devolver as questões filosóficas tematizadas ao âmbito de suas origens: a vida em múltiplos e variados aspectos.

Continuando o comentário sobre o fragmento de aula do manuscrito, a organização dos assuntos abordados no trecho do curso citado continua sob a pauta de estirar os fios do método sartreano sobre as concepções mais triviais, imediatas e subterraneamente inconscientes do senso comum dos próprios alunos, ao que parece, reinventando a possibilidade de se reatarem os liames dos dois âmbitos: uma delas, "a Filosofia se apresenta como um conjunto de temas." E isso não necessariamente significa um engano ou que a "verdadeira" Filosofia estivesse livre de ser concebida como tema. Antes, o que se evidencia a identificação de uma via de exposição pedagógica e produtiva. É notável como o discurso do professor e o do filósofo vão se imbricando ao ponto de se confundirem, o que, ao final, potencializa o efeito de revelação de que durante o percurso, o aluno esteve, na verdade, sob o guia do professor, mas em meio ao tecido conceitual do filósofo. E a dimensão de que a História da Filosofia poderia se constituir como um

fio de Ariadne no mundo semelhante ao tipo de orientação dispensada por Virgílio a Dante no percurso em meio à *selva oscura*.

Na medida em que, pelo que chama de “concepção tradicional”, Maugüé identifica a posição do filósofo no âmbito da atemporalidade conceitual, por outro lado, ele, pelo espírito sartreano, objeta que “uma filosofia deve ser posta em situação”⁸⁰. Não meramente pelo recurso da mera vala-comum do dever ser antipedagógico, antes pela elucidação de fibra por fibra da relação entre Filosofia e História contida, não na abstração da História da Filosofia, mas naquela que chega a ela começando, como materialista, pela reconfiguração das condições históricas que circunscreveram as concepções, por exemplo, políticas de Platão e de Aristóteles. E recomenda: “Para desfazer o aparente caos da Filosofia convém reposicionar cada filósofo ‘na situação’ em que viveu.” O caráter provavelmente um pouco oracular da dica desfaz-se em seguida pelo exame detido da

⁸⁰ Importa lembrar que desde 1938, Sartre, importante *camarade ulmien* de Maugüé, já estava engajado no conjunto de ensaios de crítica literária os quais reunidos, em 1947, receberiam o título de *Situations*. Como lembra Bento Prado Jr. no ensaio em que apresenta a edição brasileira, “Sartre pensou em dar a seu livro o título ‘Significações’, talvez para sublinhar sua dívida com a fenomenologia de Husserl. O título definitivo já marca o seu distanciamento parcial em relação ao filósofo alemão.” Além disso, Sartre tira digamos a carga estritamente lógico-analítica da primeira opção para, com a segunda, ampliar a dimensão histórico-crítica, escopo, aliás, ressaltado por Maugüé no trecho em pauta. Evidentemente as duas dimensões se complementam e compõem o rigor do trabalho ensaístico dos dois autores. Na sequência da aula, Maugüé esclarece o sentido da idéia sartreana de *situation*: “Situação quer dizer um complexo econômico, social e político, do qual a filosofia não é senão a expressão transposta. Não um estado estável, homogêneo, pois assim não compreenderíamos por qual mistério as situações evoluíram historicamente.”

idéia de situação: “um complexo econômico, social e político, do qual a filosofia não é senão expressão transposta.”⁸¹

A aula chega ao seu desfecho com a idéia de que, apesar das diferenças de época e, *hélas*, de situação, existe uma condição que permite reconhecer a unidade da Filosofia e esta é a da Liberdade. Notemos que, a nos referirmos à organização geral dos cursos de Maugüé aqui tematizados⁸², veremos que de algum modo, os três principais assuntos por ele tratados estão presentes *in nuce* na primeira aula. Quero dizer, Maugüé parece conceber a organização deste ponto inicial de seus cursos, presente aliás em cada uma das aulas, à maneira do clássico *incipit*⁸³, pelo qual, nas palavras de George Steiner, “o começo da história é também a história do começo”⁸⁴. O cursos de Maugüé por isso começavam com a indagação sobre o que é a Filosofia, passavam em seguida por uma série de lições sobre a Psicologia, chegava à História e concluía com o capítulo sobre a Liberdade.

Uma relação que me parece sempre pressuposta no tipo de concepção de aula, de curso e de orientação filosófica de Maugüé é

⁸¹ O exame de Maugüé continua conforme o manuscrito transcrito.

⁸² Cf. anexo com o sumário dos manuscritos.

⁸³ Lembro uma curiosidade autobiográfica de Maugüé sobre seus estudos de latim: “[...] Sem dizer a meus pais, e sem nada pedir, [meu professor de latim em 5e., M. Elbel] me recebeu na casa dele. Ele me fez estudar tanto e tão bem o latim que no fim do ano eu ocupava o lugar que ele achava que eu merecia. Não foi essa a única vez que encontrei traços de generosidade nos meus professores do ensino secundário [...]”, *Les dents agacées*, p. 30.

⁸⁴ *Gramáticas da criação*, p. 29.

aquela entre Filosofia e Literatura. Não somente pela referência direta como no caso do curso lembrado por Antonio Candido na citação acima, mas como um beneficiamento mútuo, de um lado uma expressividade mais viva, e de outro a recuperação do poder de verdade:

“Entre a Filosofia e a Literatura, trata-se de recuperar o poder de verdade da Literatura e de devolver à Filosofia uma linguagem viva que ela perdeu na sua produção/reprodução intramuros nas instituições escolásticas. [...] Não se trata de confundir Filosofia e Literatura, mas de abrir caminho para uma Filosofia que seja capaz de exprimir a experiência mais concreta e de valorizar uma Literatura que nos permita ver melhor a nós mesmos e o mundo presente.”⁸⁵

Em 1948, na resenha “O ensaísta, homem que passeia”, Drummond procurando caracterizar o crítico Augusto Meyer assim o descreve:

“Escolhendo o ensaio para exprimir suas meditações ou divagações, o sr. Augusto Meyer adotou a forma ideal para consolar o temperamento crítico de não aprofundar a crítica; o temperamento filosófico, de não construir um sistema; e o temperamento poético, de não exercer a poesia. Porque o ensaio é de natureza compósita e, por sua indeterminação, se beneficia de tudo sem se obrigar a nada. Quando o ensaísta parece

⁸⁵ Bento Prado Jr., “Sartre e o destino histórico do ensaio”, p. 9

enveredar pela análise conseqüente, fundada em critério lógico, abrindo-nos a uma visão racionalista da coisa contemplada, eis que dá um salto de pelotiqueiro, e temos pela frente um espetáculo de pura mágica, uma tela impressionista, um traço de humor.”⁸⁶

Dessa concepção ensaística de Drummond podemos encontrar semelhanças entre a figura do crítico [e igualmente do professor] que ensaia e a de um passeante, de alguém que dá azo às suas divagações, alguém que envereda pelos seus objetos, e assim caminha até o momento do “salto de pelotiqueiro” e ao modo de um ilusionista ou de um acrobata apresenta seu número. Mas não como quem ilude o público, ao contrário, e mais uma das virtudes do ensaísta, é construir rigorosamente a verdade de seus objetos mantendo a elegância, a firmeza e a clareza expressiva, o suspense e a atenção de seus públicos, de seus espectadores ou de seus auditórios. Seu trabalho será, portanto, o resultado dessas *reveries* de uma nova espécie de *promeneur solitaire*.

Seria possível então aproximar o modo como Maugüé planejava e apresentava suas aulas com o gênero do ensaio? Seja a partir do manuscrito apresentado, seja pelos depoimentos de ex-alunos, parece sempre emanar daí a figura de um professor permanentemente atento para um conjunto de providências

⁸⁶ Carlos Drummond de Andrade. *Conversa de livraria (1941 e 1948)*. Porto Alegre: Ed. Age; São Paulo: Ed. Giordano. 2000, p. 89.

fundamentais para o conveniente [porque “sobre os fatos, as paixões, os namoros, os problemas de família, o noticiário, os problemas sociais, a política, a vida enfim”] exercício de sua função, baseada [mas não limitada] no desenvolvimento da reflexão filosófica e, por isso mesmo, capaz de estabelecer uma rotina sem a qual não se realiza nos estudantes o esperado processo de formação do discernimento. Além disso, *comme il faut*, não lhe faltava um certo bom humor de matiz digamos arlequinal: “Aristóteles, a quem chamava, fazendo pilhéria, de um garotinho muito inteligente... tão inteligente quanto o meu colega Lévi-Strauss...”⁸⁷

Esse *modus operanti* não subsistiria com a mesma força se o protagonista não se dispusesse a todo momento a questionar-se a si próprio e a todos os outros, expondo, direta ou indiretamente, o ponto nevrálgico dos automatismos, das condutas de conveniência, da seriedade rígida e embotada, da falsidade das “superioridades” meramente hierárquicas, do jogo quimérico e vaidoso de auto-proclamação dos próprios méritos. Mas também não significa isso que esse personagem seria muito mais do que é, embora guarde em potência um alcance muito maior e do que poderia vir a pretendê-lo os seus alvos de ironia e crítica. É no reconhecimento do exercício do seu papel como tentativa e experiência, passível portanto de toda a precariedade e falibilidade disso decorrentes, que o personagem

⁸⁷ Gilda de Mello e Souza, “A estética rica e a estética pobre”, p.

reconverte em força produtiva o que parecia perdido como limite de origem. Aliás, não é a filosofia também um exercício de experimentação, por isso de ensaio, do pensamento? Para realçar essa caracterização por outra via, gostaria de retomar epígrafe de Juan José Saer sobre "o homem sem qualidades" na abertura desta tese:

"O homem sem qualidades é aquele que, desembaraçando-se de todas as convenções, as posturas sociais, os conteúdos intelectuais e morais, as máscaras de identidade, os sentimentos e emoções calcados nos difundidos pelo entorno, a sexualidade canalizada nos diques do socialmente aceito, voltando ao grau zero da disponibilidade, construirá sua vida se opondo a todo automatismo e a todo lugar-comum da inteligência, da vida afetiva e do comportamento. [...] ser um homem sem qualidades, reivindicar apenas a própria disponibilidade sem prévias adesões compulsórias a supostas causas, sagradas ou não, a determinadas normas de conduta, ditadas como eternas e pensadas para reger a sucessão de gerações fugitivas, supostamente idênticas umas às outras, representava não uma forma de egoísmo ou um modo de virar as costas para a realidade, mas uma saudável desconfiança quanto ao consabido, ao irrefletido, ao imposto pela esmagadora inércia do mundo."

Parodiando Jean Maugüé: é a coragem do filósofo que faz a qualidade de seu pensamento.

* * *

“una voce modesta, forse qual fu dall’angelo a Maria”

[Dante, *Purgatóri*, XIV, vv. 35/36]

Maugüé era daquela geração, segundo ele próprio nos conta,

“que considerava que um curso deveria ser primeiramente um discurso bem concatenado. O meu começava com a interrogação clássica: O que é a Filosofia?, e terminava com a Liberdade. Quando me ocorre passar os olhos sobre esse antigo trabalho, muitas águas já passaram sob as pontes do Sena. Mas não me envergonho. Chego a crer que não seria sem interesse publicá-lo tal e qual. [...] Meus infelizes alunos estragavam suas caligrafias ao transcreverem, voando, as palavras de seu professor. Mas aprendiam a conduzir seu pensamento, isto é, a se conduzir, simplesmente. Ademais, quando o professor parava de ditar, aproveitavam as delícias de longos momentos de explicação e de livre discussão. Neste ponto, eu me deitava à noite, a consciência tranqüila, pois tinha a certeza de que não seriam levados pelo vento.”⁸⁸

Houve um tempo – infelizmente já bastante remoto para alguns dos professores da geração da qual faço parte – em que a preocupação com os cursos podia mobilizar a maior parte do tempo de trabalho e da disposição de um professor. Como me lembrou Paulo

⁸⁸ *Les dents agacées*, p. 214.

Arantes, “a aula era um dos grandes acontecimentos na vida intelectual” e o professor se preparava criteriosa e cuidadosamente para elas, cuja prioridade não tinha concorrência. Gilda de Mello e Souza relembra:

“[...] não mais a repetição mecânica de um texto, vazio e inatual, cujas fontes eram cuidadosamente escamoteadas da classe, mas a exposição de um assunto preciso, apoiado numa bibliografia moderna, fornecida com lealdade ao aluno. Ao contrário da tradição romântica de ensino, baseada na improvisação e no brilho fácil – que ainda imperava na Faculdade de Direito, por exemplo –, o professor consultava disciplinadamente as suas anotações, aumentando com isso a confiança dos alunos na seriedade do ensino.”⁸⁹

Diferentemente, portanto, de uma época de soberania da retoriquire pseudo-propedêutica, a Faculdade de Filosofia passava a dispor um tipo de empenho e rigor pedagógico na transparência, na desmistificação, e no restabelecimento da função do professor antes como ponte do que como obstáculo ao conhecimento, na invenção de uma rotina de trabalho e aplicação que seria o alicerce seguro para a instauração crítico-intelectual. A aula se convertia, sob esse escopo, então em passagem cuja combinação com o estudo dedicado, atento e contínuo seria capaz de infundir as bases para a formação do discernimento.

⁸⁹ Ref. tomada a partir de Paulo Arantes, *Um departamento francês*, p. 67.

Sabemos, pelas memórias e depoimentos dos professores franceses, que foi a experiência do primeiro ano aqui (de fevereiro a outubro de 1935) que minou parte da “doce miragem civilizada” e desencadeou a necessidade de rever concepções e reestruturar balizas seguras e mais adequadas para orientar o trabalho com a Filosofia no Brasil. Nasceu daí o texto que seria considerado a “certidão de nascimento” do Departamento de Filosofia da USP: “O ensino da filosofia e suas diretrizes”, cujo objetivo expresso já nas primeiras linhas era “procurar fixar as condições do ensino filosófico na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.”

Em “O ensino da filosofia e suas diretrizes”, Maugüé pede “ao professor reflexões que empenhem a sua responsabilidade intelectual” e adverte que “a personalidade do estudante forma-se na atenção dada às lições, sobretudo na reflexão, e mais ainda, pela leitura, lenta, contínua e meditada.” Embora de ambos os lados as tarefas tenham um largo fundamento no trabalho individual de cada envolvido, é no momento da inter-relação que despertam as fagulhas do interesse e as conexões, muitas vezes insuspeitadas, entre as idéias e, como consequência, toda a disposição para a dedicação e para o empenho. Com o tipo de leitura que Maugüé apresenta em aula, conforme vimos, é como se aquele rigor do estudo meditado se

transformasse numa espécie de demonstração em ato de uma consciência que pensa em voz alta.

O auditório de Maugüé no Brasil era heterogêneo:

“resumia bem todas as ambigüidades de nossa faculdade. Brilhantes representantes da nobreza local, mulheres encantadoras e muito elegantemente vestidas, vinham por uma real preocupação com a cultura, um pouco como se assiste aos cursos no *Collège de France*, mas também, senão sobretudo, porque tudo o que fosse francês era privilégio deles. Com eles, havia também, mais sérios: Caio Prado Jr. e seu irmão, o pintor Carlos Prado. E mais tarde, Elias Chaves, que se tornou um de meus melhores amigos. Vinham em seguida aqueles que se tornaram nosso verdadeiro apoio. Jovens homens, desocupados, saídos de famílias da boa burguesia, nem ricos demais, nem pobres demais, Cruz Costa, o incomparável Cruz Costa, autor de uma preciosa *Pequena história da República*. Filho de um comerciante português e de uma mãe italiana, casou-se muito cedo. Um dia voltando para casa, descobriu que a mulher tinha partido. Nossa faculdade devolveu-lhe o gosto pela vida. Ele se tornou meu assistente.”⁹⁰

Pelo Anuário da Faculdade, de 1936, ficamos sabendo que os primeiros licenciados do curso de Filosofia da USP foram oficialmente dez: Adélia Dranger, Amélio Guariento, Décio Ferraz Alvim, Francisco Rodrigues Leite, João Barros de Sousa Aranha, João Cruz Costa, Lívio

⁹⁰ *Les dents agacées*, p. 96-7.

Teixeira, Nicanor Teixeira Miranda, Oswaldo Ferraz Alvim e Raul Ferraz de Mesquita. Isto quer dizer que entraram no primeiro ano da fundação da universidade, em 1934, e estavam se formando em 1936. Mas, evidentemente, havia os não-matriculados, daí a diversidade apontada por Maugüé e atestada pelos depoimentos e relatos sobre a época.

Combinados, evidentemente, às características peculiares de formação com as quais já chegaram à faculdade, nos anos seguintes, alguns alunos de Maugüé já começavam a manifestar os efeitos de suas providências. Na turma de 1939 formou-se um importante grupo de amigos que ficariam conhecidos primeiro como Grupo Clima. Um deles, Ruy Coelho, em depoimento ao jornalista Mário Neme, para o inquérito “Plataforma de uma geração”, conta que, ao contrário do que poderia parecer, Oswald assim autografou o seu exemplar de *Os condenados*: “Ruy, a sua geração vale muito mais que a minha.” Irreverente mas não disparatado, Oswald, que havia presenciado algumas aulas de Maugüé, reconhecia o valor do que estava em curso naquele momento na faculdade e na vida intelectual paulistana. E, o próprio professor Ruy, comparando a sua geração com a dos primeiros modernistas, conta: “a intuição genial que os animava era garantia bastante para tudo quanto dissessem sobre qualquer matéria. Imagino a irritação que sentiram quando surgiu um bando de ‘chato-boys’ que ousaram analisar o que diziam e, suprema

afronta, exigir que as opiniões fossem fundamentadas em conhecimentos. É perfeitamente compreensível que o primeiro movimento de boa acolhida e festas se transformasse em desconfiança e amargura quando viram que os peixes não mordiam os anzóis.”⁹¹

Parecia, então, instaurado um novo caminho para os estudos de filosofia em São Paulo. Nos anos seguintes, Cruz Costa e Lívio Teixeira tornaram-se os primeiros professores brasileiros formados pelo recém-fundada seção de Filosofia. Mas em meio ao acirramento da II Grande Guerra, Maugüé sentiu-se na obrigação de alistar-se e partiu em seguida para compor as tropas francesas sob o comando de direto de Delattre de Tassigny e, de Londres, do comandante Charles De Gaulle. Estava concluída a primeira e uma das mais importantes experiências de formação dos estudos de filosofia no Brasil.

* * * *

⁹¹ Mário Neme, *Plataforma de uma geração*, p. 243. O importante livro de Heloísa Pontes, *Destinos mistos: os críticos do Grupo Clima em São Paulo (1940-1968)*, em seu capítulo intitulado “Plataforma da geração” recompõe um quadro comparativo completo acerca das diferenças, conflitos e avanços entre os jovens do grupo em questão, todos ex-alunos de Maugüé, e a geração dos modernistas. Em entrevista inédita e que está como anexo a esta tese, Antonio Candido diz que o Grupo Clima era “filhote” de Maugüé e foi ele quem os ensinou a compor uma revista.

Discernimento e formação: projeto e providências

“Maugüé nos convidava em suma [...] a criar e cultivar num meio adverso o *discernimento*, pedra de toque sem a qual não há juízo capaz de saber apreciar [...].”

[Paulo Arantes, “Certidão de nascimento”, p. 74]

“A melhor forma de compreender o que é a prudência é considerar quais são os homens que chamamos prudentes.”

[Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, 4, 1.14 a 24]

“O prudente serve de critério apenas porque é dotado de uma inteligência crítica. Ele não é somente aquele a partir de quem se julga, mas aquele que julga.”

[Pierre Aubenque, “O homem de prudência”, pp. 85-6]

Formação, discernimento, juízo, gosto, prudência e sabedoria⁹² formam uma família semântica e conceitual de longa tradição na história do pensamento. Essas idéias assemelham-se à própria condição da Filosofia por não poderem ser ensinadas, mas precisarem

⁹² E também *Phrónesis*, *euteléia*, *paidéia*, *cultura animi*; *Urteilskraft*, *Bildung*, *Kultur*, *Weisheit*.

de cultivo para aprimoramento. Não é possível, como sabemos, ensinar Filosofia⁹³, mas podemos ensinar a filosofar, e nos beneficiamos, para isso, da História que se escreve a partir da Filosofia, e essa pode e deve ser ensinada, evidentemente, "seguindo métodos rigorosos e perfeitamente modernos", pois, conforme nos lembra ainda Maugüé: "Não há vida presente sem o conhecimento da vida passada." Isto quer dizer que se aprende a Filosofar acompanhando com sentimento e metodicamente os passos de um filósofo em ação, a *démarche* expositiva, por exemplo, de um sistema filosófico por seu autor e, tanto melhor, no seu idioma. Dito de outro modo, é preciso, para entrar nos procedimentos filosóficos, estudo atento, meditado, aprofundado e contínuo da tradição, "um recuo histórico preliminar até o domínio das avaliações mais ou menos incontestáveis"⁹⁴. Uma aparente simplicidade que revela sua extrema complexidade quando nos damos conta das dificuldades envolvidas na tarefa inicial de "saber apreciar [...] separando os bons livros dos ruins."⁹⁵ O discernimento em formação, por isso, demanda muita disposição para fazer uso do próprio entendimento, coragem para enfrentar as mistificações, as superstições e os preconceitos e, pelo menos no início, de um acompanhamento conveniente, cujo pressuposto e escopo deve ser sempre a autonomia. Esse fora o

⁹³ O que desmentiria o propósito no título do texto que Maugüé apresentou à FFLC-USP em 1936: "O ensino da Filosofia e suas diretrizes". Mas o possível equívoco é desfeito logo no início do artigo quando Maugüé retoma e explica a máxima kantiana e os limites do ensino tradicional e expõe suas propostas.

⁹⁴ Paulo Arantes, "Certidão de nascimento", p. 74.

⁹⁵ Idem, *ibidem*, p. 74.

próprio lema do Esclarecimento europeu: "*Sapere aude!* Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento."⁹⁶

O mesmo caminho, portanto, que pode conduzir à Filosofia resulta igualmente no desenvolvimento da capacidade de julgar, de discriminar, de escolher, enfim, de discernir. A fórmula um tanto circular a que chegamos é a de que é preciso saber escolher para manter em aperfeiçoamento a capacidade de escolher, é preciso discernimento para aprimorar o discernimento. Mas isso não é um problema pois vivemos em sociedade. Estabelecemos nossas escolhas em função do que podemos aprender de nossa história de nossa convivência social, em função daquilo no qual podemos nos espelhar e tomar como modelo, em função, enfim, da posição que, em parte, nos colocamos e que, em parte, nos é colocada em sociedade.

"Falávamos das implicações políticas do pensamento crítico e da noção de que o pensamento crítico implica a comunicabilidade. Ora, comunicabilidade implica obviamente uma comunidade de homens a quem se endereçar, os quais estão ouvindo e podem ser ouvidos. À questão 'por que há os homens e não o Homem', Kant teria respondido: a fim de que

⁹⁶ Kant, I. "Resposta à pergunta: que é Esclarecimento?". In: *Textos seletos*, p. 100. Importa lembrar aqui que o Esclarecimento funcionava antes de tudo como um "princípio negativo" e menos como um projeto de acumulação de riquezas do conhecimento. Mas por fazer parte de um programa de ensino, portanto escolar, as recomendações de Maugüé incluíam a formação de um repertório filosófico erudito, mas sempre conjugado com o sentimento e a perspectiva do discernimento, ambas, a meu ver, constitutivas da negatividade do princípio iluminista. Desnecessário talvez fosse dizer que todo projeto, ainda que se diga somente escolar, comporta um projeto de sociedade e, por isso, político.

possam falar uns aos outros. Pois os homens no plural e, assim, à humanidade [...] 'é uma vocação natural... comunicar e exprimir o que se pensa. [...]. Podemos olhar para esse fator da publicidade necessária ao pensamento crítico ainda de uma outra maneira. De fato, o que Sócrates fez, quando trouxe a Filosofia dos céus para a terra e começou a examinar as opiniões correntes entre os homens, foi extrair de toda afirmação as suas implicações ocultas e latentes. [...] Em ampla medida, o pensamento crítico consiste nessa 'análise'. [...] Platão foi o primeiro a escrever Filosofia do modo como ainda hoje a reconhecemos [...] Ele viu a diferença que havia entre si e os '**homens sábios**' " do passado, no fato de que eles, por mais sábios que fossem, nunca tivessem prestado contas de seus pensamentos. [...] Prestar contas, eis o que separa Platão dos seus predecessores."⁹⁷

O próprio termo "prestação de contas" é político: é o que os cidadãos atenienses cobravam de seus políticos, tanto em relação às finanças quanto às questões políticas. E foi esse *Logon didonai* [prestar de contas], o princípio da responsabilidade pelo que se faz, pensa e prega, segundo Hannah Arendt, "o que transformou em Filosofia aquela busca de conhecimento e da verdade que surgiu na Jônia."⁹⁸ Por lado complementar, pensar criticamente significa recuperar da maiêutica socrática a obstinação de pensar as origens e os limites da própria razão e manter o curso do pensamento a despeito de crenças e opiniões.

⁹⁷ Hannah Arendt, *Lições sobre a Filosofia Política de Kant*, p. 54-5.

⁹⁸ Idem, *Ibidem*, p. 55

O discernimento revela-se, por isso, uma faculdade essencialmente política, pois essas escolhas envolvidas dão-se e formam-se em domínio público e são exercidas numa perspectiva abrangente e coletiva, em busca de consenso e de adesão. E, no mais, aprender a escolher bem sempre foi o que melhor pode fornecer ao homem orientação para a vida no mundo.

Saber escolher "[...] o belo interessa somente em sociedade [...] Um homem abandonado em uma ilha deserta não adornaria para si só nem sua choupana nem a si próprio, nem procuraria flores, e muito menos as plantaria para enfeitar-se com elas; mas só em sociedade ocorre-lhe ser não simplesmente homem, mas também um homem fino à sua maneira [o começo da civilização] [...] Cada um também espera e exige de qualquer outro a consideração pela comunicação universal, como que a partir de um contrato originário que é ditado pela própria humanidade. [...] Até que finalmente a civilização, chegada ao ponto mais alto, faz disso [os objetos e atrativos] quase a obra-prima da inclinação refinada e sensações serão consideradas somente tão valiosas quanto elas permitam comunicar-se universalmente."⁹⁹

Aprender a escolher¹⁰⁰ depende do desenvolvimento da capacidade de colocar-se no pensamento alheio, em termos kantianos, de "pensar no lugar de qualquer outro". Essa maneira

⁹⁹ Kant, "Do interesse empírico pelo belo", Ibidem, parágr. 41, p. 143-4.

¹⁰⁰ Esse importante passo comporta, frisemos, a constituição do conjunto de saberes da experiência, que se situa a meio caminho entre a fagulha do interesse e o domínio do assunto, "supõe a soma do particular e está na rota do universal".

alargada de pensar liberta o homem das condições subjetivas pessoais e, além de superarem as idiossincrasias e os limites das opiniões individuais, ajustam o exercício do pensamento ao necessário e livre uso público da razão. Resulta daí uma espécie de arejamento universalizante:

"[...] Pensar no lugar de qualquer outro [...] aqui se trata da *maneira de pensar*, de fazer dela um uso conveniente; a qual, por menor que também seja o âmbito e o grau que o dom natural do homem atinja, mesmo assim denota uma pessoa com *maneira de pensar alargada*, quando ela não se importa com as condições privadas subjetivas do juízo, dentro das quais tantos outros estão como que postos entre parêntesis, e reflete sobre o seu juízo desde um *ponto de vista universal*."¹⁰¹

Como a outra expressão desse mesmo processo, a formação do gosto estético¹⁰² só pode se realizar no debate público acerca do belo, já que não há uma regra prévia à beleza contida na particularidade das obras. A discussão se dá sobre a regra fornecida pela obra. Cânone e poéticas fornecem importantes elementos para o juízo, mas não dizem o que é na obra o belo. A proporção da realização é que resulta na beleza da obra e revela a "radiante glória na qual a imortalidade potencial é manifestada no mundo humano":

¹⁰¹ Kant, I. "Do gosto como uma espécie de *sensus communis*". In: *Crítica da faculdade de julgar*, parágr. 40, p. 141.

¹⁰² Como a escolha prevista no capacidade de julgar se exerce sobre objetos, a obra de arte mostra-se como um ideal a partir do qual podemos refletir sobre a universalidade do gosto e do belo.

"A beleza é a própria manifestação da imperecibilidade. A efêmera grandeza da palavra e do ato pode durar sobre o mundo na medida em que se lhe confere beleza. Sem a beleza, isto é, a radiante glória na qual a imortalidade potencial é manifestada no mundo humano, toda vida humana seria fútil e nenhuma grandeza poderia perdurar."¹⁰³

Na época moderna, com a autonomização da obra de arte deixou de haver regra prévia, passou a ser preciso captar a regra interna que o artista encontrou para avaliá-la. Da comunicabilidade de regras identificadas é que pode então resultar a formação do gosto. O que exige suspensão, pelo menos provisória, de interesses imediatos.

"Nós temos uma faculdade de juízo simplesmente estética, de julgar sem conceitos sobre formas e encontrar no simplesajuizamento das mesmas uma complacência que ao mesmo tempo tornamos regra para qualquer um, sem que este juízo se funde sobre um interesse nem o produza. [...] O prazer ou desprazer [neste caso] chama-se juízo de gosto."¹⁰⁴

Mas os homens em sociedade tendem, apesar da propensão à sociabilidade, a se degladiar e os juízos, por isso, são sempre

¹⁰³ Hannah Arendt. "Crise na cultura". In: *Entre o passado e o futuro*, p. 272

¹⁰⁴ I. Kant, "Do interesse intelectual pelo belo", in: *Crítica da faculdade de julgar*, p. 146.

interessados. Daí a necessidade de encontrar um espaço de sociabilidade de onde o interesse esteja banido, e que seja progressivamente depurado. O belo é o que nos aproxima. O consenso em torno das obras de arte suspende conflitos. De acordo com Hume, "há menos desacordo entre a grandeza de Shakespeare e Homero do que sobre a validade da física de Galileu ou de Descartes". A faculdade do juízo "em sua reflexão toma em consideração um pensamento [*a priori*] o modo de representação de qualquer outro, como que para ater o seu juízo à inteira razão humana"¹⁰⁵ e realiza um sentido comunitário [*sensus communis*]. O gozo proporcionado é um prazer duradouro individual, intersubjetivo e que pode se espalhar para a sociedade, pode se coletivizar. Realizar-se-ia, com isso, a possibilidade de os homens encontrarem, por exemplo, a paz¹⁰⁶.

"Cultura e política, nesse caso, pertencem à mesma categoria porque não é o conhecimento ou a verdade o que está em jogo, mas sim o julgamento e a decisão, a judiciosa troca de opiniões sobre a esfera da vida pública e do mundo comum e a decisão quanto ao modo de ação a adotar nele além do modo como deverá parecer doravante e que espécie de coisas nele não vão surgir."¹⁰⁷

¹⁰⁵ Idem, "Do gosto como uma espécie de *sensus communis*", p. 139.

¹⁰⁶ "A esperança de que, após muitas revoluções, com todos os seus efeitos transformadores, o mais alto fim da natureza será então realizado, uma existência cosmopolita, dentro da qual todas as capacidades originais da raça humana possam ser desenvolvidas." Kant, I, *Idéia para uma história universal de um ponto de vista cosmopolita*, tese VIII.

¹⁰⁷ Idem, *ibidem*, p. 277.

Reúnem-se aqui as dimensões políticas e estéticas da idéia de discernimento ou da faculdade de julgar. As tensões apaziguar-se-iam porque estaria descoberto aquilo que se tem de mais humano, de mais universal, na beleza encontrada na obra de arte. Conforme nos explica Hannah Arendt: "o gosto é a capacidade política que verdadeiramente humaniza o belo e cria uma cultura. [...] O adequado modo de relacionamento com as coisas belas, a *cultura animi* torna o homem apto a cuidar das coisas do mundo."¹⁰⁸ Para os gregos era justamente essa dimensão da escolha, entendida em sentido amplo por "política", o que incluía o anacrônico sentido "estético", que os diferenciavam dos bárbaros, para os quais restava apenas "uma sensibilidade indiscriminada que não sabia como escolher."¹⁰⁹

*

Isso posto como projeto, o que nosso autor encontrou aqui? A formação como problema "durável e de fundo", percebido à primeira vista. Condensado no Brasil na sobreposição de diferentes matizes para os quais foi possível encontrar caracterização diversificada e imaginativa, falando sobre o mesmo fenômeno, na fortuna crítica sobre o assunto encontramos:

¹⁰⁸ Idem, ibidem, p. 268 e 279.

¹⁰⁹ Idem, Ibidem, p. 268.

Para Sílvio Romero, havia no Brasil uma "circunstância adversa de falta de seriação nas idéias, a ausência de uma genética"¹¹⁰. Para Tobias Barreto "o ambiente social brasileiro era amorfo e dissolvido, curiosidade bruxuleante, desfibrada, mole, excessivamente plástica e dúctil"¹¹¹. Para Machado de Assis, como vimos no primeiro capítulo desta tese, aqui "o influxo externo é que determina a direção do movimento"¹¹². Esses depoimentos dão uma idéia de que traços no século XIX condicionavam a vida intelectual brasileira: uma condição invertebrada, à deriva e vulnerável a toda sorte de determinações externas.

Para Mário de Andrade, a condição da desigualdade e as manifestações avulsas continuavam vigorosas e Brasil revelava cada vez mais "uma imundície de contrastes e fenômenos culturais desencontrados"¹¹³. O próprio professor George Dumas, em discurso em São Paulo, em 1937, analisando "as condições gerais da mentalidade brasileira" diria que há falhas que afetam a sua estrutura orgânica, oriundas, para ele, da ausência de um organizado sistema educativo e um centro de estudos "que inaugurasse tradições de pesquisas puras e de autônomo pensamento filosófico.", o que

¹¹⁰ Sílvio Romero, "A filosofia no Brasil". In: *Obras completas*, p. 32

¹¹¹ Tobias Barreto. "Discurso em mangas de camisa", apud *Sentido da formação*, p. 18

¹¹² Machado de Assis, *A semana*, pp. 225-6.

¹¹³ Mário de Andrade. *Aspectos da literatura brasileira*, p. 8.

explicava, em parte, "o fato estranho de que a produção intelectual brasileira não corresponda por modo algum ao que dela é legítimo que se espere."¹¹⁴ A dimensão social, concreta e constitutiva dessas conseqüências culturais são, nas palavras de Antonio Candido: graves índices de analfabetismo, debilidades de difusão cultural de toda ordem [editoras, bibliotecas, revistas, jornais], "inexistência, dispersão e fraqueza dos públicos disponíveis para a literatura, [...] impossibilidade de especialização dos escritos em suas tarefas literárias," mas também por fatores de ordem econômica e política: "níveis insuficientes de remuneração e a anarquia financeira dos governos, articulados com políticas educacionais ineptas ou criminosamente desinteressadas. [...] Os traços apontados não se combinam mecanicamente e sempre do mesmo modo, havendo diversas possibilidades de dissociação e agrupamento entre eles."¹¹⁵ Numa espécie de combinatória perspicaz e sofisticada a identificar uma armação sinistra e perversa da condição de dependência e atraso.

"Do eterno recomeço das coisas, ausência de linhas evolutivas mais ou menos contínuas, uma espécie de atrofia congênita que teima em abortar as idéias, dependência herdada do complexo colonial, sentimento acabrunhador da posição em falso de tudo o que concerne à cultura brasileira, sensação de vida intelectual prejudicada pela ausência de força

¹¹⁴ "Georges Dumas na USP", p. 224-5

¹¹⁵ Antonio Candido. "A revolução de 1930 e a cultura". In: *A educação pela noite*, pp.182-3.

formativa que nos assegurasse alguma fibra diante das inevitáveis flutuações do malfadado influxo externo, curiosidades intelectuais avulsas, desenvolvimento desigual que nos atribuía um lugar de segunda classe na ordem moderna, ausência de vida cultural orgânica.¹¹⁶"

Aqui a expressão que sintetiza as opiniões acima sobre a vida danificada que levamos, do fracasso de qualquer perspectiva modernizadora e da desarticulação ostensiva das pequenas conquistas e à reboque permanentemente dos influxos externos. Um tipo de monstruosidade à qual Francisco de Oliveira denominou de o "Ornitorrinco".

E diante disso¹¹⁷ ao que procedeu Maugüé? Colheu, ao seu modo, o problema na sua feição local, como medida de tentativa de saneamento da dispersão geral e de neutralização da multiplicação e dos efeitos da tagarelice reinante, projetou uma série de estudos de filosofia clássica, *dans le texte*, estabeleceu a necessidade de uma rotina de estudos de cunho essencialmente histórico-filosóficos, sem perder de vista, por um lado, a dimensão da sensibilidade estético-afetiva, mais ou menos organizada pela estruturação do nosso

¹¹⁶ Paulo Arantes, "Providências de um crítico literário na periferia do capitalismo". *Sentido da formação*. Um pouco por toda parte.

¹¹⁷ Os depoimentos dão sustentação ao diagnóstico que pretendo expor e apesar de serem de alguns autores contemporâneos isso não fica em desacordo com o fato de Maugüé ter sido professor aqui entre 1935-43. Ao contrário, os resultados a que as providências de Maugüé puderam chegar constituíram-se em decisiva frente de combate ao Ornitorrinco, mesmo e infelizmente que ele ainda esteja cheio de vigor. Os depoimentos, tanto aqueles do séc. XIX quanto os mais atuais encontram-se estritamente vinculados aos mesmos dramas nacionais perpetuados ainda no séc. XXI.

sistema literário e, por outro, pelo âmbito histórico-pessoal, afinal era preciso que a filosofia contribuísse para tornar a vida melhor.

Toda a voga novidadeira deveria, como exigência de base ao estudante, ser reposta e revista – porque não se tratava de repúdio, pois ilusório e, sobretudo, falso seria pretender ser “nacional por subtração” – a partir da perspectiva da História da Filosofia, o que profilaticamente desanuviaria a compreensão, alicerçaria a crítica e equilibraria o juízo. Com isso, Maugüé procurava realizar sua parte na missão de contribuição com o desenvolvimento mental dos seus estudantes na expectativa de que a promessa de felicidade enfiada na idéia de país novo, cuja crença, como vimos, era corrente e professada, realizasse seu escopo de aprimoramento correlato no âmbito social e mental. Nesses termos, ao que parece, era de amplo domínio, e em especial dos professores franceses, a suspeita de que, àquela altura, “quem contribuísse para ordenar a primeira também ajudava na construção da segunda.”

As providências de Jean Maugüé, com isso, possibilitaram a formação de uma experiência crítica brasileira baseada, em grande medida, na formação do discernimento e cujo ponto principal de síntese está condensado na obra de Antonio Candido. Do mesmo modo, portanto, que a vida de Machado de Assis pôde ser tomada como um modelo reduzido da idéia de formação, a obra de Antonio

Candido, para os fins da compreensão aprofundada do processo de desenvolvimento cultural gestado nos anos vinte, depois expresso e institucionalizado nos anos trinta e, por fim, coroado tanto com as iniciativas críticas do Grupo Clima quanto com a obra maior sobre o sistema da literatura brasileira, sintetizaram a inédita experiência crítica no Brasil, realizaram a "transição necessária" da qual Antonio Candido nos ressaltou a importância, inauguraram uma nova etapa de vigor intelectual na tentativa de compreensão do Brasil, lastreada em grande medida pelas conseqüências e sentidos dos horizontes abertos e estudados nos cursos de Maugüé. Além disso, as soluções apresentadas por Maugüé em relação ao ensino da filosofia podem ser comparadas às de Antonio Candido quando se debruça sobre a literatura brasileira¹¹⁸, o que reforça a convergência das perspectivas balizadas, em ambos os casos, pela idéia de formação.

Mas importa igualmente ressaltar o sentido da evolução posterior, pois a partir do progressivo alargamento e abrangência da experiência intelectual acima implementada na universidade e, em especial, na Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras da USP, todo o clima instaurado e em plena vigência nos anos quarenta, talvez possamos expressar assim, foi, por seu turno, afetado pelo andamento dos nossos avanços que dele exigiu transformação, e um

¹¹⁸ vide, por exemplo, o elenco das perspectivas críticas de Antonio Candido expressas tanto na *Formação da literatura brasileira*, quanto na análise de Paulo Arantes no *Sentido da formação*.

tanto de declinação em argumento, simultaneamente, em que se articulava em discurso para enfim enfeixar-se em forma de almanaque nas obras de renovado vigor que se multiplicaram. Quer dizer, a disposição crítica e engajada foi sendo, por determinação do seu estágio de desenvolvimento, arrastada, na formação das gerações posteriores, rumo à ambiência quase exclusiva do intramuros universitário, embora, em certa medida ainda sobrevivesse na militância de alguns poucos e seletos aguerridos. Descontado o possível excesso no tracejado, o que pretendo salientar aqui é o ritmo e algumas das contingências imanentes ao avanço cultural. O caminho do outro galho secundário proveniente, como não poderia ser de outro modo, do mesmo legado de Maugüé seria, no entanto, no esforço de sedimentar a camada técnica das diretrizes intelectuais, o de provocar um eclipse, dito provisório e profilático, do *vers le concret* contido nas principais lições de Maugüé e cujas características de origem, também francesas, e algumas das suas conseqüências pretendo abordar no próximo capítulo.

IV.

A FILOSOFIA PROFISSIONAL

uma cultura sem fronteiras.

“Tout historien est capable de comprendre n’importe quel philosophie. – Toute doctrine philosophique est réductible à un nombre restreint de thèses. – Ces thèses sont homogènes et commensurables par rapport à celles d’une doctrine. – L’ensemble de ces thèses permet à l’historicien de construire, selon le cas, une série progressive ou décadente, dont les termes sont fournis par les systèmes philosophiques.”

[Victor Goldschmidt, *Problèmes concernant l’histoire de la philosophie*, p. 236]

“La défense de la métaphysique, envisagée de ce point de vue, c’est donc la défense de l’histoire de la philosophie, non pas dans la mesure où celle-ci serait une paléontologie philosophique, où la description de la série des fossiles, morts à jamais, nous révélerait l’ordre sucessif d’apparition de formes, chaque fois plus parfaites, de l’esprit humain, mais dans la mesure où celle-ci [l’histoire de la philosophie], comme le croyait Hegel, est dépositaire d’un contenu propre, qui fait que chaque doctrine, indépendamment de sa signification historique ou psychologique, recèle une matière éternellement instructive au point de vue philosophique.”

[Martial Guérault, *Philosophie de l’histoire de la philosophie*, p. 18]

Depois da partida de Maugüé, primeiro para a guerra, em seguida para o serviço diplomático, outros professores franceses assumiram a missão de colaborar e participar da cátedra francesa do Departamento de Filosofia da USP. Gilles Gaston Granger, de 1947 a 1953; Martial Guérault, de 1948 a 1950; Claude Lefort, de 1955 a 1959, e Gérard Lebrun, primeiro em 1960 até 1966, depois de 1973 a 1980, em seguida, viria de Aix-en-Provence em semestres alternados, até 1990. Entre a primeira e a segunda estadas de Lebrun no Brasil, assumiram também a cátedra, Jean Gallard e François Warin. A partir de 1980, Francis Wolff assumiria a cátedra¹¹⁹. Ainda que não tenha sido professor em São Paulo, Victor Goldschmidt, na Université de Rennes, foi professor de vários dos professores e pesquisadores provenientes do Departamento de Filosofia da USP e que constituíram a nova feição filosófica da universidade.

Um desses alunos, Oswaldo Porchat Pereira, trouxe para o Brasil e publicou uma tradução especial de um texto de Goldschmidt, "Tempo histórico e tempo lógico na interpretação dos sistemas

¹¹⁹ Cf. o Quadro histórico-descritivo disponível no site do Departamento de Filosofia da USP.

filosóficos”, que com o “*Le problème de l’histoire de la philosophie*”, de Guérault, seriam considerados por ele como “os dois momentos mais altos da metodologia científica em história da filosofia”¹²⁰.

O texto de Maugüé, “O ensino da Filosofia e suas diretrizes”, foi considerado “a certidão de nascimento” do Departamento de Filosofia da USP. Os textos de Victor Goldschmidt e de Martial Guérault solidificaram, por seu turno, o processo de marcha dos estudos filosóficos na USP no sentido do “nosso ingresso no concerto filosófico das nações”. Não digo que fosse uma exigência nova, pois já havia quem fosse dedicado, prudente e bem preparado diante dos textos clássicos, mas, afinal, o texto de Goldschmidt veio reconhecer, formalizar e legitimar a instauração e exigência de procedimentos propedêuticos necessários sem os quais não se poderia reivindicar o rigor e a elevada qualidade de trabalho, da “alta voltagem” intelectual, equiparável a qualquer departamento mundial de Filosofia. Estávamos, finalmente, em rota certa para atingir a mesma excelência dos nossos modelos de inspiração. Se o texto de Maugüé tinha sido escrito exclusivamente para o caso brasileiro, os encaminhamentos extraídos das discussões estabelecidas nos artigos de Goldschmidt e Guérault foram garimpados e adotados como orientação pelos professores, pesquisadores e estudantes brasileiros.

¹²⁰ Oswaldo Porchat Pereira, “Prefácio introdutório”, in: Goldschmidt, Victor. *A religião de Platão*, p. 6.

Pela importância destes documentos, gostaria de incluir aqui uma análise dos seus principais termos.

Goldschmidt pretende com o seu texto, como sabemos, contribuir – como o exigiam da própria Filosofia Husserl, Bréhier e Guérout – com a constituição de um método de interpretação dos sistemas filosóficos que tivesse, ao mesmo tempo, o rigor da ciência, que fosse, portanto, científico, e da Filosofia, que fosse igualmente filosófico. Goldschmidt procurou fundir dois métodos antes distintos de se interrogar um sistema: sobre a verdade ou sobre a origem, ou ainda, pedir as razões ou buscar as causas.

Goldschmidt ensina ao pleiteante a intérprete que os movimentos sucessivos que numa ordem de razões vão engendrando em um tempo lógico a estrutura de um obra filosófica demandam um tipo de interpretação que procure reapreender essa estrutura constituinte da obra, respeitando os movimentos e as teses produzidas. E continuam assim os passos expositivos desse curso de interpretação:

A técnica do intérprete em treze teses¹²¹:

¹²¹ Ressalva seja feita: aproximar a forma com que tento expor o texto de Goldschmidt às famosas teses benjaminianas não significa mais do que isso mesmo, quero dizer, reduzi-lo a um caráter de estrutura arquitetônica mínima, sem, no entanto, pretender com a manobra insinuar qualquer aproximação com o espírito dialético – de cuja forma literária oculta astuciosamente a profundidade

I. O ofício de intérprete não pode consistir em reduzir à força o desenvolvimento da obra à sua fase embrionária, nem em sugerir, por imagens, o que o filósofo julgou dever formular em razões.

II. O intérprete se coloca acima do sistema e, em relação ao filósofo, ao invés de adotar primeiramente a atitude do discípulo, faz-se analista, médico e confessor.

III. É preciso estudar a “estrutura do comportamento” da obra e referir cada asserção a seu movimento produtor, o que significa, finalmente, referir a doutrina ao método.

IV. A principal tarefa do intérprete é restituir a unidade indissolúvel do pensamento que inventa teses praticando um método. Nunca, portanto, separar método de exposição de método de descoberta.

V. Nunca ceder à ilusão retrógrada de que uma doutrina pode pré-existir à sua exposição, como um conjunto de verdades inteiramente constituídas e indiferentes a seu modo de explicitação.

VI. O intérprete deverá admitir um tempo lógico cristalizado na estrutura da obra, ao modo do tempo musical na partitura.

VII. A apreensão do tempo lógico onde se desenvolve o método independe da magnitude de tempo físico necessário.

VIII. A interpretação poderá ser científica e, por isso supor um devir, mas desde que seja interior ao sistema.

IX. A verdade nunca é dada em bloco e de uma só vez, mas sucessiva e progressivamente, em tempos e níveis diferentes.

X. Nunca tentar medir a coerência de um sistema pela concordância, efetuada num presente eterno, dos dogmas que o compõem.

XI. É vão todo o esforço filosófico que busque por uma intuição única e total, estabelecendo-se, também ela, na eternidade.

XII. O que mede a coerência de um sistema e seu acordo com o real, não é o princípio de não contradição, mas a responsabilidade filosófica do autor.

XIII. O que é essencial num pensamento filosófico é uma certa estrutura.

Goldschmidt vai, durante a exposição, construindo, sutilmente, uma outra figura. Do princípio do texto até mais da metade, ele se refere ao seu interlocutor como um “intérprete”, quando então, imbuído dos princípios básicos da leitura estrutural, Pedro e Paulo, seus exemplos e diferentes “tempos físicos” já em novo estágio de instrução, passam a encarnar, ainda que muito de passagem, a função de leitores-filósofos, para no final do texto serem laureados com o título de historiadores, o que para Goldschmidt tem um sentido senão preciso pelo menos melhor expresso pela denominação de “Sistemas e doutrinas filosóficas”, pensando enquanto gênero de escrita e disciplina universitária; nos termos em questão, História da Filosofia significa para Goldschmidt, respectivamente, uma Ciência e Rigorosa¹²². Isso deve significar que o nosso caminho de formação só pode nos conduzir à posição de historiadores da Filosofia, à condição privilegiada de profissionais competentes na assimilação de estruturas filosóficas pelo desenvolvimento de sofisticadas habilidades arqueológico-estruturais no sentido de reencontrar o veio da argumentação e reconstituí-la em suas camadas sucessivas que resultaram num determinado e acabado sistema filosófico. Como

¹²² Mais tarde, em 1979, Guérault publicou um outro importante estudo no qual investiga a relação antinômica entre História e Filosofia e de que modo será possível conceber uma História da Filosofia. cf. Guérault, M. *Philosophie de l'histoire de la philosophie*. Livre I, Paris: Aubier Montaigne, 1979.

sabemos, esse sempre foi e ainda é um profilático expediente pedagógico que reposiciona um desejo veemente e muitas vezes precipitado de "pensarmos por nossas próprias cabeças"¹²³, o que também nos exigiu "renunciar ao maior de todos os nossos prazeres, o de parecer renovadores e ultramodernos"¹²⁴. Isso não significa, bem entendido, que essa necessidade de tornar-se autor de seus próprios pensamentos, muitas vezes necessário e, no mais, legítimo, precisasse ser extinta, antes o que se passa, é que pensamento individual, com a suspensão temporária de suas idiossincrasias¹²⁵, acabasse por revigorar-se, aprimorar-se, ganhar em capacidade de reflexão e elaboração para, aí sim, manifestar-se com a premência que pede o presente e, ao mesmo tempo, com a responsabilidade e o entusiasmo (no sentido etimológico) do pensamento filosófico convenientemente amadurecido.

Mas, diferentemente do texto de Maugüé, como dito acima, o documento em questão não foi escrito para ser aplicado prioritariamente ao caso brasileiro, muito menos foram levadas em consideração as nossas circunstâncias locais, apesar de ter vindo a calhar. O texto de Goldschmidt foi originalmente uma comunicação

¹²³ Guérout dirá "jovens espíritos, cheios de ardor filosófico, inflamados pelas lições de seus mestres, os quais não possuem a sólida formação, nem o talento vigoroso e sutil." *Op. cit.*, p. 19.

¹²⁴ Paulo Arantes, "Certidão de nascimento", p. 74.

¹²⁵ Sob a influência das modas intelectuais, de argumentos capciosos ou sofísticos, de um historicismo superficial, de juízos apressados e refutações irrefletidas costumam-se elevar seus próprios dogmas em cânon, o que resulta, invariavelmente, caricato.

apresentada no XII Congresso Internacional de Filosofia, em Bruxelas, em 1953. Oswaldo Porchat Pereira, ex-aluno de Goldschmidt em Rennes, foi o responsável, providencial, por resgatá-lo e incluir a tempo, como apêndice, na publicação de um conjunto de estudos do professor francês, intitulado *A religião de Platão*¹²⁶, que saiu aqui, em 1963, pela Difusão Européia do Livro. Porchat, além de um “prefácio introdutório”, assinava a tradução do livro e do apêndice. A meu ver, o novo livro, como ficou sendo, teve seu valor em boa hora redimensionado para nós, graças as providências de Oswaldo Porchat.

Ao atentarmos para o tipo de introdução de Porchat ao livro de Goldschmidt, fica claro que toda a ênfase estava sobre o texto final. E, ao que parece, Porchat, como discípulo exemplar, leu o mestre usando as próprias balizas por ele ensinadas. Uma leitura cerrada refazendo os passos argumentativos do texto até chegar à arquitetônica mais geral, no entanto, dito de outro modo. E esse “outro modo”, faz sempre alguma diferença, pois além da homenagem ao tema ligado indissoluvelmente aos estudos de Goldschmidt, a publicação e análise do texto devia responder a uma preocupação do professor Porchat acerca de seus alunos e dos estudos de Filosofia no Brasil. Aliás até hoje as recomendações e

¹²⁶ *A Religion de Platon* foi publicado primeira vez na França em 1949 e dele nunca constou o apêndice “Tempo lógico e tempo histórico na interpretação dos sistemas filosóficos”.

considerações de Goldschmidt orientam as novas gerações no árduo e indispensável exercício formativo que a leitura estrutural dos clássicos fornece e são exigência de primeira ordem em grande parte dos departamentos brasileiros de Filosofia.

A complementação da orientação bibliográfica seguia, no entanto, no sentido de um outro professor francês que esteve ocupou a cátedra francesa na USP entre 1948-50, Martial Guérout, cujo texto "*Le problème de l'Histoire de la Philosophie*", de 1956, também entrava para o nosso manual básico de boas maneiras intelectuais com os clássicos.

A Filosofia da História da Filosofia é uma investigação sobre a idéia, sobre o alcance, sobre inclusive a possibilidade de uma História da Filosofia, cuja expressão guarda em si, como sabemos, um caráter antinômico. Diz Guérout: "Por seus termos mesmos, a noção de História da Filosofia coloca um problema. Nenhuma expressão reúne, à primeira vista, conceitos mais contraditórios. [...] Como uma história da filosofia, objetivamente válida segundo o ponto de vista da filosofia e segundo o ponto de vista da história, é possível?

A História pretende ser a narrativa dos acontecimentos relativos a um determinado tempo e lugar. Ao historiador compete

seguir a idéia reguladora do esforço de tentar fazer reviver o passado tal como deve ter acontecido. O encadeamento de dados e causas particulares e fortuitos sugere uma explicação do presente como dependente inelutavelmente do passado. O historiador procede à seleção, triagem e hierarquização baseado na perspectiva de se questionar sobre “se e como, em tal momento, tais coisas se passaram de tal modo”, sem que com isso ele se converta no autor de seu objeto. A sua mira intelectual, digamos, está no foco dos dados mais exatos e concretos possíveis. Dessa perspectiva, a História estaria fora da grei das chamadas ciências abstratas.

Nos dizeres de Schopenhauer, “a história é um saber, não uma ciência.” A discussão é datada e talvez soe *démodé* aos historiadores das mentalidades; o “caráter científico” já não goza do mesmo prestígio e estatuto, apesar de ainda balizar a perspectiva e as exigências de novidades nas áreas do conhecimento. De qualquer modo, Guérault redesenha o exercício epistemológico do historiador como um tipo de profissional da particularidade, da coleta e busca da validade de fatos, das explicações objetivas e, ao mesmo, tempo livrando-se, até onde é possível, da autoria de seu objeto.

A Filosofia, segundo Guérault, é uma construção autônoma do pensamento abstrato e não se constitui por acontecimentos, mas busca as razões últimas e interna das coisas, e

discute inclusive a possibilidade de fazê-lo. O filósofo procura a generalidade máxima. O passado histórico não corresponde à história da Filosofia, cujo caráter é surpreendentemente de não-passado. O filósofo procede ao acompanhamento *pari passu* de uma ordem de razões que estrutura teses praticando um método. A Filosofia é essencialmente sistemática e abstrata no que se coloca no extremo oposto da História.

Ora, a conciliação vem pelo lado da Filosofia, quero dizer, na aceção do tipo de atividade de síntese manifesta no trabalho de um historiador da Filosofia. Nessa perspectiva, que idéia de História preencheria os requisitos para uma convivência produtiva. Sendo a Filosofia isso mesmo e deixando de lado o complicador de considerar um filósofo da história, para além do próprio Guérault, evidente, o acordo se daria pela via da atitude mental do historiador da Filosofia. Claro está que a Filosofia tem uma sucessão de doutrinas, mas elas não seriam consideradas e explicáveis pelo jogo de causalidade e conseqüências contingentes e particulares, onde o passado seria tomado como explicação do presente, própria da pesquisa histórica¹²⁷, ao contrário, somente pela manutenção do teor filosófico das

¹²⁷ Uma tal posição levaria a um ceticismo total, isto é, a transformação das doutrinas em acontecimentos históricos supõe a negação de sua pretensão de verdade filosófica e acaba sendo um mero conjunto de dados históricos, desprovidos do interesse filosófico. Guérault nos diz que sendo assim, essa História da Filosofia "reduzir-se-ia à consideração de fatores ideológicos da história política, social, econômica etc.." A "vingança" da Filosofia sobre a História seria impor, *a priori*, suas próprias categorias de evolução, progresso, decadência e, assim, repensá-la sistematicamente segundo sua própria orientação.

doutrinas¹²⁸ que se constituem, no final das contas, no objeto deste novo historiador é que se torna possível resolver na prática a antinomia enfiada no seu conceito.

*

Como vemos, Guérault e Goldschmidt¹²⁹ complementam a missão de Maugüé, porém no nível metodológico, uma vez que a plataforma da nova geração já estava implantada e formava seus primeiros quadros. A dimensão metodológico-propedêutica mais marcadamente presente nas preocupações dos encaminhamentos acima analisados podia encontrar terreno fértil para seu desenvolvimento e debate em São Paulo. Já que um programa consistente, rigoroso e responsável de estudo da Filosofia estava inoculado e em circulação pela faculdade, entusiasmando os estudantes, dinamizando a compreensão dos sistemas filosóficos, auxiliando na formação do discernimento e desmobilizando, tanto quanto possível, os escaninhos do conhecimento. Os titulares das gerações seguintes da cátedra francesa de colaboração com os estudos filosóficos no Brasil puderam, cada um a seu modo, sofisticar

¹²⁸ "Devolver à história da filosofia seu valor próprio é distingui-la completamente da história das ciências à qual ela está, entretanto, ligada historicamente. [...] Se é porque elas têm um sentido filosófico que a história conserva essas doutrinas como seus objetos, é evidentemente na medida em que a história da filosofia é filosófica que ela é possível." (Guérault, *op. cit.*, p. 18, p. 21).

¹²⁹ Para uma genealogia da família intelectual da qual provinham esses dois professores ver Ubiratan Marques, *A escola de historiografia francesa da filosofia no Brasil*, tese de doutorado.

cada vez mais o projeto iniciado por Maugüé. Se no pós-guerra pudemos assimilar a contribuição do chamado método estrutural de estudo dos textos clássicos, da bagagem de Gilles Gaston Granger podia sair um *ethos* filosófico pronto para encarar seus alunos como “forças produtivas” em adiantado processo de formação. As veleidades supérfluas que poderiam emperrar ou desviar a continuação adequada do processo tinham sido severamente reprovadas nos anos anteriores e, por isso, ou tinham tomado a Barão de Itapetininga, viaduto do Chá e procurado a sua turma na Líbero Badaró ou dispersaram-se pela universidade ou voltavam acabrunhados e ressentidos para suas residências oficiais em algum longínquo rincão, que aliás poderia continuar sendo no mesmo bairro, ou, simplesmente, nas palavras de um célebre professor do departamento, optava pelo “espírito livre nietzschiano fazendo do pensamento uma experimentação continuada e preferindo a vida de auto-extravio do nômade, ao repouso convicto e seguro do sedentário”.

As gerações seguintes de professores franceses encontraram, por assim dizer, com as providências de Jean Maugüé para o ensino e desenvolvimento dos estudos e pesquisas de Filosofia no Brasil, “o campo lavrado, a casa arrumada, a mesa posta com cada coisa em seu lugar.” Era o caso agora de fazer a missão continuar.

À GUIA DE CONCLUSÃO

Nesses termos, a meu ver, estão apresentadas assim as múltiplas faces de atuação de um intelectual que assume uma posição de plena autonomia, adotando a melhor orientação crítica e iluminista sob o escopo da liberdade. Desobrigado diante das determinações daqueles que buscavam obstinadamente construir uma carreira na universidade, Jean Maugüé pôde gozar de um ampliado campo de possibilidades na medida em que o seu exercício da docência estava declinado do interesse imediatista, utilitarista e pragmático na hierarquia universitária, da necessidade de estabelecer “degraus” para sua ascensão, seja aqui, seja na França. Por outro lado, nesse sentido, e para retomar o conjunto de epígrafes que abrem este estudo, Maugüé se atribui a condição de uma espécie de “grau zero da disponibilidade” – quer pelo conjunto de suas ações de cauta prudência aqui analisadas quer pela dimensão de suas opções biográficas – a partir das quais tinha estabelecido a condição essencial de liberdade sem a qual não poderia ter enxergado as dimensões e o estado do processo de formação sempre em falta e para o qual demonstrou aguda percepção, sensibilidade pedagógica, tirocínio ajustado e ânimo expeditivo. Assim pôde orientar seus

temas em aula, todo o seu variado instrumental pedagógico: o modo peculiar de sua *entrée en matière*, o ritmo e o andamento de suas exposições, o regime de escrita e pesquisa, o contato com os estudantes, as atividades extra-sala, as orientações, as exposições de pintura francesa que organizou, o entusiasmo com o modernismo paulista etc. Tudo isso para muito além da conveniência mediana que acompanha o protocolo do carreirismo refém do esquema conceitual vigente e dos limites estreitos das censuras e exigências da aristocracia e do Estado. Maugüé constituiu na sua atuação na esfera pública brasileira um senso de independência o qual sempre lhe permitiu falar com sua própria voz, ajustado às suas convicções como professor e intelectual, ciente do grau de responsabilidade envolvido na missão para a qual fora indicado e cioso com os alunos, assistentes, amigos e outros intelectuais. Em benefício de sua atuação, soube manter-se imune aos constrangimentos de ordem política, do arrivismo e clientelismo acadêmicos.

Depois de aqui desembarcar, assimilar o andamento da vida social e intelectual, conhecer um pouco da estrutura hierárquica que regia o projeto da nova universidade, Maugüé, de férias, voltou a Paris. Teve, como vimos, quatro meses para refletir sobre o que tinha encontrado e o que parecia era preciso fazer. Escreveu, nesse intervalo, as diretrizes para o ensino da Filosofia no Brasil, ao qual se dedicaria, como o programa de um curso que começou há mais de 70

anos e que ainda orienta muitos dos programas de cursos de departamentos de filosofia pelo Brasil. Maugüé anteviu uma série de disposições, teorias e reflexões sobre o ensino e o trabalho com filosofia, cujo termos aceitam facilmente uma conversão de caráter cosmopolita, e todas aceitariam de bom grado serem traduzidas por um rol de preocupações que passam e passaram por: abrangência de perspectiva e profundidade analítica, respeito no trato com a tradição associado à coragem de assumir posições, antídotos contra a alienação e atenção permanente com o presente, egocentrismos atenuados e negligências aniquiladas, estímulos à curiosidade e prevenções quanto às certezas e aos interesses imediatistas, respeito e atenção aos sentidos e manifestações do "rumor da vida", tino social e, enfim, capacidade de discernimento associada a um insaciável sede de conhecimento. As reflexões de Maugüé estão lastreadas por inúmeras veredas pedagógicas – que suas providências deixam ver – que, cada uma pelas peculiares vias que lhe orientavam para o mar do conhecimento, constituíram-se durante todo o séc. XX e agora no XXI em “ismos” variados.

Maugüé, em determinado momento e sob um golpe de vista certo, percebeu que era preciso juntar a disposição, o interesse e o talento que aqui produziam “curiosidades intelectuais avulsas, sem passado nem futuro” com a necessidade de criar condições mais propícias para que a “seriação das idéias” e a “continuação

progressiva” forjassem uma tradição, sem a qual não haveria esteio possível e aproveitável para o florescimento da filosofia. Dentre esses dinamismos de nossa vida cultural, a experiência inaugurada por Maugüé constituiu um passo decisivo e inaugural de uma tradição que se mostraria relativamente estável, apesar dos nossos irregulares padrões de sociabilidade e vida econômica. Não que tenha havido entre nós o estabelecimento de uma “filosofia brasileira”, comparativamente ao que aconteceu com a literatura, como mostrou Antonio Candido, mas houve a formação de uma espécie de *ethos* cujo redimensionamento intelectual formou o discernimento, implantou uma compreensão mais rigorosa e no momento mais adequada da filosofia, e sendo o país o que é, tamanho empenho estava longe de ser acanhado princípio. Alguma força formativa guiada pelo tato histórico e o senso de oportunidade para o que afinal estava em jogo no processo em curso animavam, portanto, o projeto de Maugüé. Ele procurava imprimir forma metódica à constituição de uma experiência intelectual brasileira no campo da filosofia, e suas providências, como este estudo pretendeu mostrar, denotariam assim uma apropriação original pelo estudo da filosofia da idéia de formação.

As atenuações plausíveis na versão de Maugüé atenderiam pelos nomes de suas providências para formação do discernimento e por isso do tato histórico necessário para orientar o pensamento:

1. soube colher o problema na sua feição local.
2. estabeleceu diretrizes providenciais para o estudo da filosofia.
3. manteve-se avesso a tudo o que era acessório em filosofia, ou seja, tudo o que antes era feito aqui pretensamente sob a rubrica da filosofia.
4. destacou a importância da formação de uma rotina.
5. fortaleceu com isso o âmbito que entende ser a via institucional por excelência para fazer frutificar o encaminhamento.
6. E mesmo como “marxista imaginário”, entendeu os limites de radicalidade do projeto.

De modo que o que fez Maugüé aqui se encaixa como parte fundamental do sentido maior da idéia de formação. A seu modo, ele compreendeu a trama de relações e a condição geral do ensino superior no Brasil, refletiu sobre o que era requerido para fazer “funcionar” a filosofia aqui, reformulou seus programas, estabeleceu novos parâmetros e exigências, destacou a importância da formação de uma rotina de estudos e pesquisas, fortaleceu com isso a universidade, o âmbito que entendia ser a via institucional por excelência para fazer frutificar o encaminhamento e compreendia os limites de radicalidade do projeto.

Gostaria de concluir esta tese retomando um trecho da entrevista que Antonio Candido me concedeu:

“O Monbeig era muito severo. A mim, ele só deu 4 e 5 o curso inteiro. Eu adorava Geografia Humana, levava a sério, mas ele implicou comigo, sabe. Eu fiz uma piada sem graça lá uma vez, aí ele implicou comigo. Depois que eu me formei, eu fiquei crítico literário, escrevi sobre um livrinho dele, ele ficou muito agradecido, aí ficou meu amigo. Eu sou meio cômico, não percebi que ele tinha implicado comigo. Conversando com ele em Paris, ele me disse assim, em 1965, “lá na Universidade de São Paulo tem aparecido grupos como vocês, como o Grupo Clima, e a revista que vocês fizeram?” “Ah, não prof. Monbeig, aquilo é do passado... Hoje em dia, a faculdade virou universidade mesmo, tá profissionalizada, sociólogo é sociólogo, filósofo é filósofo...”

Ele disse assim: “Que pena!”

* * *

Bibliografia

DE JEAN MAUGÜÉ

MAUGÜÉ, Jean. *Les dents agacées*. Paris: Buchet/Chastel, 1984.

_____. *La coupable innocence* (manuscrito de *Les dents agacées*).

_____. *La mauvaise conscience* (manuscrito de obra inédita).

_____. *Qu'est-ce que la philosophie?* (manuscrito dos cursos).

_____. "O ensino da Filosofia e suas diretrizes". In: *Caderno do Núcleo de Estudos Jean Maugüé*, 1996.

_____. "A pintura moderna". In: *Revista Dissenso: revista de estudantes de Filosofia*, número 2, primeiro semestre de 1999.

_____. "Sigmund Freud". In: *Sigmund Freud & o gabinete do dr. Lacan*. SOUZA, Paulo César (org.). São Paulo: ed. Brasiliense, 1990.

* * *

GERAL

ADORNO, Theodor W. *Educação e emancipação*. Tradução Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Ed. Paz e terra, 1995.

_____. *Minima moralia*. Tradução Luiz Eduardo Bicca. São Paulo: Ed. Ática, 1993.

ALAIN. *Études*. Paris: Éditions Gallimard, 1968.

_____. Paris: Éditions Gallimard, 1939.

_____. *Propos sur l'éducation*. Paris: Éditions Gallimard, 1928.

ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ed. Ática, Série Temas – Estudos Políticos, vol. 9, 1989.

ANDRADE, Mário. *Vida literária*. São Paulo: Ed. Hucitec e Edusp, 1993.

ARANTES, Otília Beatriz Fiori. *Modernidade cá e lá: Mário Pedrosa*. São Paulo: Edusp, 2000.

ARANTES, Paulo Eduardo. *Departamento francês de ultramar*. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

_____. *O fio da meada: uma conversa e quatro entrevistas sobre Filosofia e vida nacional*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1996.

- _____. *Sentido da formação*: três estudos sobre Antonio Candido, Gilda de Mello e Souza e Lúcio Costa. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1997.
- _____; LEOPOLDO E SILVA, Franklin; FAVARETTO, Celso; FABRINI, Ricardo; MUCHAIL, Salma T. *Filosofia e seu ensino*. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1995.
- ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*. Trad. Edson Bini. São Paulo: Ed. Edipro, 2002.
- ARENDT, Hannah. *Entre passado e futuro*. Trad. Mauro Barbosa de Almeida. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1972.
- _____. *Lições sobre a Filosofia Política de Kant*. Trad. André Duarte de Macedo. Rio de Janeiro: Ed. Relumé Dumará, 1993.
- ARON, Raymond. *Mémoires*. Paris: Ed. Julliard, 1983.
- ASSMANN, Aleida. *Construction de la mémoire nationale: une breve histoire de l'idée allemande de Bilgung*. Paris: Éditions de la Maison des sciences de l'homme, 1994.
- AUBENQUE, Pierre. *A prudência em Aristóteles*. Trad. Marisa Lopes. São Paulo: Discurso Editorial, 2003.
- AUERBACH, Erich. "Sermo humilis". In: *Lenguaje literario y publico en la baja latinidad y en la edad media*. Barcelona: Editorial Seix Barral, 1969.
- _____. Dante, poeta do mundo secular. Tradução Raul de Sá Barbosa, Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

- _____. *Figura*. Tradução Duda Machado. São Paulo: Ed. Ática, 1997.
- _____. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. Tradução George , São Paulo: Ed. Perspectiva, 1971.
- BAUDELAIRE, Charles. "Le peintre de la vie moderne". In: Oeuvres complètes, Critique d'Art. Paris: Éditions Robert Laffont, 1980.
- BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. Trad. Marco Aurélio Nogueira, São Paulo: Ed. Unesp, 1997.
- BRÉHIER, Émile. *Histoire de la philosophie*. Paris: PUF, 1985.
- CALCATERRA, Rosa M. L'insegnamento della filosofia oggi: prospettive teoriche e questioni didattiche. Brindisi: Schena editore, 1994.
- CAMPBELL, James. *À margem esquerda*. Rio de Janeiro: Ed. Record, s/d.
- CARDOSO, Irene. *A universidade da comunhão paulista*. São Paulo: Ed. Cortês, 1982.
- _____. *Para uma crítica do presente*. São Paulo: Ed. 34, 2000.
- CARELLI, Mário. *Culturas cruzadas: intercâmbios culturais entre França e Brasil*. Trad. Nícia Adan Bonatti, Campinas: Ed. Papirus, 1994.

- CERLETTI, Alejandro A.; KOHAN, Walter O. *A filosofia no ensino médio argentino*. Trad. Norma Guimarães Azeredo. Brasília: Ed. UnB, 1998.
- COELHO, Ruy. *Dias em Trujillo: um antropólogo brasileiro em Honduras*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2000.
- COHN-SOLAL, Annie. *Sartre: 1905-1980*. Trad. Milton Persson. Porto Alegre: LP&M, 1986.
- COSSUTTA, Frédéric. *Elementos para a leitura de textos filosóficos*. Trad. Angela de Noronha Begnami et alli. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- COSTA, João Cruz. *Contribuição à história das idéias no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1967.
- _____. *Pequena história da República*. Brasília: CNPq; São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989.
- DRAIBE, Sônia. *Rumos e metamorfoses: Estado e industrialização no Brasil (1930-1960)*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2004.
- FOLSCHEID, Dominique; WUNENBURGER, Jean-Jacques. *Metodologia filosófica*. Trad. Paulo Neves, São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- GIANNOTTI, José Arthur. *A universidade em ritmo de barbárie*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.
- _____. *Exercícios de filosofia*. São Paulo: Ed. Vozes, 1980.
- _____. *Filosofia miúda*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.

- GOLDSCHMIDT, Victor. "Tempo lógico e tempo histórico na interpretação dos sistemas filosóficos". In: *A religião de Platão*. Trad. Ieda e Osvaldo Porchat. São Paulo: DIFEL, 1970.
- _____. Os diálogos de Platão: estrutura e método dialético. Trad. Dion Davi Macedo, São Paulo: Ed. Loyola, 2002.
- GOMES, Paulo Emílio Salles. *Crítica de cinema no Suplemento literário*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2 volumes, 1981.
- _____. *Jean Vigo*. Trad. Elisabeth Almeida, Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1984.
- GRAMSCI, Antonio. *A formação dos intelectuais*. Trad. Serafim Ferreira, México: Editorial Grijalbo S.A., 1972.
- GRASSI, John. *Jean-Paul Sartre: hated conscience of his century*. Chicago: The University of Chicago Press, 1989.
- GREPH: Groupe de Recherche sur l'enseignement philosophique. *Qui a peur de la philosophie*. Paris: Flammarion, 1977.
- GUÉROULT, Martial. *Dianoématique: Philosophie de l'histoire de la philosophie*. Collection Analyse e Raisons, Paris: Aubier Montaigne, 1979.
- GUINSBURG, Jacó; FILHO, Plínio Martins (orgs.). *Sobre Anatol Rosenfeld*. São Paulo: Laboratório de Editoração da ECA-USP, 1995.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

- _____. *Visão do paraíso*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, volume 333, coleção Brasileira, 1977.
- JACOBY, Russel. *Os últimos intelectuais: a cultura americana na era da academia*. Trad. Magda Lopes, São Paulo: Edusp e Trajetória Cultural, 1990.
- KANT, Immanuel. *Crítica da faculdade de juízo*. Trad. Valério Rohden e Antônio Marques. São Paulo: Ed. Forense Universitária, 1993.
- _____. Textos seletos. Trad. Raimundo Vier e Floriano de Sousa Fernandes, Petrópolis: Ed. Vozes, 1985.
- LE GOFF, Jacques. *Les intellectuels au Moyen Age*. Paris: Editions du Seuil, Histoires, 1985.
- LEFÈVRE, Jean-Paul. "Les missions universitaires française au Brésil dans les années 1930". In: *Cahier du Brésil Contemporain*, 12, 1990.
- LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia*. São Paulo: Ed. Ática, 1992.
- LEMÉNOREL, Alain. *Nouvelle histoire économique de la France contemporaine: l'économie libérale à l'épreuve (1914-1948)*. Paris: Éditions La Découverte, 1998.
- LEOPOLDO E SILVA, Leopoldo. "Pesquisas no Departamento de Filosofia". In: Revista do Instituto de Estudos Avançados. Edição comemorativa dos 60 anos da USP, nº 22, setembro/dezembro de 1994.

- LEVI-STRAUSS, Claude. *Tristes tropiques. Collection Terre Humaine, Paris: Librairie Plon, 1955.*
- LÉVY, Bernard-Henri. *Le siècle de Sartre.* Paris: Éditions Grasset&Fasquelle, 2000.
- LOTTMAN, Herbert R. *A rive gauche: escritores, artistas e políticos em Paris (1930-1950).* Trad. Isaac Piltcher, Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1987.
- MACHADO DE ASSIS, J. M. *A semana.* São Paulo: Ed. Hucitec, 1996.
- MACHADO, Lourival Gomes. *Barroco mineiro.* São Paulo: Ed. Perspectiva, 1978.
- MANNHEIM, Karl. *Ideologia e utopia.* Trad. Sérgio Magalhães Santeiro, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.
- MARQUES, Ubirajara Rancan de Azevedo. *A escola francesa de historiografia da Filosofia: elementos de formação* (tese de doutoramento). São Paulo, 1996.
- MARTINS, Marília; ABRANTES, Paulo Roberto. *3 Antônios e 1 Jobim: histórias de uma geração.* Rio de Janeiro: Ed. Relume-Dumará, 1993.
- MASSI, Fernanda Peixoto. *Estrangeiros no Brasil: a missão francesa na Universidade de São Paulo* (dissertação de mestrado). Campinas: Departamento de Antropologia, Unicamp, 1991.
- MASSON, Nicole. *L'Ecole Normale supérieure: chemins de la liberté.* Paris: Gallimard, Collection Découvertes Gallimard, 1994.

MELLO E SOUZA, Antonio Candido de. A educação pela noite e outros ensaios. São Paulo: Ed. Ática, 1989.

_____. *A formação da literatura brasileira*. 2 volumes, Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1975.

_____. *Brigada ligeira e outros escritos*. São Paulo: Ed. Unesp, 1992.

_____. *Estudo analítico do poema*. Coleção Terceira Leitura, São Paulo: Edição da FFLCH-USP, s/d.

_____. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Ed. Nacional, 1985.

_____. *Na sala de aula: caderno de análise literária*. São Paulo: Ed. Ática, 2000.

_____. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Ed. Duas cidades, 1993.

_____. *O método crítico de Sílvia Romero*. São Paulo: Edusp, 1988.

_____. *Os parceiros do Rio Bonito: estudos sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. Coleção Espírito Crítico, São Paulo: Ed. Duas cidades e Ed. 34, 2001.

_____. *Recortes*. São Paulo: Ed. Cia. das Letras, 1993.

- _____. Teresina etc. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1980.
- _____. Tese e antítese: ensaios. São Paulo: Ed. Nacional, 1978.
- _____. Textos de intervenção. Vinícius Dantas (org.), coleção Espírito Crítico, São Paulo: Ed. Duas cidades e Ed. 34, 2002.
- _____. *Vários escritos*. São Paulo: Ed. Duas cidades, 1995.
- MELLO E SOUZA, Gilda de. *Exercícios de leitura*. São Paulo: Duas Cidades, 1980.
- _____. O espírito das roupas: a moda no séc. XIX. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.
- MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Ed. Cia. das Letras, 2001.
- MICHAUX, Henri. Un barbare en Asie. Collection Imaginaire, Gallimard, 1997.
- NAVES, Rodrigo. *A forma difícil: ensaios sobre arte brasileira*. São Paulo: Ed. Ática, 2001.
- NETO, Elias Chaves. *Minha vida e as lutas de meu tempo*. São Paulo: Ed. Alfa-Ômega, 1978.
- NIZAN, Paul. *Aden, Arabie*. Cahier libres, numéro 8, Paris: Librairie François Maspero, 1960.

- PAZ, Octavio. *El laberinto de la soledad e postdata*. México: Fondo de Cultura Económica, 1975.
- PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. Trad. Maria Júlia Goldwasser, São Paulo: Ed. Ática, 1990.
- PONTES, Heloísa. *Destinos mistos: os críticos do Grupo Clima em São Paulo (1940-1968)*, São Paulo: Ed. Cia. das Letras, 1998.
- PRADO, Décio de Almeida. *Seres, coisas, lugares: do teatro ao futebol*. São Paulo: Ed. Cia. das Letras, 1997.
- REGO, José Marcio; NOBRE, Marcos Severino. *Conversas com filósofos brasileiros*. São Paulo: Ed. 34, 2000.
- SAID, Edward W. "Sobre provocações e o assumir posições" e "Sobre causas perdidas". In: *Reflexões sobre o exílio*. Trad. Pedro Maia Soares, São Paulo: Ed. Cia. das Letras, 2003.
- SARTRE, Jean-Paul. *A conferência de Araraquara: filosofia marxista e ideologia existencialista*. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes, Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra; São Paulo: Ed. Unesp, 1986.
- _____. *Les mots*. Paris: Collection Folio, Gallimard, 1964.
- _____. *Situações I*. Prefácio de Bento Prado Jr. Trad. Cristina Prado, São Paulo: Ed. Cosac&Naify, 2006.
- SCARABÔTOLO, Eloísa Faria; D'INCAO, Maria Angela. (orgs.) *Dentro do texto, dentro da vida: ensaios sobre Antonio Candido*. São

- Paulo: Ed. Companhia das Letras e Instituto Moreira Salles, 1992.
- SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.
- SIRINELLI, Jean François. *Génération intellectuelle: khâgneux et normaliens dans l'entre deux guerres*. Paris: PUF, 1998.
- TOLEDO, Caio Navarro. *ISEB: fábrica de ideologias*. São Paulo: Ed. Ática, 1978.
- TOUCHARD, Jean. *La gauche em France depuis 1900*. Paris: Editions du Seuil, 1977.
- WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. Trad. José Marcos Mariani de Macedo, apresentação, revisão e comentários Antônio Flávio Pierucci. São Paulo: Ed. Cia. das Letras, 2004.
- WISER, William. *Os anos loucos: Paris na década de 20*. Trad. Leonardo Fróes. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1994.

Anexos
referentes à tese:

A formação do discernimento:

Jean Maugüé e gênese de uma experiência filosófica no Brasil

Denilson Soares Cordeiro

São Paulo, setembro de 2008

Anexo I

Depoimento de Antonio Candido sobre Jean Maugüé

1. Professor e intelectual

Fui aluno de Jean Maugüé a partir de 1939, quando entrei no primeiro ano do Curso de Ciências Sociais. Naquele tempo o currículo era diferente e este curso tinha uma carga maior de estudos filosóficos durante três anos. Maugüé era o único professor e devia dar cursos oficialmente divididos em História da Filosofia, Psicologia, Filosofia Geral, etc. Ele se multiplicava. O curso que segui no primeiro ano era oficialmente de Psicologia e ele o deu sobre as emoções, de maneira digamos filosófica. Foi muito bonito. No primeiro semestre a tônica recaiu sobre Freud, mas ele recomendava que lêssemos ao mesmo tempo o livro de Pierre Janet, *L'Amour et la Haine*, que usava como contraponto. De Freud recomendava a bibliografia corrente, lembrando que era bom começar pelas *Cinco lições* e a *Introdução à Psicanálise*, passando depois para os mais difíceis, *Ensaio de Psicanálise* e outros.

A sua posição era interessante. Tendo como ingrediente da sua fórmula mental uma espécie de marxismo aberto, criticava a Psicanálise do ângulo social, duvidando da sua universalidade e

chamando a atenção para o condicionamento histórico-social. Dizia meio brincando que foi feita para resolver problemas da burguesia vienense daquele tempo e lugar. Contestava a generalidade absoluta do complexo de Édipo e nesse sentido analisava os livros de Malinovski sobre a vida sexual dos trobriandeses, que nos recomendava vivamente, para mostrar que entre eles a relação edipiana era condicionada pelo sistema familiar e envolvia mais o tio materno do que o pai. Como eu estava interessado nas ciências sociais, embarquei com prazer no seu ponto de vista.

No segundo semestre baseou o curso em Max Scheler, analisando conosco *Natureza e formas da simpatia*, mas o curso do primeiro semestre me interessou mais.

Devo dizer que a princípio fiquei meio espantado com a sua orientação. Eu tinha cursado um ano de Psicologia no excelente e efêmero Colégio Universitário da Universidade de São Paulo, e meu professor, que era muito bom e teve influência nas minhas leituras, acentuava o caráter científico da sua disciplina, dando destaque à Psicofisiologia. Mas Maugüé parecia levá-la para o lado não apenas da filosofia, mas da literatura. No primeiro dia de aula nos disse: "Vou dar um curso sobre as emoções. Quem não leu *Crime e castigo*, de Dostoievski, e *Hamlet*, de Shakespeare, não deve fazê-lo." Levei um susto e mal sabia que justamente essa orientação seria decisiva para

mim, já então francamente voltado para os estudos literários. Como tema do trabalho do semestre, deu para comentar dois versos de Alfred de Musset:

"L'homme est un apprenti, la douleur est son maître,
Et nul ne se connaît tant qu'il n'a pas souffert."

Procurei argumentar de maneira "científica", alegando que a dor tem realidade maior que a do prazer, porque este é difuso e ela tem localização concreta nos "pontos álgidos" de Von Frey. Ele me deu nota medíocre e escreveu à margem com tinta vermelha mais ou menos o seguinte: "Na sua idade a sua experiência deve ser sobretudo literária. Por que então deixar a literatura de lado e falar do que não entende?"

Nunca fui bom aluno de Filosofia e só no terceiro ano ele me deu um 10. No segundo o curso foi sobre Schopenhauer durante o primeiro semestre e sobre Nietzsche no segundo. No terceiro lecionou os dois semestres sobre Hegel, usando entre outros livros os *Cadernos sobre a dialética de Hegel*, de Lenin. Em outras turmas dava simultaneamente outros cursos.

Maugüé parecia não ter grande apreço pela carreira universitária e era bastante irreverente em relação a ela, chegando a

fazer piadas em aula sobre alguns colegas. Por isso, além das aulas, gostava de conversar conosco no corredor sobre os mais variados assuntos e mesmo de convidar alguns para a sua casa. Nesses papos livres transmitia muito de suas idéias. Além disso, antes de começar a aula fazia um preâmbulo para comentar os fatos do momento, as fitas de cinema em exibição, os livros que estava lendo. Lembro o dia em que nos disse: "Recomendo a vocês um livro de contos de meu colega Sartre que acaba de sair, *Le mur*". Creio que, sentindo a situação inicial da Faculdade, a fragilidade da nossa formação ginasial, a necessidade que o Brasil tinha de analisar os seus problemas, concebia o ensino da Filosofia como iniciação a um modo inteligente de analisar a sociedade, a política, a cultura. Décio de Almeida Prado me contou que na sua turma (formou-se três anos antes de mim) Maugüé disse um dia: "Quero que vocês considerem a filosofia como um instrumento para entender melhor a vida, ler bem o jornal, analisar os filmes". Isso mostra que percebia a função que ela poderia ter naquela fase inicial do seu ensino superior em São Paulo.

Gostava muito de literatura, de pintura, de música, e aliás creio que seu pai era violinista. Falava sempre e bem sobre arte e me contou que tentara escrever um romance que começava ou acabava, não lembro, numa escada em caracol. Mais tarde, de volta à França,

tornou-se colecionador de quadros antigos que desentocava em *marchands* secundários.

Tudo isso fazia dele um professor diferente e fascinante, o maior que conheci em toda a minha vida, dotado de um brilho e uma segurança expositiva que magnetizavam os ouvintes. Prova disso é o seguinte: as suas aulas, sempre no fim da tarde, eram assistidas não apenas pelos alunos daquele ano, mas de turmas anteriores e outros já formados, assim como ouvintes de vários tipos, todos presos pela sua fluência magistral. Era um acontecimento.

Um índice do seu apego limitado pela carreira universitária é que nunca terminou a tese de *doctorat d'État*. Era uma análise filosófica da Psicanálise, e quem sabe a teria terminado se a vida não o tivesse de repente levado para outra parte. O professor Cruz Costa dizia que tinha muitas notas e uma parte já redigida.

Creio que era diferente dos colegas franceses quanto à disciplina de trabalho. Devia ser bem menos aplicado, e enquanto Roger Bastide, por exemplo, trabalhava intelectualmente de dez a doze horas por dia, segundo me disse sua senhora, ele ficava de certo muito aquém deste padrão. Tinha um ritmo mais caprichoso e se dispersava graças aos muitos interesses, inclusive o bate papo.

2. Idéias políticas

Maugüé era diferente dos colegas também do ponto de vista político. Era o único comunista da Missão Francesa e não escondia isso. Falava abertamente a respeito e nas aulas indicava livros de Marx e Engels, além de outros, livros que naquele tempo repressivo de ditadura estavam fora de consulta na Biblioteca Municipal.

Intelectualmente o marxismo entrava com peso na sua fórmula mental, mas de maneira aberta. Era interessante o contraste entre esta abertura, que fazia dele um precursor de tendências posteriores do pensamento marxista e a estrita ortodoxia das suas opções políticas concretas. Era partidário integral da União Soviética, cuja linha política seguia e justificava sempre em todos os seus aspectos. Lembro que em 1968 me escreveu dizendo que a repressão à Primavera de Praga, que emocionou o mundo e fez muita gente retirar o apoio à Rússia, era legítima e necessária.

Não espanta, portanto, que tenha apoiado integralmente o Pacto Germano-Russo em agosto de 1939, que aliou de repente de maneira insólita Stalin e Hitler, levando comunistas como ele a atenuarem o juízo sobre este. Nessa ocasião muita gente abandonou a linha stalinista, revoltada contra esse casamento espúrio. Mas a maioria absoluta dos comunistas e simpatizantes se conformou,

chegando alguns a dizerem que apesar de tudo o que havia na Alemanha era um tipo especial de socialismo... Mário de Andrade aludiu a isto num ensaio que escreveu como introdução ao primeiro número da nossa revista *Clima*: "E se vê intelectuais, sem o menor respeito pelas glórias conquistadas, mudarem de diretrizes, da noite para o dia, servindo aos interesses mais torvos". Há neste trecho um jogo de palavras baseado no título de uma revista simpatizante do comunismo, *Diretrizes*, e na locução corrente "da noite para o dia", aludindo ao que hoje não se entende mas era claro naquela altura. É que, devido ao Pacto Germano-Russo, alguns intelectuais comunistas brasileiros passaram a colaborar no jornal do Rio *Meio Dia*, subvencionado pela Embaixada nazista.

Como muitos de seus correligionários Maugüé não escapou a esses extremos, a essa fidelidade indiscriminada ao que Trotski chamou os zigue-zagues da política soviética e passou a apoiar e gabar a aliança insólita, rompida quando em meados de 1941 a Alemanha invadiu a Rússia. Penso que sentiu então o erro e, como homem de honra que era, remediou-o de maneira heróica, decidindo participar como combatente na guerra contra o nazismo.

Ele era tenente de infantaria da reserva e teve dificuldade para realizar o seu projeto, porque era funcionário do governo francês e este era no momento o de Vichy, que, sendo colaboracionista, não

podia ficar a par da sua decisão. Não sei ou não lembro quais foram as longas e complicadas manobras. Lembro que o representante de De Gaulle em São Paulo, um senhor chamado se não me engano Fonck, ou coisa parecida, se empenhou para ajudar Maugüé, que afinal conseguiu em 1944 partir para a África, onde se juntou às forças armadas da França livre. Como combatente no Primeiro Exército, comandado por De Lattre de Tassigny, fez toda a Campanha da França, integrou as tropas de ocupação da Alemanha, quase teve de amputar uma orelha congelada e se portou sempre com bravura, razão pela qual foi condecorado.

3. Diplomata e memorialista

A guerra mudou completamente o destino dele. Quando veio para o Brasil em 1935 era professor de liceu na cidade de Montluçon, no centro da França. Acabada a guerra, voltaria com certeza para um posto desse tipo, mas dado o seu pouco interesse pela carreira universitária, pediu para servir na diplomacia e foi atendido, com certeza em atenção à fé de ofício de guerra. Foi então nomeado para servir na embaixada na Argentina e nessa ocasião passou por São Paulo, encontrando-se com antigos alunos e amigos. Depois serviu como consul na Grécia e finalmente foi nomeado para servir no Canadá. Ouvi dizer, não sei se é verdade, que então teve um conflito com o embaixador e por isso foi excluído do serviço diplomático,

voltando ao ensino. Naturalmente em atenção aos serviços de guerra não foi lotado no interior, e sim em Paris, no famoso Liceu Carnot, onde ensinou até se aposentar. Lá o seu ensino foi brilhante e inspirador, segundo me disse por carta um antigo aluno dele. Como não escreveu, ou não terminou a tese, nunca pôde chegar ao ensino superior, o que talvez nem quisesse, dado o seu feitio pouco acadêmico. Assim, o professor que foi tão importante em São Paulo num dado momento morreu obscuro na França.

No entanto, quem o conhecia lá prezava muito a sua alta qualidade, como Lévi-Strauss, que certa vez escreveu a minha mulher, Gilda, sugerindo que se traduzisse o seu livro de memórias. Quando este apareceu, Fernand Braudel publicou um belo artigo destacando o valor de Maugüé e dizendo que escrevera esse livro excelente para mostrar o de que era capaz, e de certa maneira para se desculpar por não ter dado a sua medida. Raymond Aron fala dele com apreço na sua autobiografia e Merleau-Ponty o apreciava tanto, que disse ao professor Cruz Costa, e este me contou, que gostaria de levá-lo para ensinar no Collège de France, mesmo não tendo feito tese, para que os estudantes pudessem se beneficiar com o seu ensino. Ele foi, portanto, um caso singular de grande espírito inconformado e impaciente com a rotina, que acabou não se realizando.

O seu livro *Les dents agacées* é de fato excelente, muito bem escrito, com uma finura incrível de exposição, sobretudo na primeira parte, mas para um brasileiro tem momentos constrangedores porque Maugüé relata a sério, como se fossem reais, coisas ridiculamente inverossímeis, que um engenheiro francês seu amigo residente em São Paulo inventava para explorar a sua credulidade e se divertir, como me contou mais tarde um de seu colegas da Missão. Menos inofensivas são certas referências maldosas a amigos que fez aqui e o tratavam com carinho. Digamos que são manchas solares num texto de qualidade.

4. Usos da Filosofia

Quando perdeu o posto diplomático Maugüé pensou em voltar à nossa Faculdade e deve ter se comunicado a respeito com seu grande e fiel amigo Cruz Costa, pois na altura de 1950 e poucos este propôs a sua contratação como professor de Psicologia, tendo sido a proposta combatida na Congregação por uma das antigas alunas que lecionava esta disciplina, segundo ela coisa já bem diferente da visão de Maugüé. Apesar disso a proposta foi aprovada, naturalmente porque ele era alguém integrado na história da Casa. Mas acabou não vindo.

Nessa ocasião deu-se um fato significativo. Estava aqui como visitante o professor Martial Guérout, tão importante para a renovação e consolidação dos estudos filosóficos na Faculdade, ao lado de Gilles Gaston Granger e outros. Creio que ele tinha indicado o nome de Yvon Belaval, jovem e já respeitado na área, e ficou muito aborrecido. Saímos juntos da Congregação, onde eu era representante dos livre-docentes, e ele se manifestou com certa amargura, dizendo que a escolha fora errada e injusta, "*parce que Maugüé n'est pas un philosophe*". Dois ou três dias depois me procurou muito gentilmente a fim de se desculpar pelo desabafo, pois sabia como eu era apegado ao meu antigo professor. Eu lhe disse que não era preciso se desculpar, porque do seu ponto de vista ele tinha razão.

Conto isso para chegar ao que me interessa mais do que tudo nesta entrevista: sugerir as razões pelas quais um professor que não era filósofo no sentido estrito teve papel tão importante em São Paulo na fase inicial do ensino da Filosofia em nossa Faculdade. Importante sobretudo para um certo grupo de moças e rapazes ao qual eu pertencia. Para nós Maugüé foi um mestre formador, porque não queríamos ser filósofos, de modo que a sua visão abrangente e misturada se revelou operativa, na medida em que justificou as nossas vocações de ensaístas e críticos que desejavam ter uma base mais sólida.

A minha geração era ainda muito presa a certo diletantismo e a certa informalidade, própria dos momentos de transição, nos quais o autodidatismo mais ou menos difuso vai sendo substituído pela atitude intelectual especializada e sistemática. Eu, por exemplo, nunca tive cabeça filosófica, porque tenho pouca capacidade de abstração e tendência francamente empírica. Acho que os amigos do meu grupo eram também assim. Depois é que vieram os especialistas, os sistemáticos, que praticaram realmente na Faculdade o tratamento universitário correto da Filosofia e das Ciências Sociais, Para mim a Sociologia era antes de mais nada "um ponto de vista", um instrumento para abordar a literatura, a política, as artes, mais do que uma disciplina científica. Em nossa geração, quem superou o estágio inicial meio incaracterístico e a constituiu como deve ser numa universidade foi Florestan Fernandes. No campo da Filosofia, brasileiros mais velhos do que nós, como João Cruz Costa e Lívio Teixeira, prepararam o caminho, sendo o primeiro deles mais voltado para a história das idéias, e o segundo, mais propriamente filósofo. Depois da guerra, ambos trabalharam para formar uma equipe solidamente arraigada no tratamento sistemático da matéria, e nesse sentido encaminharam para universidades francesas os jovens que transformariam o ensino da Filosofia no que ela deve ser em nível superior. Assim se formaram filósofos realmente filósofos, como José Arthur Gianotti, Oswaldo Porchat, Ruy

Fausto, Bento Prado, um pouco depois Marilena Chauí. Nesse processo foi importante a contribuição dos franceses que vieram depois da guerra, como os dois citados e mais Claude Lefort, Gérard Lebrun, Michel Debrun.

Agora que pus os pontos nos ii e sugeri como éramos naquela etapa inicial, quando Maugüé foi um inspirador que justificou a nossa vocação ensaística graças à concepção aberta com que a Filosofia aparecia no seu ensino, é preciso dizer que ele podia também nos orientar em questões bem definidas e concretas, como no caso da sua opinião transformadora sobre a nossa revista *Clima*, fundada no começo de 1941. Ele a lia e não poupava reparos, dizendo, por exemplo, que era um tijolo massudo, sem arejamento, e que uma revista deve ter setores bem diferenciados, levando o leitor a começar pelo final, com notas curtas, noticiário, resenhas leves, variedades, para só depois chegar aos ensaios longos do começo. Baseados nisso, estudamos a estrutura de revistas como *Europe*, *La Nouvelle Revue Française* e demos à nossa uma flexibilidade que a melhorou muito.

A Filosofia à maneira de Maugüé foi para nós especialmente formadora em boa parte porque ele sabia, segundo a melhor tradição francesa, fazer das aulas sessões atraentes, ágeis, cheias de sedução intelectual. No meu curso de Ciências Sociais tive professores muito

bons e recebi outra influência decisiva, a de Roger Bastide. Mas ninguém tinha o fulgor de Maugüé, a sua flama didática iluminada, embora sóbria, desprovida de ênfase.

A propósito é preciso explicar porque ele escreveu em seu livro com excessiva gentileza que Gilda e eu fomos os seus "melhores e mais caros alunos".

É um amável exagero quanto à primeira parte. Quanto à segunda, deve corresponder ao que sentiu quando soube que ela e eu mantivemos a sua lembrança viva na Faculdade. Pelos anos afora, sempre dissemos ou escrevemos alguma coisa sobre ele, ressaltando a sua importância no tempo da nossa formação. Acho que sem nós ele teria sido completamente esquecido. Os jovens que vieram depois o ignoravam, porque não deixou obra escrita que pudessem consultar, e com certeza o desprezariam "porque não era filósofo". Em seguida foi fundamental a atuação de Paulo Eduardo Arantes, que por causa do que ouvia de nós se interessou por Maugüé e definiu muito bem a natureza da sua atuação num livro importante.

Se para o chamado "grupo Clima" Maugüé deu elementos para cada um definir a sua vocação, acho que do ponto de vista estritamente universitário éramos um começo ainda indefinido, uma espécie de patamar anterior, em termos acadêmicos, com relação aos

que vieram depois e manifestaram o verdadeiro *tonus* intelectual de uma universidade.

Mas a vida é cheia de surpresas.

Entre os meus professores franceses, um dos mais rigorosos sob todos os pontos de vista, um dos que não tinham sombra de diletantismo, era Pierre Monbeig, de Geografia Humana, matéria que sempre me atraiu, que eu estudei bastante e está bem presente na minha tese de doutorado em Sociologia.

De 1964 a 1966 tivemos bastante convivência em Paris, onde eu estava lecionando, e um dia ele me perguntou se na Faculdade "tinham aparecido outros grupos como o de vocês, da revista *Clima*". Respondi que não, que aquilo era coisa do passado, pois a Faculdade tinha entrado na fase mais séria da profissionalização, da especialização, não comportando o tipo de atividade que nos caracterizava. Como quem anuncia sinceramente um progresso, informei que agora sociólogo era apenas sociólogo, filósofo era apenas filósofo, etc. Para espanto meu, ele disse: "É pena!" (*C'est dommage!*). Naquele momento a sombra de Maugüé pairou sobre nós...

5. O amigo

Sendo solteiro, Maugüé se relacionava muito com alunos e colegas, convidando-os freqüentemente para almoçar em sua casa. E como era bonitão, despertou muitas paixões entre alunas e ouvintes, tendo ele próprio se apaixonado sem sucesso umas duas vezes por moças da classe alta, que nos primeiros anos da Faculdade deu muita entrada aos professores franceses. Daí ter ele desenvolvido certo snobismo temporário. Quando entrei na Faculdade em 1939 a voga "social" já tinha passado.

Como amigo era encantador e leal, verdadeiramente interessado nos estudantes com os quais convivia. Tivemos uma grande amizade, freqüentei muito a sua casa e recebi dele demonstrações tocantes de solidariedade e apreço, como a sua atitude quando meu pai morreu precocemente no começo de 1942. Ele foi me visitar, muito sério, e disse que tinha em bancos estrangeiros algumas reservas, que punha inteiramente à minha disposição.

Com isto encerro essas minhas recordações sobre um mestre que eu queria muito bem e teve influência decisiva na minha vida intelectual.

Anexo II

Cronologia

1902 – nasce Jacques Maugüé. irmão de Jean Maugüé.

Uma época de prosperidade familiar em Cambrai.

1904 – nascimento de Jean Maugüé em 15 de setembro.

Uma época de crise familiar.

1905-6 – mudança para Paris, 17^e. *arrondissement*.

1909 – Ensino primário: entrada na *École communale*. “à la tête de la salle.”

1914 – mudança para o *Petit Lycée Condorcet* (*rue d’Amsterdam*). Em pouco tempo, com a ajuda de M. Elbel, Maugüé se tornaria o primeiro aluno de latim de sua classe.

1920 – Ensino secundário: *Grand Lycée Condorcet* (*rue du Havre*). Onde “motive equilibrada a balança entre meus gostos e o que era de mim solicitado” (p. 30). Nas aulas de redação, pastiches de Victor

Hugo e de Théophile Gauthier. "O futuro filósofo das Índias, Lacombe, era meu camarada e modelo de aplicação."

1926 – começa o curso na École Normale Supérieure, quando conhece Merleau-Ponty. "L'apprentissage d'un métier étrange, le métier d'intellectuel."

1932 – nomeação como professor de filosofia para o Liceu de Tulle. Maugüé não chega a assumir o posto, pede licença para trabalhar durante um ano no jornal *L'Echo de Paris*.

1933 – nomeação como professor de filosofia para o Liceu de Montluçon. Maugüé chamará a essa época de *L'odyssée provinciale*.

1934 – Maugüé recebe na manhã de uma segunda-feira, por carta, o convite de Georges Dumas para vir ao Brasil assumir a cadeira de filosofia na recém-fundada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. À época, a universidade funcionava em área reservada dentro da Faculdade de Medicina. Logo passaria para o que hoje conhecemos como

o Colégio Caetano de Campos, na praça da República.

1935 – Jean Maugüé, Pierre Monbeig, Claude Lévi-Strauss e Dina Lévi-Strauss chegam ao Brasil no paquebot Mendoza.

1936 – retorno ao Brasil, depois de 4 meses de férias, de outubro de 35 a fevereiro de 36. Mudança da Faculdade do prédio da Faculdade de Medicina para a praça da República, atual colégio Caetano de Campos.

1937 – Fernand Braudel é nomeado professor no Instituto de Altos Estudos da Sorbonne, Jean Gagé o substituiu. Nesse mesmo ano, chegou também ao Brasil Alfred Bonzon como professor de literatura. Viagem com Lévi-Strauss, René Courtin e Dina Lévi-Strauss até o interior de Goiás.

1938 – Lévis-Strauss e René Courtin são impedidos de voltar ao Brasil depois das férias. Voltam somente Pierre Monbeig e Maugüé.

1939 – Morte de Freud. Maugüé publica “Sigmund Freud” no jornal O Estado de S. Paulo.

1940 – Exposição de Arte Francesa: “150 anos de pintura francesa”, organizada por Charles Chénier (comissário geral do governo francês para a exposição), com o auxílio de Maugüé. Em novembro, Maugüé e os outros professores franceses aderem ao Comitê de São Paulo pela França Combatente, sob orientação, de Londres, do General De Gaulle.

1941 – Maio, publicação do primeiro número da Revista Clima.

1943 – Maugüé parte para a guerra.

1944 – Novembro, publicação do último (décimo sexto) número da Revista Clima.

1945 – Maugüé volta a Paris.

1946 – Maugüé é nomeado pelo Ministério da Relações

Estrangeiras do governo francês sub-diretor para a América, sob direção de M. Dennery, colega de escola de Maugüé. Pouco tempo depois de assumir seu posto, Maugüé é nomeado conselheiro de embaixada em Buenos Aires.

1947 – Fim do ano. Maugüé, doente, tira licença para deixar Buenos Aires e voltar para a casa dos pais em Paris. Maugüé escreverá que foram “os anos mais funestos de minha vida.” [p. 184]

1948 – Maugüé deixa o posto em Buenos Aires e fica à disposição do ministério. Seis meses depois, ainda em 1948, encarrega-se, no Serviço de Relações Culturais do ministério das Relações Internacionais, da administração de estudantes estrangeiros que a França recebia. Segundo ele, o Brasil lhe oferecia a possibilidade de um novo contrato com a USP. Porém, por Cruz Costa, Maugüé fica sabendo que a situação já não era mais tão propícia para os franceses. [p. 185]

1949 – Outubro. A mãe de Maugüé, por problemas cardíacos, ficou acamada.

1950 – Entre janeiro e fevereiro, a mãe de Maugüé faleceu. Foi sepultada no cemitério de Marnes-la-Coquette. Maugüé é nomeado consul geral da França em Salônica, na Grécia. Maugüé se hospeda no hotel Grande-Bretagne, em Atenas. Depois, foi para o hotel Méditerranée, na Macedônia.

1951 – Maugüé volta a Paris. [p. 234]

Maugüé é nomeado para o consulado de Toronto, no Canadá. É o momento da guerra da França com a Indochina.

1953 – Setembro. Morte do pai de Maugüé. Atropelado por uma caminhonete no boulevard Berthier, diante da porte Champerret. Logo após o enterro, Maugüé conheceu pessoalmente o meio-irmão que tinha em Nancy.

Maugüé é destituído do consulado geral francês em Toronto.

Maugüé considera a possibilidade de voltar a lecionar em São Paulo. Em reunião da Congregação da FFLCH-USP, o professor João Cruz Costa propõe a recontratação de Maugüé para a cadeira de Psicologia. A proposta foi aprovada, mas ele acabou não vindo.

Maugüé, em seguida, foi nomeado professor de filosofia para o Liceu Carnot.

1955 – Lévi-Strauss publica *Tristes tropiques*. Em maio, cai a Resistência na Indochina (?)

1966 – Maugüé ganha uma passagem para um grande “périple”: Brasil, México e Estados Unidos.

1980 – Maugüé sofre um infarto em Royan.

1982 – *Les dents agacées* é publicado pelas Editions Bouchet-Chastel.

1991 – Maugüé, vítima de um infarto, morre em Paris, aos 87 anos.

Anexo III

O QUE É A FILOSOFIA?

Índice dos manuscritos relativos aos cursos de Jean Maugüé

Introdução	1
Relações entre a ciência e a filosofia	6

I. Psicologia

(considerações sobre *Matéria e memória* de Henri Bergson)

1. A alma e o corpo (introdução)	14
2. A alma e o corpo em Platão	17
3. O corpo	20
4. Vida representativa e vida afetiva	24
5. A sensação	26
6. A consciência	34
7. O paralelismo psico-fisiológico	41
8. A associação de idéias	45
9. A percepção	49
10. Merleau-Ponty e a magia da percepção	55
11. O problema do erro	63
12. Natureza e condição	70
13. A memória	73
14. O romantismo bergsoniano	88

II. Psicologia clássica e psicologia concreta

1. A introspecção	94
2. A consciência	102
3. A fenomenologia da consciência	105
4. Consciência moral e consciência psicológica	110
5. A vida afetiva	113
6. O desejo	115
7. As tendências	119
8. O prazer e a dor	123
9. A filosofia do prazer e da dor	126
10. As emoções	131
11. Os sentimentos	137
12. A sociedade	143
13. A vontade	152
14. A personalidade	157
15. O conhecimento de si	160
16. A linguagem	164
17. A querela dos universais	169
18. O juízo	172
19. Linguagem e pensamento	179

20. A razão	182
21. A razão dialética	195
23. Notas sobre Kant e o existencialismo	207
24. O instinto e a inteligência	209
25. A interpretação bergsoniana do instinto	213
26. Instinto e simpatia	219

III. História

1. <i>Historia res gestus</i> (o que os Homens fizeram)/ <i>Historia rerum gestarum</i> (o que faz o historiador)	222
2. O problema moral	235
3. A responsabilidade	240
4. A ordem	249
5. O dever e o direito	253
6. O direito	258
7. O contrato social	262
8. A justiça e a caridade	272
9. O trabalho	277
10. Notas sobre o materialismo histórico	282
11. A família	286
12. A pátria	294
13. O estado	301

IV. Liberdade

1. A liberdade	305
2. Liberdade e determinismo	313
3. A liberdade sartriana	319
4. A matéria e o espírito	324
5. A dúvida, a crença, a certeza	328
6. Deus	337
7. A ciência é determinada ou não?	347